



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

**Departamento de Sociologia**

## **A ÁGUA DÁ, A ÁGUA TIRA**

### **GESTÃO SOCIAL DOS EXTREMOS DA ÁGUA (SECA E TORRENCIALIDADE) NO BARROCAL ALGARVIO**

Sónia Guerreiro Tomé

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Mestre em Sociologia

Orientador: Professor Doutor Pedro Prista

Lisboa  
Junho 2008

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

**Departamento de Sociologia**

## **A ÁGUA DÁ, A ÁGUA TIRA**

**GESTÃO SOCIAL DOS EXTREMOS DA ÁGUA (SECA E TORRENCIALIDADE) NO  
BARROCAL ALGARVIO**

Sónia Guerreiro Tomé

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Mestre em Sociologia

Orientador: Professor Doutor Pedro Prista

Lisboa

Junho 2008

## **Resumo**

A presente tese procura conhecer e aprofundar o modo como no Barrocal Algarvio, zona clássica de regime torrencial, se gerem as situações de seca e torrencialidade em prol de uma agricultura tradicional de sequeiro e de regadio. Inseridos os estudos de caso de referência – o *Regadio do Nascente* e as *hortas da Ribeira das Mercês* – nos usos agrícolas da água, em correspondência com a pequena agricultura familiar de subsistência, procura-se através da análise da gestão social da água de rega de uso comum compreender algumas dimensões sociais (económica, jurídica, relacional, simbólica e outras) da sociedade do Alto Barrocal incluída nas freguesias de Querença, Tôr e Salir do concelho de Loulé, sobretudo do ponto de vista do agricultor. Manter activo *o uso comum da água* no fundo dos vales, zonas tradicionalmente privilegiadas do ponto de vista dos recursos hídricos, pode significar para as gentes do Barrocal o acautelar de um recurso indispensável a um futuro que se afigura incerto. Incerto do ponto de vista da auto-subsistência familiar, incerto do ponto de vista do recurso água.

## **Palavras-chave**

Gestão social da água; água de rega de uso comum; incerteza; risco; cultura da água; sistemas tradicionais de gestão da água; Barrocal Algarvio; cultivos de sequeiro; hortas familiares; identidade.

## Summary

This text aims to examine and find out how draught and torrential downpour situations are managed according to traditional practices of rainfed and irrigated farming in the Algarvian Barrocal region, which is a typical torrential flow regime area. By examining the social management of the common use of irrigation water, it aims to understand the social dimensions (economic, legal, relational, symbolic and others) of the people of Alto Barrocal in the Querença, Tôr and Salir parishes in the Loulé municipal council, particularly from the viewpoint of the farmer, with reference case studies – the *Regadio do Nascente* [Spring Irrigation] and the *hortas da Ribeira das Mercês* [kitchen gardens of Ribera das Mercês] – included in the agricultural use of water with relation to small, family-run subsistence farms. Maintaining an active *common use of water* in the valley bottoms, which usually have greater water resources, could mean the protection of this essential resource for the people of Barrocal in the uncertain future. Uncertain from the standpoint of the self-subsistence of farm families, uncertain from the standpoint of water resources.

## Keywords

Social management of water; common use of irrigation water; risk; water culture; traditional water management systems; Algarvian Barrocal; rainfed farming; family kitchen gardens; identity.

**Aos meus Antepassados,  
Aos meus Pais**

## **AGRADECIMENTOS**

Concebido com a ajuda de muitas pessoas, num percurso longo e nem sempre fácil, mediado pela sua projecção, recolha e organização de dados, concepção de um texto e de uma conclusão, muitas foram as dívidas que contraí. Agora, ao devolver-lo num documento que se constitui como trabalho científico (tese), quero demonstrar publicamente a minha gratidão para com quem contribuiu, cada qual a seu modo, para o tornar possível:

Um agradecimento muito especial, vai em primeiro lugar, para todos os habitantes do Alto Barrocal, residentes nas Freguesias de Querença, Tôr e Salir, que deram o seu testemunho mas também o seu carinho e afecto apoiando-me incondicionalmente, do início ao fim da pesquisa, nos bons e nos maus momentos. Igualmente incondicional foi o apoio do Professor Doutor Pedro Prista orientador científico deste trabalho, e cuja Tese de Doutoramento foi para mim, desde o início, uma fonte contínua de inspiração.

Estou muitíssimo grata à Câmara Municipal de Loulé, nas pessoas do seu Presidente e Vice-Presidente, Dr. Sebastião Seruca Emídio e Eng.º José Graça, respectivamente, pelo apoio monetário concedido na fase de recolha deste trabalho, num momento crucial do seu desenvolvimento.

Em Querença quero ainda agradecer à Junta de Freguesia, à Fundação Manuel Viegas Guerreiro e à Associação de Bem Estar aos Amigos de Querença que em diversos momentos da realização deste trabalho foram de um auxílio precioso.

No ISCTE quero agradecer ao Professor Doutor António Firmino da Costa pela coragem transmitida aquando do início da Pós-graduação em Sociologia em 2004.

Às Doutoras Antonella Invernizi e Ana Romão (sociólogas) com que dei os primeiros passos na investigação e na escrita científica no âmbito das Ciências Sociais. E com quem (a trabalho) tive a oportunidade de conhecer o Algarve na sua diversidade de gentes e paisagens.

À amizade dos Antropólogos Dr. Luís Filipe Maçarico e Dr.<sup>a</sup> Eglantina Monteiro pelo apoio e incentivo ao longo dos anos.

Por fim, um profundo agradecimento aos meus pais, Filomena e Sebastião, e ao Paulo Serrão, pela paciência e acompanhamento durante todo o processo.

## ÍNDICE GERAL

Resumo.....	3
Agradecimentos.....	6
Índice de quadros e figuras.....	9
Introdução.....	10

## PARTE I – O BARROCAL ALGARVIO

1. O Barrocal na diversidade regional do Algarve.....	21
2. Hortas e regadios do Barrocal – Revisão bibliográfica.....	31

## PARTE II – ÁGUA, HORTAS E IDENTIDADE

3. A água no calendário agrícola do Barrocal.....	47
3.1. A água e o ciclo do sequeiro – A fava.....	48
3.1.1. Favas de <i>barrocal</i> .....	49
3.1.2. Favas de horta.....	51
3.1.3. A fava na alimentação.....	55
Reflexão Final 1.....	57
3.2. A água e as culturas de regadio – A horta.....	58
3.2.1. Sementeiras, regas e colheitas.....	58
3.2.2. A lavra.....	63
3.2.3. A rega: um jogo complexo de controlo da água.....	65
3.2.4. A mulher e a rega.....	73
Reflexão Final 2.....	75
Anexo A.....	77
4. “Viver dentro das hortas” .....	85
4.1. O Almarginho de Salir – resenha histórica e geográfica.....	85
4.1.1. O Almarginho no século XXI.....	87
4.2. Hortas do Almarge.....	88
4.3. O Regadio do “ <i>Nascente</i> ” – Ano agrícola 2005/2006.....	89

4.3.1. Aspectos gerais.....	89
4.3.2. As infra-estruturas de rega.....	93
4.3.3. O funcionamento do regadio.....	95
4.3.4. Caracterização social dos regantes e respectivas parcelas regadas (PR).....	101
4.3.5. Solidariedade e cooperação entre regantes.....	111
4.3.6. Diminuição da área de regadio – Interferências externas.....	115
Reflexão Final 3.....	118
Anexo B.....	121
5. “ <i>Há sempre quem cultive</i> ”.....	129
5.1. Hortas da Ribeira das Mercês – Freguesia de Querença.....	129
5.1.1. A cheia de 20 Dezembro 2005.....	131
5.1.2. Processo(s) de recuperação das hortas afectadas pela cheia.....	137
5.2. A horta ontem e hoje.....	139
Reflexão Final 4.....	144
Anexo C.....	145
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>147</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>156</b>
<b>Anexo Fotográfico.....</b>	<b>162</b>

## Índice de Figuras e Quadros

## Figuras

1. O ciclo anual da fava no Barrocal (sementeiras e colheitas) - Ciclo tipo.....	78
2. O ciclo anual da horta no Barrocal (sementeiras e colheitas mais comuns) - Ciclo tipo.....	82
3. Organização da rega em leiras.....	83
4. Organização da sementeira em leiras.....	84
5. Variação do caudal do <i>Nascente</i> entre 1978 e 2006.....	116
6. Variabilidade inter-anual da precipitação em Portugal Continental entre 1931 e 2006.....	116
7. Localização geográfica do concelho de Loulé e respectivas freguesias na região Algarvia....	122
8. Localização dos principais regadios colectivos com <i>águas de rojo</i> localizados entre o Almarginho de Salir e o Almarjão de Querença.....	123
9. Enquadramento territorial do regadio do <i>Nascente</i> na Freguesia de Salir.....	125
10. Identificação das zonas de horta circundantes ao Almarginho.....	126
11. O regadio do <i>Nascente</i> e respectivas parcelas regadas.....	127
12. Genealogia do parentesco entre os regantes do <i>Nascente</i> .....	128
13. Conjunto de hortas afectadas pela cheia da madrugada do dia 20 de Novembro 2005 na Ribeira das Mercês, Freguesia de Querença.....	135
14. Artigo do jornal <i>Correio da Manhã</i> do dia 7 de Dezembro 1994.....	145

## Quadros

1. A métrica da chuva e outros termos relacionados.....	79
2. Previsões do estado do tempo.....	80
3. Modos de agir sobre o estado do tempo.....	81
4. Caracterização do regadio do <i>Nascente</i> (Mina 1) – Ano agrícola 2005/2006.....	92
5. Caracterização social dos regantes do <i>Nascente</i> (quadro síntese).....	102
6. Principais regadios colectivos com <i>águas de rojo</i> localizados entre o Almarginho de Salir e o Almarjão de Querença – Caracterização geral.....	124



## **PROBLEMÁTICA**

Com o fim da preponderância do sector primário na vida das Sociedades Ocidentais, a água sofre uma mudança profunda nos quadros da sua valorização, sobretudo desde o 2.º pós-guerra. Em Portugal, essa mudança ocorreu muito mais tarde e de uma forma que se foi arrastando com lentidão desde finais da década de 50 até à actualidade. Por um lado, o declínio do sector primário reconfigurou todos os parâmetros da cultura da água, por outro, a concentração urbana e o desenvolvimento industrial ampliaram muito os valores estratégicos da água e das estruturas de abastecimento e saneamento. Sendo assim, a pequena agricultura familiar e de subsistência sobre a qual assentava em larga parte a cultura tradicional da água teria arrastado no seu fim os processos de transmissão dessa cultura. Apesar de ser esse o caso, com muita frequência o processo está longe de ser linear. Para além das funções utilitárias, das quais muitas se mantêm activas mesmo que de forma residual, outras funções sociais sustentam a transmissão de culturas tradicionais da água. Acresce ainda a importância que questões ambientais (relativamente recentes) vieram trazer a estas culturas, que guardariam a chave de uma sábia gestão sustentada de um recurso que passou a estar no fulcro das preocupações estratégicas a todas as escalas, da global até à local. Por essa razão é hoje tão aceso o interesse pelos sistemas tradicionais de gestão da água envolvendo todas as suas dimensões simbólicas, jurais, imaginárias, políticas, económicas, enfim sociais.

Este interesse renovado pelo estudo dos sistemas tradicionais do uso da água, sublinha as dimensões sociais e culturais do problema mesmo quando a sua motivação parte de outros campos disciplinares, e encontra importantes antecedentes nos estudos clássicos sobre o papel da gestão da água nos sistemas de organização social. Em Portugal, os estudos sociais sobre a água, para além dos predominantemente técnicos e jurídicos, desenvolveram-se no âmbito da antropologia, e mais especificamente sobre quatro grandes temas: os efeitos da construção de barragens; os estudos de carácter religioso que por sua vez se ligam às fontes, aos cultos e a águas termais; os de carácter tecnológico sobretudo quanto a sistemas de elevação de água e de aplicação mecânica; e os que incidem sobre regadio e regulação social de partilha de águas. São estes últimos que mais directamente respondem às actuais preocupações de inspiração ambiental sobre o valor, as representações e os usos sociais da água. Sobre este tema, convergem aliás praticamente todos os outros e é ele o fulcro da problemática que iremos abordar.

A problemática geral da presente tese – *modos de lidar com situações de seca e de torrencialidade* – insere-se no campo de estudos sobre a *gestão social da água*. Estes estudos encontram-se associados a uma longa tradição de pesquisas sobre os regimes sociais de controlo de água de uso agrícola, tendo-se revelado um campo óptimo para entender processos sociais como a rivalidade, o conflito, a cooperação e a solidariedade. Entre nós é fundamental o trabalho de Fabienne Wateau (1989, 1994, 1996a, 1996b, 1998a, 1999, 2000, 2002, 2006).

Em *Conflitos e Água de Rega: ensaio sobre a organização social no vale do Melgaço*, Wateau (2000) estuda o papel da água na organização social de uma comunidade camponesa do Alto Minho (Melgaço), em concreto o papel da água de rega (estival) de uso comum. Enfraquecido o valor económico do regadio na economia local, tendo em conta a perda de importância da actividade agrícola nas últimas décadas do séc. XX, os conflitos por causa da água (numa região onde a água é abundante) não só persistiram como passaram a revestir-se sobretudo de um valor simbólico, funcionando como regulador social, visando acima de tudo a reafirmação da identidade colectiva. Nesta sociedade do Alto Minho, considerada homogénea pela autora, possuir direitos de água no Verão é sinónimo de uma origem e enraizamento no território, conferindo prestígio aos seus possuidores. Assim, baseando-se na obra de Marcel Mauss<sup>1</sup>, a autora classifica a rega como um *facto social total* por abranger todos os domínios da vida social, onde se inter-cruzam o jurídico, o económico, o religioso, o parentesco, a ética e as representações simbólicas. Neste estudo, a importância social e cultural da água de rega vai muito para além do mero valor utilitário na produção agrícola.

No artigo «A Diluição do Consenso: A Água, de ‘Fonte de Vida’ a ‘Património Colectivo’», Jean-Yves Durand (2003) toma em consideração um aspecto fundamental para o estudo da temática “água e sociedade”. Deriva este aspecto das características do comportamento mecânico do próprio fluido, ou seja a sua *capacidade solvente* (de dissolução) que o torna num bem altamente variável no espaço e no tempo. Segundo nota o autor, é em resultado desta característica, conjuntamente com as modalidades e dimensões dos fenómenos meteorológicos, que o seu controlo escapa com frequência ao alcance humano, resultando daí a necessidade da sua gestão social quer se trate de recursos hídricos escassos ou excessivos, traduzida esta gestão sócio-técnica em regras de apropriação, de repartição e de uso, originando muitas vezes o conflito.

---

<sup>1</sup> MAUSS, Marcel (1985 [1950]), «Essai sur les variations saisonnières des sociétés eskimos. Etude de morphologie sociale», in : *Sociologie et Anthropologie*, Paris, Quadrige, P.U.F.

O reactivar na actualidade do interesse por estudos sobre a água produzidos no âmbito do quadro disciplinar antropológico das sociedades rurais (já atrás referidos) tem sido motivado pela qualificação geral da “*água como um problema*” face à questão do risco hidráulico (cheias, aluimentos...) e do risco ecológico natural ou antrópico (escassez, poluição...). Motivações que segundo este autor remetem para a ideia de *património* colectivo em que hoje também se incluem as águas e algumas infra-estruturas hidráulicas. Durand chama ainda a atenção para algumas consequências negativas da transformação dos laços entre água e sociedade em resultado de processos culturais como a *globalização* e a *rurbanização*, como é o caso do abandono em que se encontram votadas determinadas infra-estruturas hidráulicas (minas, levadas, poças, etc.), podendo resultar em pequenas catástrofes a nível local. Aspectos que incitam a abordagens renovadas da temática da água.

Nesta nova linha de questionamentos, as consequências negativas das alterações climáticas (o aquecimento global resultante do efeito de estufa) sobre os escassos recursos de água doce a nível global, induziu especial atenção a todos os contextos sociais historicamente habituados a gerir situações extremas deste recurso. Assim, o referente empírico aqui seleccionado para estudar a gestão social das alternâncias dos extremos da água, seca e torrencialidade, corresponde ao Barrocal Algarvio na sua zona central, coincidindo com os limites administrativos do Concelho de Loulé. Por um lado por se tratar de uma zona de regime torrencial clássica, por outro, por possuímos na região antecedentes de trabalho.

Tomando os trabalhos de Wateau (2000) como ponto de partida, formulamos assim algumas questões orientadoras da presente pesquisa:

Sendo a água de rega decisiva na época estival, até que ponto através da análise da sua gestão se revelam algumas das características da sociedade do Alto Barrocal? Nessa relação (água de rega e sociedade) qual o papel desempenhado pelas hortas tradicionais? No que se refere à água de rega de uso comum, em que medida esta se constitui ou não, no Barrocal Algarvio, como meio de reafirmação de identidades? Por outras palavras, que significado tem hoje esse uso comum da água quando predomina o regime de águas privadas? De que forma as gentes do Barrocal tiram partido das contingências de um clima tipicamente mediterrânico e do seu regime torrencial, no contexto de uma agricultura tradicional de sequeiro e regadio? Como se organiza socialmente a resposta à escassez e ao excesso?

## A ESCOLHA DE UM OBJECTO DE ESTUDO

A escolha do tema geral que preside à problemática desta Dissertação está por um lado intrinsecamente relacionada com o programa museológico do PMAQ<sup>2</sup>, constituindo-se a partir de uma das suas linhas de pesquisa, *hortas e regadios colectivos*, onde a *água* aparece como elemento central do Património Rural do Barrocal. Por outro lado, a escolha do tema regeu-se pelos acontecimentos mais significativos que ocorreram durante o espaço de tempo que mediou as primeiras incursões ao terreno e o delineamento da pesquisa:

Estávamos no Verão de 2005, o Trabalho de Campo iniciou-se com a inquietação geral da população pela falta de água provocada pela seca (considerada extrema) que perdurava desde 2004. As fontes e as ribeiras secaram, faltava água para o consumo doméstico e para o uso agrícola, vivia-se então num stress hídrico. Esta situação agravou-se com a frequência de incêndios na região e a necessidade de água para os apagar. Felizmente o Outono trouxe as primeiras chuvas que vieram beneficiar as azeitonas que por pouco não se perdiam. Porém, em Novembro, a contrastar com o estado de seca extrema em que se encontrava a região e o país, choveu torrencialmente, trazendo enxurradas a algumas ribeiras do Barrocal, provocando a destruição de hortas dispostas nas suas margens; situação que piorou devido à falta de limpeza em que se encontravam então os leitos das ditas ribeiras. A completar o quadro, em finais de Janeiro 2006, caiu neve na Serra do Caldeirão! Assim, num curto espaço de tempo sucederam-se um conjunto de fenómenos climáticos extremos à semelhança dos ocorridos em 1945 na região.

Enquanto realidade em trânsito, a água não pode ser estudada obedecendo aos limites administrativos de uma única freguesia, assim como as memórias dos seus habitantes ultrapassam em muito essa fronteira territorial pequena e limitada. Posto isto, privilegiou-se a leitura transversal do território Concelhio abrangendo três das suas 11 freguesias (Querença, Tôr e Salir<sup>3</sup>), enquanto limite territorial mínimo capaz de permitir observar continuidades, descontinuidades e interferências, no estudo da gestão social da água (a nível micro) envolvendo ao mesmo tempo um conjunto significativo de actores, uns a montante e outros a jusante. Além disso, procurou-se a um nível mais geral (macro), compreender como se articula a vida social local em torno de um recurso incerto e territorialmente situado, até escalas longínquas ou mesmo desconhecidas.

---

<sup>2</sup> Prista, Pedro (2005), *Pólo Museológico da Água em Querença. Programa Museológico*, Policopiado.

<sup>3</sup> Ver Figura 7, Anexo B.

Deste modo, as escalas de observação privilegiadas no contexto da Bacia Hidrográfica das Ribeiras do Algarve foram três: 1) o *Sistema Aquífero Querença – Silves* enquanto substrato; 2) o conjunto *Almarjinho – Almarjão*, duas povoações localizadas nos extremos do território seleccionado, o primeiro na freguesia de Salir, o segundo na freguesia de Querença; 3) Por fim, os estudos de caso – o *regadio do Nascente* e as *hortas do Zavedo* na Ribeira das Mercês – constituem-se como a terceira escala de análise, cada qual também com localização num dos extremos do território seleccionado, entre os quais se interpõe uma sucessão de terras altas e baixas.

### CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO

Depois do período de seca e de torrencialidade socialmente conturbados, e após algumas semanas de *boa chuva*, em Março a renovação das hortas fez-se com a tranquilidade de haver água na próxima época seca. Observaram-se então as primeiras sementeiras e colheitas, partindo-se das culturas de sequeiro para as de regadio nas hortas. Aqui armaram-se, desarmaram-se e rearmaram-se *os canteiros* da horta diversas vezes ao longo do ano. A chuva frequente fez de 2006 um ano de palha e muita erva, revelando-se um bom ano agrícola ao contrário do anterior em que a palha atingiu valores muito altos. As atenções centraram-se por um lado no funcionamento do regadio do *Nascente* no *Almarge* (freguesia de Salir), por outro, no extremo do território em análise (freguesia de Querença), acompanhou-se a reposição das hortas que ladeiam a *Ribeira das Mercês* afectadas pela cheia ocorrida em finais de 2005.

Sendo no seio dos usos agrícolas da água que situamos os casos de estudo de referência, o calendário agrícola anual do Barrocal constituiu-se como fio condutor do andamento do trabalho de campo, seguindo-se regularmente as idas de homens e mulheres às hortas (num total de 29 hortas observadas). A maior dificuldade sentida no terreno prendeu-se com a aprendizagem dos ritmos e linguagem da actividade agrícola, ritmos que estão dependentes em primeiro lugar das condições climatéricas, depois da disponibilidade dos agricultores. Condicionismos que tornaram necessário prolongar as observações por 2 anos agrícolas consecutivos, finais de 2005, 2006 e parte de 2007, embora seja o ano de 2006 o ano de referência.

### Estratégias Metodológicas

A matriz metodológica do Trabalho de Campo aqui privilegiada assentou sobretudo na permanência prolongada do investigador em contexto de pesquisa, no recurso à observação directa participante, na perspectiva etnográfica e utilização sistemática do Diário de Campo. Não tendo sido descartados outros tipos de estratégias de recolha de informação sempre que se justificou: a consulta e pesquisa bibliográfica aprofundada; a realização de entrevistas formais e informais; recenseamentos e o manuseamento de mapas.

A tarefa de registo e recolha de informação foi em muito facilitada pelo uso sistemático de uma câmara de filmar ao longo de todo o Trabalho de Campo. Estimulando por um lado a participação das gentes, por outro, agilizando o registo das *acções* e *verbalizações* dos informantes principalmente em contexto de horta, uma realidade sempre fugidia e por vezes imprevisível.

#### A experiência etnográfica no local de residência

##### – Objectividade e distanciamento –

No acesso a um *'terreno familiar'*, correspondendo este ao local de residência habitual do investigador, consideramos que a família a que se pertence constitui um ponto de referência social obrigatório, pelo menos em pequenas localidades semi-rurais. Ou seja, é a partir das relações familiares que inicialmente se estruturam boa parte dos contactos a emprender, podendo provocar inibições mas também facilitar no relacionamento, agilizando entrevistas, fornecendo pistas de análise. Embora tivessem sido sempre pertinentes as regras básicas do trabalho de campo, nomeadamente *dar tempo* a que as pessoas pudessem decidir se queriam ou não participar no estudo, a diplomacia do investigador, a paciência, etc., etc.

Se no acesso à informação as vantagens são óbvias, no que se refere à objectividade e ao distanciamento requeridos na *ruptura com o senso comum*, as dificuldades podem ser acrescidas. Porém, conscientes disso, foram permanentemente tidas em consideração as três condições consideradas fundamentais para romper com pré-noções: a *relativização dos fenómenos*, a *relacionação dos factos* e a *colocação em causa de conhecimentos adquiridos* (Silva, 2001).

Além disso, julgamos serem atenuantes dessas interferências, anteriores experiências de investigação nas diferentes sub-regiões que compõem o Algarve, que dada a sua diversidade funcionaram como termo comparativo. Por seu turno, apesar de pertencer a uma

família com ligações à terra, o distanciamento da investigadora face aos trabalhos agrícolas, sobretudo às hortas, permitiu uma observação distanciada, mas facilitada ao mesmo tempo, pela familiaridade com alguns dos entrevistados. Dispor de um leque vasto de informantes contrabalançou assim com as desvantagens normalmente apontadas às estratégias de pesquisa intensiva por levantarem dificuldades de generalização e representatividade.

No entanto, temos presente que, qualquer que seja a posição assumida por um investigador no terreno, esta vai condicionar inevitavelmente a pesquisa e os seus resultados. De facto, a investigação empírica não constitui o registo neutro e passivo da realidade: por um lado, o cunho pessoal do investigador nunca está totalmente ausente (Velho, 1987); por outro lado, os meios de trabalho utilizados por uma determinada ciência num momento dado – conceitos, métodos e técnicas – condicionam quer a forma de perguntar, quer os limites da resposta (Almeida e Pinto, 1995).

#### **A ORGANIZAÇÃO DO TEXTO**

O corpo da tese encontra-se dividido em 5 secções: *Introdução, Parte I, Parte II, Conclusão e Anexo Fotográfico*. A *Parte I* inclui os dois primeiros capítulos que são sobretudo capítulos de contextualização baseados na bibliografia regional. No Capítulo 1, procede-se à caracterização do substrato territorial onde decorreu o Trabalho de Campo. No Capítulo 2 faz-se uma revisão crítica dos estudos existentes sobre as hortas e regadios do Barrocal com o intuito de, por um lado, situar o nosso estudo no conjunto de pesquisas já efectuadas sobre hortas e regadios Algarvios, por outro, lançar a partir desses estudos novas questões. Nesta revisão são mencionados hortas e regadios de outras zonas do Algarve, de forma a estabelecerem-se comparações, e assim melhor compreender as hortas do Barrocal na sua especificidade.

A *Parte II – Água, Hortas e Identidade* – encontra-se subdividida em três capítulos (o capítulo 3, o capítulo 4 e o 5), concebidos basicamente a partir dos dados etnográficos recolhidos no terreno, cada um contendo no final uma ou duas *reflexões finais*, e respectivos anexos.

No Capítulo 3 – *A água no calendário agrícola do Barrocal* – analisam-se as dinâmicas inerentes ao ciclo da fava no sequeiro e ao ciclo da horta dispondo de água de rega, sendo que tais dinâmicas são influenciadas quer pelas condições meteorológicas, variando ao longo do ano e de ano para ano, quer pelos conhecimentos agrícolas, disponibilidade e sentido de oportunidade de cada agricultor(a). Apesar das cautelas, as pessoas ora precipitam-se, ora

atrasam-se, havendo sempre aspectos que podem fugir ao seu controlo por mais atentas que estejam aos sinais da natureza.

No Capítulo 4 – “*Viver dentro das hortas*” – tomando como local de observação específico as hortas do *Regadio Nascente*, freguesia de Salir, começa-se por descrever a sua inserção territorial, prosseguindo-se com a explicação do seu funcionamento técnico, centrando-nos depois em pormenor na gestão social da água de rega de uso comum. Na sua vertente social analisam-se sobretudo as cooperações que se estabelecem entre regantes.

No Capítulo 5 – “*Há sempre quem cultive*” – completando o círculo das observações efectuadas para o limite territorial seleccionado, na Ribeira das Mercês, freguesia de Querença, descreve-se detalhadamente a cheia de 20 de Novembro de 2005, sobretudo os trabalhos de recuperação nas *hortas do Zavedo* pelos agricultores. Numa segunda parte, tecem-se considerações sobre as motivações das gentes do Barrocal para continuar a cultivar.

Na *Conclusão*, além da revisão de cada capítulo, efectua-se uma reflexão de conjunto dos conteúdos abordados ao longo da tese.

Finalmente, o *Anexo Fotográfico* vem apenas ilustrar o que as palavras podem não ter conseguido exprimir, tratando-se sobretudo de uma partilha com o leitor. A organização das 11 fotografias segue quase sempre a sequência cronológica dos acontecimentos, não coincidindo necessariamente com a sua alusão ao longo do texto.

**PARTE I**

**O BARROCAL ALGARVIO**

*“Vai um Português com um Espanhol, diz ele assim: ‘Hombre este ano tenho Dios preso por um pé’. Diz o Português: ‘Como é que tu fizeste isso, oh? Prenderes Deus por um pé?’. ‘É que ele o ano passado enganou-me, tinha semeado as baixas, choveu, choveu, fiquei sem nada’. As coisas alagaram. ‘Mas este ano não, ele está enganado comigo, se vier muita água tenho as altas também” que é os terrenos altos que não alagam. (...) Veio de lá uma chuvada nas baixas, alagou tudo, (...) depois veio de lá uma seca...nas alturas também não deu nada! Diz ele assim: ‘Hombre quando Dios não quer, não há nada a fazer!’.”\**

Ti Mendes, 77 anos, Almarginho,  
Freguesia de Salir, 6 Fevereiro 2007

\* Esta história é sobejamente conhecida entre as gentes do Barrocal em estudo (pessoas com mais de 50 anos). A presente versão foi a mais completa registada em Diário de Campo.

## CAPÍTULO 1

### O BARROCAL NA DIVERSIDADE REGINAL DO ALGARVE

---

#### I

Neste relevo contrastado de terras **altas** e **baixas**, onde quer que nos posicionemos, no horizonte como pano de fundo, avistam-se cerros por todos os lados. As terras baixas ou várzeas aluviais apertadas entre serras e planaltos formando vales de extensões e altitudes variáveis, amiúde rasgados por ribeiras, são locais naturalmente propícios ao regadio. Clima de Verões longos, quentes e secos, e Invernos moderados. As chuvas distribuídas de modo irregular ao longo do ano, com especial incidência no Outono, Inverno e Primavera, geralmente de curta duração, não raro caem de ímpeto fazendo transbordar ribeiras, ribeirinhos e barrancos arrastando materiais aluviais para jusante, para em seguida regressar acalmia e o sol brilhar, não tardando alguns leitos a secar. Alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras e oliveiras, às quais se acrescenta o cultivo da fava, da ervilha, do grão-de-bico, etc., de desenvolvimento favorável na predominância dos terrenos calcários, secos e íngremes, imprimem originalidade à paisagem, constituindo o aspecto dominante da economia tradicional.

Eis o retrato geral que Orlando Ribeiro fez do mundo Mediterrâneo na primeira metade do século XX (1941) em *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, cuja descrição tão bem se ajusta à região Algarvia e em particular ao Barrocal. No entanto, na mesma obra, Orlando Ribeiro acrescenta que, no seio daquele quadro geral existem diversidades. E é precisamente sobre essas diversidades que nos iremos debruçar seguidamente, primeiro no que concerne ao Algarve em geral, depois no que respeita ao Barrocal em particular, baseando-nos para tal no conjunto de autores que o descreveram, problematizaram e teorizaram.

#### II

O Algarve foi ao longo dos últimos séculos alvo dos mais variados estudos. Entre os temas de maior efervescência contam-se a caracterização da região na sua diversidade de paisagens, climas, cobertos vegetais, actividades económicas, gentes e costumes. Esta diversidade de contornos nem sempre fáceis de discernir, originou classificações distintas da

região, sobretudo no que se refere à sua delimitação sub-regional, cuja articulação tem sido também (mais ou menos) discutida.

*Serra, Barrocal e Litoral* são as 3 sub-regiões naturais, dispostas longitudinalmente no sentido Norte/Sul, em que mais comumente se tem dividido o Algarve (Bonnet, 1850; Ribeiro, 1941; Ferro, 1956; e outros). No entanto, é amplamente considerado que esta divisão tripartida não reflecte suficientemente a diversidade observada na região. Assim, outras classificações surgem a dividir o Algarve, desta feita no sentido vertical (de poente para nascente): *Barlavento e Sotavento; Algarve Ocidental, Central e Oriental* (Cavaco, 1976). Cada qual, associada a morfologias de paisagem e de clima com utilizações e ocupações agrícolas distintas.

Visto do céu, pelas características da sua orografia, o Algarve assemelha-se a um amplo *anfiteatro* voltado para o mar. Os relevos íngremes da Serra vão diminuindo de altitude à medida que nos dirigimos para Sul, dando lugar às colinas do Barrocal também sempre descendentes, a partir de onde se espraiam os terrenos baixos do Litoral até ao mar. São as características do relevo e a proximidade do oceano que lhes vão introduzindo as principais diferenças (Feio, 1949).

Ocupando uma posição intermédia nas escadarias desse anfiteatro, posicionado entre a Serra e o Litoral, o Barrocal assemelha-se a uma faixa *lenticular*, estreita junto ao Cabo de S. Vicente, de onde se estende até ao lado norte de Tavira terminando em bico perto de Cacela (Bonnet, 1850; Stanislawski, 1963), atingindo maior amplitude na parte central do Algarve. Aqui, a arboricultura de sequeiro, figueiras, alfarrobeiras, amendoeiras e oliveiras dispostas por entre afloramentos calcários têm no conjunto da região o seu máximo desenvolvimento.

A norte, fazendo fronteira com o Alentejo, erguem-se de este para oeste os dois sistemas orográficos principais do Algarve, a Serra do Caldeirão (589m) e a Serra de Monchique (Foia-902m). Como a altitude favorece a *condensação*, nestas serras chove mais que em todo o Algarve, principalmente em Monchique<sup>1</sup> pela sua maior altitude e proximidade ao Oceano Atlântico (Feio, 1949). No entanto, sendo o Barrocal uma faixa do território Algarvio cuja extensão máxima corresponde à Região Centro, é sobretudo com a Serra do Caldeirão que estabelece interligações de vária ordem, por isso é a ela que nos referimos sempre que mencionarmos apenas o termo Serra.

---

<sup>1</sup> O tipo de solo constitui-se como elemento diferenciador entre os dois sistemas. Ao contrário do Caldeirão, em Monchique, os solos de *sienito* por natureza mais profundos e permeáveis às águas pluviais, tornaram possível o cultivo de muitas hortas dispostas em socacos encaixados nos declives. A abundância de água deu ainda origem a práticas termais com fins terapêuticos, a partir das quais se desenvolveu um turismo especializado (Carvalho, 1939).

Os solos do Caldeirão compostos essencialmente por *xistos* e *grauvaques*, pobres e pouco profundos, são por natureza impermeáveis, por onde se escoam superficialmente a quase totalidade da água, que apenas entra na terra no fundo de vales tortuosos onde se forma uma importante rede de drenagem (Ferro, 1956). Fruto de erosão constante, estes solos não oferecem por isso condições favoráveis a uma prática agrícola intensiva (Feio, 1949). Predominando por conseguinte, uma economia cerealífera e pastoril de subsistência, a que se acrescenta a apanha de medronho e a produção de cortiça (Cavaco, 1976).

Descendo a Serra Algarvia dirigindo-se para Sul, Mariano Feio em 1949 escrevia que *sair da Serra e entrar no Barrocal é entrar num mundo novo*. Porém, esta transição entre a Serra e o Barrocal não se faz tão bruscamente, inter-cruzando-se na paisagem elementos comuns a ambas as partes. Elementos considerados confusos por alguns autores (Feio, 1949; Ferro, 1956), causando dificuldades de classificação a outros (Vasconcellos, 1941). Assim, às sub-regiões atrás apontadas vem juntar-se a *Beira-Serra* ou *Alto Barrocal*, uma classificação mais fina surgida dessa dificuldade em delimitar a fronteira entre Serra e o Barrocal (Vasconcellos, 1941; Guerreiro, 1992; Prista, 1993), que alguns autores chegam mesmo a individualizar como sub-região (Guerreiro, 1992).

Também a Sul, os limites fronteiriços entre o Barrocal e o Litoral não são claros dependendo do ponto de vista adoptado (Santos, 2005). Numa visão alargada, incluindo todos os terrenos calcários do Algarve, o Barrocal toca o mar em alguns pontos da costa do Barlavento: a península de Sagres, as cidades de Lagos, Portimão, Lagoa e Albufeira. No entanto, o mais comum é que se façam corresponder ao Barrocal apenas os terrenos calcários do Jurássico e do Cretácico, onde estão excluídos quaisquer prolongamentos até ao mar (Santos, 2005).

Se comparativamente à Serra a diferença é notória, com o Litoral partilha alguns aspectos da paisagem agrária. *Barrocal* e *Litoral*, ambos encontram-se protegidos pelas Serras do frio, das geadas, do vento norte, e na vizinhança do mar gozam de um Inverno frequentemente moderado que lhes permite o cultivo de plantas sensíveis como a amendoeira, a batata-doce, legumes temporãs em solos (na sua maioria calcários) favoráveis à arboricultura de sequeiro e a culturas irrigadas nas hortas (Feio, 1949). Estas últimas, antes da generalização dos furos de captação de água subterrânea a partir da década de 70 (Costa et al., 1985), com localização restrita aos fundos de vale do Barrocal e na área aluvial do Litoral onde a abundância e a pouca profundidade em que se encontra o lençol freático permitiram com facilidade o uso da água para a irrigação (Ferro, 1956).

No *Litoral* especificamente, a par da reconhecida importância das instalações de regadio tradicional do Sotavento (Ribeiro, 1941; e outros), a actividade piscatória, cujo exercício é favorecido pelas excepcionais condições meteorológicas da região, teve sempre consoante a conjuntura económica de cada época uma importância significativa na balança comercial Algarvia (Ferro, 1956). Intensificando-se nas últimas décadas do séc. XX um turismo de sol e praia de cariz internacional que trouxe transformações profundas à estrutura económica e ao mercado de trabalho regionais.

Vejam agora em que reside a especificidade do Barrocal. Dan Stanislawski referia nos anos 60 do século XX (1963) que parte da qualidade de vida das gentes do Barrocal advinha da posição intermédia que a sub-região ocupa entre a Costa e as Montanhas, adquirindo algumas qualidades estruturais de uma e de outra, embora possua uma personalidade distinta. Argumentava o mesmo autor que, antes da introdução do caminho-de-ferro, as vilas e aldeias localizadas na base dos xistos, Silves, S. Bartolomeu de Messines, Alte, Salir, Querença e Alportel eram pontos de paragem obrigatórios para quem vindo da montanha em direcção à costa ou vice-versa, parava para descansar e dar de comer e beber aos animais, numa zona onde água e pastagens eram abundantes. Dada a proximidade, estas gentes puderam aproveitar por um lado os recursos da Serra, no acarreto de lenha e na apanha de medronho (Louro, 1929), por outro, atravessando essa mesma Serra dirigiam-se ao Alentejo na época das ceifas (Feio, 1949). No início do século XX, ranchos de gente oriunda da *Beira-Serra*, assim como os moradores de Boliqueime eram atraídos pelas mondas do arroz na Quinta de Quarteira (Cavaco, 1960).

Actualmente, esta posição de zona intermédia, continua a permitir-lhe aceder mais facilmente ao mercado de trabalho nos principais centros empregadores da Costa (em movimentos pendulares diários). No recenseamento geral da população de 2001, São Brás de Alportel, um concelho com localização preponderante no Barrocal, aparece como um dos que no Algarve registou maior aumento populacional por se constituir como local de residência da população activa de Loulé e Faro (INE, 2002). Assim, das ceifas no Alentejo ao trabalho no sector turístico do Litoral, as gentes do Barrocal beneficiaram em cada época da proximidade quer à Serra quer ao Litoral confinantes.

À semelhança das restantes sub-regiões é possível encontrar também aqui diversidades interiores. O primeiro contraste verifica-se entre as terras *altas* e as terras *baixas*, onde se introduzem naturalmente variantes agrícolas, o sequeiro e o regadio, funcionando como complemento de recursos (Feio, 1949; Ferro, 1956; Stanislawski, 1963), a que se acrescenta a natureza diversa dos tipos de solo (Louro, 1929; Ferro, 1956; Prista, 1993). Utilizando a

terminologia dos camponeses, Ferro (1956) identifica o «Borno», terra pouco fértil, o «Arneiro», terra fértil e compacta, o «Arnusco» e o «Nateiro da Ribeira», materiais aluviais muito férteis. Neste quadro, a mudança de altitude e o distanciamento em relação ao mar introduzem diferenciações climáticas que produzem variações no calendário agrícola local. Por exemplo, nos vales altos do Barrocal, mais estreitos e afastados do efeito moderador do mar, os produtos hortícolas são mais tardios no seu amadurecimento em 3 semanas relativamente às hortas localizadas próximo da Costa (Stanislawski, 1963).

Os vales irrigados não constituem porém o carácter especial da zona calcária, mas as vertentes não irrigadas com os arvoredos típicos (alfarrobeiras, amendoeiras...) onde foi necessário o trabalho de gerações para limpar os campos de pedras (Stanislawski, 1963). Assim, pratica-se aqui uma agricultura de feição mediterrânica marcada pelo largo predomínio do sequeiro sobre o regadio como forma de vencer a aridez (Ribeiro, 1941). O que faz do Algarve, e em especial do Barrocal, juntamente com a Arrábida, uma das mais típicas paisagens mediterrânicas em Portugal.

Além das diferenciações já apontadas outras se lhe juntam. A zona central do Algarve, compreendida entre o Malhão e Monchique, é pela sua posição, mais abrigada dos ventos levante e norte (Costa et al., 1985), o que permite um maior desenvolvimento da arboricultura de sequeiro nesta área. Em contrapartida, na extremidade ocidental do Algarve as batidas fortes do vento tornam raros aqueles frutos, subsistindo apenas a figueira em condições difíceis junto ao chão (Feio, 1949).

No que se refere aos recursos hídricos em particular. A densa rede que no Algarve se forma assemelha-se a um intrincado sistema venoso, onde a variação do regime das águas, bem como as suas características, acompanham também as diversidades do território – diversidades de relevo, de tipos de solo, de cobertura vegetal, de clima, a tectónica (Costa et al., 1985). O declive acentua a impetuosidade das águas que vai diminuindo à medida que o relevo suaviza em direcção ao mar. Assim, a impetuosidade é máxima na Serra, média no Barrocal onde as ribeiras correm na transversal, e no Litoral quase insignificante.

Na Serra, constituída por xistos e grauvaques, rochas pouco permeáveis e com elevada componente argilosa, predominam os recursos hídricos de superfície (CCDRAlgarve, 2005). Por sua vez, as linhas de água que aí se formam dirigindo-se para Sul, enquanto circulam pelo Barrocal uma elevada percentagem de água infiltra-se nas rochas *carbonatadas carsificadas* de elevada permeabilidade, formando-se no subsolo importantes sistemas aquíferos, de que é exemplo o sistema aquífero Querença-Silves, o mais importante aquífero da região Algarvia (CCDRAlgarve, 2005). A drenagem subterrânea proporciona aqui a formação de grutas e

*algares* por onde a água se escoia produzindo estrondos e sussurros longínquos, a que a literatura popular associou às vozes dos mouros e mouras encantados (Oliveira, 1910). Graças aos cursos de água que escorrem dos impermeáveis relevos xistosos localizados a montante, quantidades significativas de materiais aluviais são transportadas para jusante conferindo fertilidade e profundidade aos solos do Barrocal, sobretudo aos dos Litoral, que recebem também materiais provenientes das colinas do Barrocal (Ferro, 1956).

A *orla de contacto* do Barrocal com a Serra, correspondendo a uma *área híbrida* de encontro entre condições naturais heterogéneas (Prista, 1993), é uma zona de infiltração máxima das águas que escorrem da Serra, estando também sujeita a precipitações mais elevadas pela proximidade à montanha, o que possibilita uma activa circulação de águas subterrâneas e superficiais, e consequentemente a prática de uma agricultura intensiva (Ferro, 1979).

Parece então um contra-senso referir a posição privilegiada do Barrocal, sobretudo do Alto Barrocal, quanto à presença de recursos hídricos, quando o tema desta tese é a seca e a torrencialidade. Na realidade, o regime torrencial das ribeiras, a escassez da água à superfície, aliados às dificuldades inerentes à sua captação e elevação, tornaram difícil a prática de uma agricultura intensiva. A adopção progressiva de novas tecnologias de irrigação no decurso do séc. XX (possibilitada por recursos financeiros provenientes da emigração) permitiu uma maior autonomia aos regadios. Apesar disso, no Barrocal a *irregularidade e incerteza naturais da água* quer superficiais quer subterrâneas, continuaram a limitar as disponibilidades de água sobretudo nos anos mais secos, tornando necessário afundar poços e suprimir algumas culturas (Cavaco, 1960 e 1976; Prista, 1993). Decorridos 40 anos de exploração intensiva das águas subterrâneas do aquífero Querença-Silves os mesmos problemas se colocam hoje: continuam a afundar-se poços, a abrir novas perfurações para fazer face à escassez, acrescentando-se agora outros problemas ligados à qualidade da água<sup>2</sup>.

Assim, dada a sua especificidade, nenhum outro elemento permite unificar transversalmente as diversas sub-regiões Algarvias, interligando concelhos e freguesias, como a água. M. Gomes Guerreiro (1951), dedicando especial atenção ao papel da floresta na conservação do solo e da água, defende a arborização da Serra Algarvia em solos que as arroteias e incêndios de uma agricultura intensiva, – a campanha do trigo de 1929 – reduziram

---

<sup>2</sup> Sob o aquífero Querença-Silves está prevista a implementação do empreendimento turístico *Quinta da Ombria*, ocupando uma das mais importantes antigas zonas de horta – o “*Morgado da Tôr*”. Apesar das expectativas, temem-se consequências negativas para o meio ambiente, nomeadamente no que se refere à contaminação das águas subterrâneas pelos fertilizantes utilizados nos campos de golfo. Eis um exemplo nos dias de hoje, de conflitos por causa da água no Barrocal Algarvio.

ao esgotamento. Conforme justifica, despojadas as vertentes da Serra da sua cobertura vegetal, as águas da chuva não encontrando aí qualquer obstáculo, em vez de se infiltrarem, escoam-se à superfície arrastando para jusante a pouca terra arável ainda existente. Segundo este autor, não só a Serra sofre as consequências gravosas da erosão continuada dos solos, como toda a região Algarvia fica ameaçada pela falta de água num futuro próximo, além do agravamento das cheias periódicas que destroem campos de cultura, pontes, levando tudo à frente. Assim, o autor preconiza a regularização do ciclo hidrológico no Algarve através da arborização da Serra, que impedindo o grande escoamento superficial, promovendo ao máximo a infiltração das águas, tornará possível a regularização dos cursos de água, a alimentação dos lençóis freáticos que por sua vez alimentam nascentes, fontes e poços, evitando que se sequem e permitam a prática agrícola (Guerreiro, 1956). Portanto, a água aparece na obra deste autor, como factor de união territorial para o bem e para o mal, em que acontecimentos a montante têm geralmente consequências (boas ou más) a jusante.

### III

Pertencentes ao concelho de Loulé, as freguesias alvo do presente estudo, Querença, Tôr e Salir, confinando entre si, abrangem aqui uma parte importante dos “*Barrocais*” (Vasconcellos, 1941), que neste concelho do Algarve Central atingem a sua expressão máxima. A freguesia de Tôr localiza-se quase exclusivamente em zona de Barrocal, Querença e Salir apresentam faixas importantes de xisto, sobretudo Salir que faz de fronteira com o Alentejo. Alguns autores situam as sedes destas freguesias ora na Beira-Serra (Guerreiro, 1992), ora no Alto Barrocal (Prista, 1991 e 1993). Por uma questão metodológica, optamos pela segunda classificação.

Cidade a partir dos anos 80 do séc. XX, Loulé conheceu desde cedo (último quartel do séc. VIII) um crescimento demográfico que a colocou à frente dos restantes concelhos Algarvios (Cosme, 1999). Em 1890, era o maior concelho rural Algarvio com 29.289 habitantes ligados à agricultura. E apesar da sua localização periférica relativamente aos grandes centros urbanos do Litoral, Loulé não deixou de participar no comércio marítimo com produtos provenientes do seu vasto *hinterland* (Costa, 2002). A posição de Loulé no centro de uma região de agricultura rica e no cruzamento de comunicações tornaram-na na mais importante aglomeração do interior (Feio, 1949). O que muito se ficou a dever à intensa *colonização* do Barrocal (Ferro, 1956). Geraldino Brito referia no início do século XX (1914) ser o Barrocal a zona mais povoada do concelho de Loulé.

Decorridos aproximadamente 100 anos, segundo as estatísticas do INE (2002), o concelho de Loulé está entre os que registou maior crescimento populacional no período intercensitário de 1991/2001 (a par de Albufeira e S. Brás de Alportel), continuando a ser o mais populoso de todo o Algarve com 59 160 mil habitantes. No entanto, agora com uma nova dinâmica demográfica, direccionada para o Litoral. Em que o predomínio do sector agrícola até ao início dos anos 60 (séc. XX) (Guerreiro, 1993), à semelhança do que aconteceu por todo o país, cede lugar ao sector terciário (Almeida et al., 1996).

Neste sentido, das freguesias em estudo, Querença e Salir viram reduzida a sua população para menos 9,8% e 11,3% respectivamente entre 1991/2001, apesar da percentagem dos residentes com nacionalidade estrangeira ter registado um acréscimo. Por sua vez, em Tôr, freguesia desde 1997, assistiu-se a um acréscimo populacional de 1,4%. O decréscimo e envelhecimento populacional, assim como índices de densidade populacionais mais baixos em Querença e Salir comparativamente à freguesia de Tôr, poderão estar relacionados com a maior faixa de Serra nelas incluída, onde aquelas características são clássicas, sobretudo em Salir onde atinge maior dimensão, aliás das três freguesias em análise, foi a que registou um maior decréscimo populacional entre 1991 e 2001.

Apesar de se tratar de freguesias consideradas rurais, o sector *Agrícola* ocupa na estrutura da população activa baixas percentagens com perda significativa durante a última década. Percentagens mais reduzidas em Querença com apenas 1,1%, contra os 8,5% registados em 1991. Para o mesmo período, Salir registou 10,6% em 2000 contra os 22% em 1991. Porém nesta freguesia apesar do decréscimo, o valor apresenta-se superior à média registada para a totalidade das freguesias localizadas na *área de baixa densidade do Algarve* (INE, 2004). A freguesia de Tôr, por sua vez, registou para o mesmo período, 8,7% e 17%,2%, respectivamente.

No entanto, estes valores do recenseamento não correspondem ao número real de habitantes que se ocupa da actividade agrícola, ou mais especificamente se dedica à manutenção de uma horta familiar. Em primeiro lugar por se encontrarem excluídos os reformados e as domésticas, por não serem considerados população activa. Depois, por se excluírem alguns elementos da população activa em regime de *pluriactividade*, que em complemento a uma ocupação principal trabalha as suas terras (Baptista, 2004). Na realidade, a *pluriactividade* aparece como estratégia dominante de um grande número de famílias nesta área (Guerreiro, 1993).

Num inquérito mais focalizado, *Sócio-demografia das áreas de baixa densidade do Algarve* (2004) – estudos de caso – quando questionados os habitantes da freguesia de

Querença sobre as suas práticas de consumo e tempos livres, 86,6% respondeu *conversar com os vizinhos*, 62,7% *cuidar da horta*, 59,7% *jardinar* (ocupando a terceira posição), numa frequência de pelo menos uma vez por semana. No que se refere às trajectórias profissionais, a maioria dos entrevistados afirma ter exercido enquanto primeira profissão trabalhos não qualificados na agricultura, embora actualmente exerçam uma actividade no sector terciário fora da Freguesia. Baseando-se nestes dados, o mesmo relatório concluía a importância da pequena agricultura para o auto-consumo familiar, sendo que apenas 25% dos inquiridos revelou nunca ter dedicado tempo livre a cuidar da horta. Infelizmente só possuímos dados para Querença, no entanto o quadro não é muito diferente nas restantes freguesias em análise, se pensarmos que Tôr já fez parte da freguesia de Querença e Salir é de entre as freguesias das *áreas de baixa densidade* (INE, 2004) a que apresenta maior percentagem de população activa no sector primário.

Curioso será comparar esses dados com os obtidos para as freguesias de Cachopo (Tavira) e Budens (Vila do Bispo) também contempladas no referido estudo de casos, a primeira localizada na Serra do Caldeirão, a segunda no Litoral Barlavento. Em ambas, a percentagens é inferior à verificada para a freguesia de Querença localizada no Alto Barrocal, com 52,2% e 20% respectivamente. Embora as respostas obtidas em Cachopo se aproximem das registadas em Querença, a distancia-las está o número dos indivíduos que na freguesia da Serra de Tavira afirmam nunca tratar da horta 43,3% contra os 25% registados em Querença. Em Budens por sua vez, apenas 20% dos inquiridos respondeu tratar da horta nos tempos livres contra os 78,6% que responderam nunca faze-lo. Nesta última, frequentar bares/discotecas, ir à pesca e à praia apresentam valores superiores às restantes freguesias, embora ir à praia seja quase tão frequente (30%) quanto a percentagem obtida no Alto Barrocal (22,4%). Este último aspecto reforça o que se tem vindo a afirmar sobre a posição intermédia privilegiada que ocupa aquela sub-região.

No *Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas* (INE, 2005) aplicado a nível nacional, perante a redução nas últimas décadas do número de explorações agrícolas, o envelhecimento dos agricultores, etc., são apontados por quem continua a actividade agrícola, por ordem decrescente, os seguintes motivos: o *valor afectivo* 56%; *sem outra alternativa profissional* 21%; *a viabilidade económica da actividade* 17%; *outros motivos* 6%.

Para a área em estudo, sendo recorrente tal prática, será pois pertinente num aprofundamento da sua funcionalidade averiguar que outros motivos, além das funções de ocupação dos tempos livres, de auto-consumo familiar, e do valor afectivo que representam, levam as pessoas a continuar a cultivar as suas hortas. Aspecto a que procuraremos dar

resposta no decurso da pesquisa, enquanto prolongamento e interligação com as práticas de regadio, uma vez que o cultivo de uma horta implica necessariamente a existência de água de rega.

## CAPÍTULO 2

### HORTAS E REGADIOS DO BARROCAL – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA –

---

Gaetano Ferro em *L'Algarve Monografia Regional* (1956), faz remontar ao período islâmico o *protótipo* das hortas tal como as conhecemos hoje. Segundo este autor, a agricultura conheceu um notável progresso durante esse domínio, quer com a introdução de novas espécies, quer com a difusão de formas de irrigação intensiva, sobretudo no Barrocal e no Litoral devido à natureza do terreno e à presença de recursos hídricos em abundância. Por seu turno, Carminda Cavaco (1960) estudando as hortas de Boliqueime e os 'quartos' de Quarteira no concelho de Loulé, questiona essa influência árabe, ou melhor, questiona até onde se terá feito sentir tal influência.

Sem querer enveredar pelos caminhos da Arqueologia na busca de uma comprovação para a sua origem, reportando-nos apenas a fontes escritas, podemos afirmar que os mais antigos registos sobre as hortas Algarvias remontam aos relatos dos cronistas árabes. No século X Ahmede Arrazí refere-se às muitas hortas regadas no termo de Ossónoba, e no século XII o geógrafo Edrici menciona a sua existência nos arredores de Silves (Coelho, 1972). Assim, podemos dizer que as hortas fazem parte da paisagem agrária do Algarve pelo menos desde o séc. X.

Contemplado em diversas áreas disciplinares, da economia à antropologia passando pela geografia e outras, o conjunto de trabalhos publicados contendo informações sobre hortas e regadios Algarvios abrange os séculos X, XII, XV, XVI, XVII, XIX e XX, embora apenas o séc. XX seja descrito em pormenor. De seguida faremos um apanhado dos temas mais abordados e dos autores que nos pareceram mais importantes, com o propósito de melhor situarmos o nosso estudo.

#### **As hortas na paisagem e na economia agrária do Algarve**

Constituindo um elemento importante da paisagem agrária do Algarve, um traço distintivo face à monotonia do Alentejo, as hortas não representam todavia o seu carácter dominante devido à aridez que predomina no território (Feio, 1949). Ainda nos anos 50 do séc. XX elas ocupavam apenas 6% da superfície total da região (Feio, 1949; Ferro, 1956).

Talvez por isso, Frei João de São José na sua *Corografia do Reino do Algarve de 1577* tenha praticamente ignorado as hortas e o regadio, embora descrevesse minuciosamente outras tarefas agrícolas efectuadas pelo Algarvio (Guerreiro e Magalhães, 1983).

Apesar da sua pequena dimensão, as hortas Algarvias foram até aos anos 60 do séc. XX um recurso vital (escasso) para a sobrevivência das gentes (Prista, 1993). A variedade de produtos que aí se cultivam (legumes, hortaliças, frutas...) desempenhou um papel fundamental na alimentação das famílias, permitindo reduzir ao mesmo tempo as despesas em mercearias (Cavaco, 1960). Também em algumas zonas piscatórias, a horta representou um importante complemento à actividade principal (Lopes, 1988; Cavaco, 1976; Baptista, 1995). Assim, não admira que possuir uma horta fosse, depois de possuir uma casa e um *monte*, a ambição de quem vive no campo (Cavaco, 1960), representando mesmo um sinal de prosperidade económica (Stanislawski, 1963), e factor de diferenciação social (Prista, 1993; Sousa, 2005). Quem não tinha horta, ou arrendava um canteiro na ribeira do Morgado mais próximo, sempre difícil de conseguir (Prista, 1993), ou cultivava trigo e milho nas terras frescas de sequeiro alimentando-se unicamente dessas farinhas (Cavaco, 1960). Estabeleciam-se também acordos diversos entre os agricultores (Cavaco, 1960; Prista, 1993), por exemplo havia quem regasse a horta de outrem em troca de uma parte da produção (Cavaco, 1960).

Feita uma análise detalhada da bibliografia existente, deparamo-nos com várias zonas de horta espalhadas pelas diversas sub-regiões Algarvias, cada qual com características peculiares, fruto dessa diversidade geográfica: as hortas na Serra do Caldeirão (Feio, 1949; Cavaco, 1976), as hortas nas margens da ribeira do Beliche e Junqueira (Cavaco, 1976), as hortas na Serra de Monchique (Feio, 1949; Jenkins, 1979); as hortas do Barrocal (Louro, 1929; Ferro, 1956; Cavaco, 1960; Prista, 1993); as hortas do Litoral Sotavento (Ribeiro, 1941; Stanislawski, 1963; Cavaco, 1976).

As hortas Algarvias tiveram expansões diferentes consoante o crescimento demográfico (Magalhães, 1988; Prista, 1993), a dimensão dos mercados próximos, as disponibilidades de água de rega e os tipos de solo (Cavaco, 1976). Concentrando-se maioritariamente no Litoral Sotavento, seguidas do Barrocal, tendo a Serra do Caldeirão uma expressão muito reduzida (Feio, 1949). As primeiras especializadas desde longa data em primores, essencialmente viradas para a exportação (Magalhães, 1988), as restantes destinadas principalmente ao auto-consumo, embora as hortas do Barrocal tenham também produzido excedentes para o mercado urbano próximo (Cavaco, 1960; Prista 1993). No caso da Serra do Caldeirão, além da pobreza dos solos, acrescentou-se a ausência de vias de comunicação eficazes dificultando a comercialização (Cavaco, 1976).

Avanços tecnológicos no domínio das captações de água subterrânea a profundidades consideráveis, aliados à disponibilidade de recursos financeiros decorrentes da emigração, ao longo do séc. XX, permitiram uma transformação crescente e rápida de terrenos de sequeiro em terrenos de regadio com repercussões na paisagem (Cavaco, 1960 e 1979; Prista, 1993). Esta conquista de terrenos antes incultos para a prática hortícola, foi também conseguida por via de trabalhos de drenagem de águas em zonas alagadiças e já se fazia no século XVI de acordo com os relatos de Henrique Fernandes Sarrão (Guerreiro e Magalhães, 1983). Similarmente Ataíde Oliveira ao longo das suas 11 monografias testemunha para todo o Algarve (início do século XX) trabalhos de drenagem de águas para a conquista de terrenos agrícolas. Crescimento obviamente condicionado pelas características dos solos na sua maioria pedregosos.

Também os cultivos nas hortas sofreram evolução. Por exemplo, Charles Bonnet em finais do séc. XIX considerando a cultura da batata pouco habitual na região, incentiva os Algarvios a cultivarem-na mais intensamente nos terrenos argilosos do Barrocal por serem propícios ao seu desenvolvimento (Bonnet, 1850).

Estando-lhe reservadas (tradicionalmente) as melhores terras de cultivo, que são os terrenos de aluvião do Barrocal e as partes baixas do Litoral onde o lençol freático é abundante e pouco profundo (Feio, 1946), pela sua escassez no conjunto do território Algarvio, o valor monetário a elas associado foi (*quase*) sempre elevado (Oliveira, 1905; Cavaco, 1976). Perceptível nos escritos de alguns autores, a esse valor junta-se-lhe outro, o valor simbólico cujo significado está relacionado quer com a imprescindibilidade dos cultivos para a subsistência das gentes, quer com a ligação das hortas à água. No *Livro de Alportel* de Estanco Louro (1929) por exemplo, a horta aparece como *um lugar extremamente aprazível* para todos, quer pela frescura que aí se faz sentir, como pelas frutas disponíveis para o consumo humano, por isso os trabalhos estivais da horta são de um modo geral considerados pelos agricultores *serviços espalha-máguas*. O próprio autor, etnógrafo local, evoca uma imagem poética da horta: “...a água cristalina e fria, e, como eco do chilrear contente da gente, o gemer infindo da nora, na sua marcha dolorida..., dá ao serviço rumorejante da horta, os laivos mais intensamente bíblicos do lavrador alportelense” (Louro, 1996:421). Mais recentemente, Pedro Prista (1993) referiu que, apesar do surto de transformações sociais e económicas dos anos 60 (séc. XX) possibilitando às gentes do Barrocal uma menor dependência face aos trabalhos do campo, as hortas constituíram o mais resistente empenho agrícola dos Sítios de Querença. Apesar de abandonadas as hortas distantes, fizeram-se

despesas elevadas para conseguir regar “ao pé da porta”, hortas que muitas vezes se ostentam para além da sua dimensão real (Prista, 1993).

Com a intensificação do sector turístico no Algarve assistiu-se (no Litoral) à transformação de terrenos de cultivo em jardins, campos de golfo e aldeamentos turísticos (Cavaco, 1996). Inversamente, em outros locais (no Barrocal) o turismo estimulou a produção nas hortas com a revalorização dos produtos “caseiros” (Prista, 1993).

### **Águas de rega e tecnologias de irrigação**

Se as características hidrológicas da Região estão em estreita ligação com a natureza geológica dos terrenos e do subsolo (Feio, 1949; Ferro, 1956), também as águas de rega e tecnologias de irrigação vão ao encontro dessa diversidade regional. Vejamos.

Costa et al. (1985) refere que, a ausência de rios de caudal permanente e a vocação aquífera do subsolo Algarvio impuseram às populações a utilização preferencial das águas de origem subterrânea. De facto, grande parte dos autores refere-se sobretudo à rega de hortas com a água de poços e noras (Ribeiro, 1941; Feio, 1949; Dias e Galhano, 1953; Ferro, 1956; Stanislawski, 1963; Cavaco, 1960 e 1976). Investigadores tão conceituados como Mariano Feio (1949), Jorge Dias e Fernando Galhano (1953), Gaetano Ferro (1956) e Orlando Ribeiro (1991), chegam mesmo a mencionar que no Algarve a rega das hortas raramente se fez por canais de derivação com a água das ribeiras mediante açudes, devido ao carácter torrencial das ditas ribeiras.

Porém, a rega de hortas a partir da água de ribeiras é referência antiga nos escritos sobre o Algarve. São exemplo dessas referências as *Memórias Paroquiais do Concelho de Loulé de 1758* (Martins, 2004), os escritos de Silva Lopes (1841), Charles Bonnet (1850) e Geraldino Brites (1914), apesar de neles não ser especificado o modo como se processavam essas regas. Ataíde Oliveira (1909) menciona que a rega das hortas com a água das ribeiras faz-se por meio de *aparelhos que tiram da ribeira as águas*, não especificando também que aparelhos são esses. Com vista ao incremento das culturas regadas, Tomaz Cabreira (1918) defende o alargamento do perímetro de regadio através do aproveitamento máximo das águas que se podem derivar dos cursos de água permanentes, sem se referir também aos modos como se faria essa derivação.

Estanco Louro em 1929, sendo o primeiro autor a escrever minuciosamente sobre hortas, e em concreto as do Barrocal, constituindo a sua obra uma referência obrigatória, é ele também o primeiro autor a especificar como se processa a rega das hortas com a água das

ribeiras. No *Livro Quinto – A Vida Social*, o autor identifica dois tipos de rega: *regar à mão* e *regar de pé*. É o segundo tipo, a *rega de pé*, que se faz com a água [derivada] de uma *represa* ou *tapada* que por sua vez provém de uma nascente ou de uma ribeira. No entanto, no *Livro Terceiro – A Vida Económica*, Estanco Louro afirma que em Alportel os *açudes* têm como função quase exclusiva a derivação de *águas hibernais* para as levadas dos moinhos, conhecendo apenas um *açudete* do qual *derivam águas* para a irrigação.

Só nos anos 80 (séc. XX), decorridos aproximadamente 50 anos após os escritos pioneiros de Estanco Louro, Pedro Prista (1993), em *Sítios de Querença, Morfologias e Processos Sociais no Alto Barrocal*, retoma o estudo das hortas regadas com a água derivada de ribeiras, num aprofundamento sem precedentes. Estudando a *Horta da Ribeira* da Benémola refere ser esta regada a partir dum *açude* alimentado com a água da ribeira, *água de rojo*, cuja *levada* serve 48 regantes. O autor relata que esta *levada* sendo longa encontra-se interrompida a meio do seu trajecto por um Moinho, do qual segue novamente mas com o caudal enfraquecido, pelo que, os regantes situados a montante conseguem regar mais rapidamente. Sem se centrar especificamente sobre o funcionamento técnico destas infra-estruturas de rega, a análise empreendida pelo autor é sobretudo sociológica, que inicia com a origem histórica das hortas, focando depois as atenções nos constrangimentos sociais e nas regras do uso da água em comum, bem como no significado social destas hortas para os *Sítios de Querença*.

Num estudo relativamente recente, *Açudes no Algarve. Projecto de Reabilitação de Açudes* (2001) da DRAOT (Direcção Regional do Ambiente e do Ordenamento do Território – Algarve), foram inventariados quase uma centena de açudes nas bacias hidrográficas das ribeiras Algibre/Quarteira, Vascão e Foupana. Todavia, o aproveitamento da água de ribeiras para a rega de hortas não foi o mesmo em todo o Algarve, chegando a variar ao longo do curso de uma mesma ribeira. Charles Bonnet (1850) relata que, nas várzeas do sistema *Fico-Ceratónico* (onde inclui o Barrocal) encontram-se culturas irrigadas a partir da água de ribeiras que durante o Verão conservam um pouco de água, ao contrário das ribeiras pertencentes ao primeiro sistema *Crista da Serra*, correspondente à Serra do Caldeirão. Carminda Cavaco (1976) no seu *Algarve Oriental* refere-se aos *minúsculos regadios* sem pomar de Alcoutim, regados a balde (*caldeiro*) com a água proveniente de poços dado que os ribeiros têm um regime temporário apenas após as chuvas; por isso, são as plantações de sequeiro (figueiras, vinhas, oliveiras, ameixeiras...) que nestas várzeas estreitas apresentam níveis de rendimento mais elevado.

Mas em algumas ribeiras ou troços de ribeira, a rega de hortas por meio de levadas e açudes chegou a ser realmente uma prática corrente e compensadora. Estamos a referir-nos por exemplo ao Morgado de Alte onde se regavam hortas e pomares a partir das Fontes de Alte, que também faziam moer moinhos, cuja abundância de água justificou os gastos de Duarte Melo Rabadaneira Corte Real (administrador do Morgado de Alte) com o desvio do curso da ribeira de Alte para regar o *Pomar da Mina* no séc. XVIII (Martins, 2004). Também Ataíde Oliveira (1905) menciona em Querença a *Fonte da Menalva* e a *Fonte Filipe* cujas águas são aproveitadas quer para regar terrenos numa grande extensão ao longo das margens das ribeiras com o mesmo nome, quer para alimentar as ditas ribeiras.

Estas Fontes a que os autores fazem alusão, são *nascentes cársicas* que embora raras no Algarve, alimentam e regulam o curso, ou troços de algumas ribeiras, restringindo-se a sua ocorrência praticamente ao concelho de Loulé (Fonte da Benémola, Fonte Filipe, Salir e Alte) às quais se acrescenta apenas a Fuseta (Costa et al., 1985). Assim, parece obvio que no Alto Barrocal (do concelho de Loulé) os regadios a partir das águas destas ribeiras tivessem sido muito comuns, e de importância considerável face ao conjunto do regadio praticado a nível local. O já referido estudo de Pedro Prista nos anos 80 (séc. XX), sobre o regadio das *hortas da Ribeira* na Benémola, freguesia de Querença, demonstra bem a importância social e económica deste tipo de regadios para as populações locais apesar das tendências individualistas.

Porém, o grande valor da água de rega no Algarve fez com que o seu aproveitamento se tivesse feito até ao extremo. Assim, foi comum a rega de múltiplos *hortejos* quer no Barrocal quer na Serra a partir da água de pequenas ribeiras e barrancos, retida em *diques* e *tapadas* (Oliveira, 1911; Feio, 1949; Ferro, 1956; Prista 1993). Por outro lado, a água das ribeiras também alimentou e ainda alimenta directa ou indirectamente poços e noras dispostos ao longo das suas margens, ora porque aqui é possível obter água a pouca profundidade, ora porque é possível o desvio de águas para o interior de poços e noras através de *canhas*, i.e. galerias subterrâneas que ligam os poços às ribeiras (Louro, 1929; Cavaco, 1960; Prista, 1993).

A captação de água de rega através de *minas* (galerias subterrâneas horizontais a partir da base de uma encosta) é tida também como comum, Estanco Louro (1929), Gaetano Ferro (1956) e Pedro Prista (1993) assinalam a sua ocorrência frequente no Barrocal. Também a rega de hortas com as sobras de água proveniente de pequenos fontanários públicos é referenciada desde o séc. XVI nos escritos de Henrique Fernandes Sarrão (Guerreiro e Magalhães, 1983). Nas *Memórias Paroquiais do Concelho de Loulé de 1758*, para a freguesia

do Ameixial, é igualmente mencionada a rega de hortas com a água proveniente de fontanários e poços de abastecimento de água públicos (Martins, 2004). Este aproveitamento de água para regar (algumas) hortas localizadas nas imediações de pontos de águas de abastecimento público verificou-se em todo o Algarve, da Serra ao Litoral (Lopes, 1841).

Nos anos 50 do séc. XX, Jorge Dias e Fernando Galhano (1953) estudando a diversidade de aparelhos de elevar água de rega existente em Portugal, destacam para o Algarve os seguintes aparelhos: os *moinhos de água* da várzea de Aljezur movidos pela acção do vento; as *noras de alcatruzes de eixo curto baixo* vulgares na zona do Barlavento; as *noras de alcatruzes de eixo comprido alto* em Tavira e Olhão; as *noras metálicas modernas de eixo curto* em Loulé/Salir; as *noras metálicas modernas de eixo comprido* em Olhão e Faro que elevam a água a grande altitude para ser possível regar terrenos em zonas elevadas ou levar a água a grandes distancias. As picotas mais conhecidas por *cegonhas* encontram-se nesta época difundidas por todo o Algarve existindo grande concentração destes aparelhos em Benafim perto da Rocha da Pena no concelho de Loulé, em Aljezur é comum o *cegonho de rabo*. Assim, cada tipo de nora parece estar relacionado com a dimensão da área a regar, ou seja com o tamanho da horta. Isto explica que em Salir as noras sejam predominantemente de *eixo curto*, e em Faro de *eixo comprido*. Também as *cegonhas* parecem concentrar-se em zonas onde predominam hortas mais pequenas.

No conjunto bibliográfico analisado, o sistema de tirar água à *nora* aparece como a tecnologia de rega mais estudada no seu funcionamento técnico, sobretudo por Gaetano Ferro (1956), Carminda Cavaco (1960) e Isabel Grade (2007), que a descrevem pormenorizadamente nas suas partes constituintes e funcionamento tecnológico. Após a introdução das noras de ferro nos anos 20 (séc. XX), sucedeu-se nos anos 40 a introdução dos motores de rega, e as bombas eléctricas de tirara águas nos anos 70, sem que a introdução de uns tenha anulado a existência de outros (Cavaco, 1960; Prista, 1993). Além de que, o sistema de rega em si não sofreu alterações continuando a utilizar-se o tanque para o armazenamento da água de rega e canais para a sua distribuição no terreno cultivado (Ferro, 1956). A conclusão das Barragens do Rio Arade em 1956 e a do Rio Odiixer em 1959, permitindo um aumento considerável da área regada no Sotavento, são também apontadas como inovações do sistema tecnológico no decurso do séc.XX (Stanislawski, 1963).

Às tecnologias de rega descritas, juntam-se as técnicas de rega utilizadas pelos agricultores, constituindo parte integrante da ciência agrícola popular. Estanco Louro (1929) descreve pormenorizadamente como se *arma* uma horta, ou seja como se prepara para ser regada. *Reguêra mestra*, *reguêras*, *travessas* e *camalhões* são elementos constituintes da rega

por meio do sistema de *leiras*, no interior do qual o autor descreve o circuito da água até aos cultivos. Carminda Cavaco (1960) em *Paisagem e Vida Rural numa Aldeia Algarvia: Boliquiteime*, apresenta um diagrama interessante – *Sistemas de Encanteirar a Terra* – onde é possível visualizar a circulação da água no interior dos cultivos. Um esquema semelhante, mas referente à Serra de Monchique é apresentado por Jenkins (1979). É no entanto Pedro Prista (1993) quem, além de relatar em pormenor os sistemas de rega em *leiras* e ao *rego*, descrevendo a sua estrutura e funcionamento, mostra a eficácia de cada um consoante a água disponível na horta.

### **A gestão social das águas de rega**

Gaetano Ferro referia em 1956 que a prática da irrigação no Algarve é quase sempre baseada na propriedade individual dos recursos hídricos (Ferro, 1956). Acusado de fraco espírito associativo, o proprietário da terra financia e usufrui por norma de captações de água (minas e poços) particulares (Oliveira, 1914; Ribeiro, 1991; e outros), sendo raras as situações em que pede água a terceiros (Ferro, 1956). Já em finais do séc. XIX, Silva Lopes (1841) apelava aos agricultores que se associassem, por um lado para beneficiarem da introdução de novas maquinarias agrícolas, por outro, para o melhor aproveitamento das águas de ribeira destinadas à rega dos campos. Por isso, Mariano Feio (1949) referia que sendo as águas de rega no Algarve geralmente individuais, a irrigação não se faz por meio de normas complicadas de distribuição de água nem por meio de grandes instalações de irrigação (barragens, grandes canais de derivação) comparativamente ao Levante Espanhol.

No entanto, apontadas como comuns, pela bibliografia existente, são também as situações em que um grupo de regantes, por efeitos de herança, usufrui da água de um mesmo poço, nora ou outros, em dias diferentes (Ferro, 1956; Cavaco, 1960; Jenkins, 1979). Além desta forma de partilha, são ainda mencionados os regadios junto de cursos de água utilizando água derivada da ribeira a partir de um açude e respectiva levada comuns (Louro, 1926; Cavaco, 1960; Prista, 1993). A propósito destes regadios de águas em comum, é opinião corrente que, águas partilhadas (envolvendo um conjunto de actores) são por natureza mais conflituosas que as águas individuais, sendo aliás esse um dos motivos que impele ao individualismo (Cavaco, 1960; Prista, 1993).

Estanco Louro (1929) refere que nas hortas do Alportel, *a rega está em regra dividida*, exceptuando as *abertas*, *poços* ou *poçancos*, existindo *meios-dias* ou *dias* de rega estipulados para cada regante consoante *a superfície a regar*. Também a limpeza de *tapadas*, *tanques* e

*poços* em comum, é um serviço realizado por meio de *ajuda* mútua entre os utilizadores usuais, uma tarefa geralmente efectuada por homens. Se essa partilha é feita de modo pacífico, ou conflituoso, infelizmente não nos é permitindo saber através das suas descrições. Mariano Feio (1949) discorrendo sobre as hortas nos terraços de Monchique, refere que a água proveniente das nascentes que descem a Serra para as regar é em geral partilhada por vários regantes, cada qual com um certo número de dias e horas de rega por semana. Também aqui, a divisão de propriedade resultante da partilha entre herdeiros produziu talhões de horta cada vez mais pequenos tornando mais complexa a divisão dos direitos de água; de modo que, delimitação de terrenos e direitos de água constituem nesta zona os motivos mais frequentes de querelas familiares sujeitas a jurisdição nos tribunais (Jenkins, 1979).

Carmina Cavaco (1960) argumenta que o fraco caudal da ribeira de Quarteira em Boliqueime foi responsável pelos conflitos em torno da rega com a água da dita ribeira, entre os agricultores desta freguesia e os agricultores com exploração no troço a montante da ribeira de Paderne. Por isso, quando foi possível, alguns agricultores decidiram-se por uma exploração subterrânea individual. A luta pela água estimulou assim tendências individualistas. Uma visão partilhada por Jenkins (1979) e Pedro Prista (1993). Jenkins (1979), a propósito da Serra de Monchique, relata que a falta de água provocada pela arborização de eucaliptos nas encostas a montante das hortas, aliada à introdução de novas tecnologias de captação de água, provocou a transfiguração dos entendimentos sociais em torno da gestão da água de rega: à medida que o lençol de água foi baixando, foram-se cavando novos poços e erigindo pequenos diques que interferem com nascentes já existentes, a competição tornou-se desenfreada numa tendência de cada um tentar a todo o custo garantir o uso individual da água, mesmo que para isso se prejudique os vizinhos de horta.

Pedro Prista (1993), ao estudar dois regadios de águas partilhadas nos *Sítios de Querença*, aprofunda o sentido individualista da água de rega avançado por autores como Feio (1949), Ferro (1956), Cavaco (1960), Ribeiro (1991). Segundo justifica, além da incerteza das águas superficiais e subterrâneas originando produções inseguras, a que a população procurou fazer face multiplicando as formas de captação de água, tentando ao mesmo tempo assegurar-las para sua exclusividade, o sentido individualista da água de rega está associado ao processo histórico de autonomização das casas, ocupando a horta um lugar central no seu sistema produtivo, embora sempre em associação a outras actividades e recursos. No entanto, segundo o mesmo autor, as melhores condições de solo e água localizados sobretudo junto de cursos de água, limitaram nos *Sítios do Alto Barrocal* este sentido individualista da água de rega, levando à utilização de águas em comum.

Tomando aqui como exemplo as *Hortas da Ribeira*, vejamos sinteticamente como Pedro Prista (1993) analisa a organização social das regas então vigentes. Sem qualquer regime regulador das suas águas, o princípio geral neste regadio é o de “*quem primeiro chega, pode torna-la livremente*”. Procedimento que o autor relaciona com o carácter aleatório da água de rega proveniente da ribeira, ora escassa, ora excessiva, em que a indeterminação da água encontra como resposta a indeterminação da rega. Tendo como termo comparativo outros regadios da área, onde vigorava o princípio de “*esperar pelo fim da rega do vizinho*”, e os constrangimentos a ele associado, o autor considera que quanto mais definido era o direito de água mais tensa era a relação entre regantes (Prista, 1993).

No extremo este do Algarve, na Serra de Monchique, Jenkins (1979) referia que é apenas quando a água começa a rarear que se fazem as partilhas da água, altura em que utilizar a água numa altura indevida corresponde a ofensa gravosa. Assim, carecem de aprofundamento os sistemas de partilha da água, localização, inventário e estudo comparativo a nível do Algarve.

Relativamente à divisão sexual do trabalho agrícola, no geral das actividades a mulher aparece sempre como auxiliar do marido, incluindo o trabalho nas hortas (Oliveira, 1908 e 1909; Brites, 1914; Louro, 1929; Feio, 1949), estando particularmente associada às regas (Louro, 1929; Cavaco, 1960; Stanislawski, 1963). Geraldino Brites (1914) opinando sobre as mulheres Louletanas opõe-as às do Norte, que por sua vez aproxima das mulheres de algumas freguesias do concelho (ex. Alte) por se dedicarem tal como os homens aos penosos trabalhos do campo, sendo que em determinadas épocas do ano *os homens entregam[-lhes] os trabalhos agrícolas da primavera e do estio* indo ceifar para o Alentejo,...apanhar palma em Espanha, regressando na época das colheitas. Dan Stanislawski (1963) faz referência às muitas mulheres que trabalham na irrigação dos campos do Sotavento, não se verificando o mesmo no Barlavento onde a irrigação é menor.

A tendência do agricultor Algarvio em *bastar-se a ele próprio*, ou seja a tendência para auto-suficiência familiar (ao mesmo tempo detentor da terra, do capital e do trabalho), no caso concreto dos trabalhos na horta, Estanco Louro (1929) interpretou como sendo a forma mais equilibrada de exploração porque “*é impossível a reclamação por parte de qualquer dos elementos da produção. Por isso é a fórmula que mais se coaduna com a harmonia social e aquela que se deve fomentar*” (Louro, 1929:168). Por sua vez, Mariano Feio (1949) justificou essa atitude do agricultor Algarvio com as crises económicas que assolam a região.

## O carácter aleatório da água de rega – A água dá, a água tira

Como foi referido, Mariano Feio (1946) no seu *Le bas Alentejo et l'Algarve* descreve a posição privilegiada do Algarve referindo que, protegido do vento norte pela Serra e na vizinhança do mar, as culturas mais sensíveis (amendoeiras, batata-doce, legumes temporãs) gozam aqui de um Inverno temperado ao abrigo de geadas, e no Verão as culturas hortícolas e os pomares irrigados não sofrem pelo excesso de evaporação. Por essa razão o Algarve produz nas hortas ervilhas e favas no sequeiro, tomates, feijão-verde e pimentos, bastante mais cedo que em qualquer outra parte do país, favorecendo o seu comércio.

Esta imagem quase idílica das hortas Algarvias esconde todavia outras realidades que se prendem com as características de um clima tipicamente mediterrânico (Ribeiro, 1941; Braudel, 1946). Secas e cheias aparecem como o reverso da medalha. Recapitulemos o que diz a literatura existente sobre este assunto.

No decurso da história do Algarve, longas e frequentes secas (sobretudo) originaram crises cíclicas de subsistência com reflexo nos quantitativos populacionais (Magalhães, 1988). Nos anos de 1734/1735 (séc. XVIII) a falta de chuva foi tal que a carestia de trigo obrigou à importação de pão fora do Reino, “*muita gente queria trabalhar somente pelo comer, e nem assim havia quem lho desse*” (Magalhães, 1988: 182). Felizmente o ano de 1735 decorreu temperado, chovendo todos os meses com moderação proporcionando pão em abundância; todavia, em finais desse mesmo ano choveu tanto que se tornou impossível semear. Para fazer face a estas calamidades, o povo fazia *preces* a pedir *água de misericórdia* ao Santo da sua devoção, por água a mais ou a menos (Magalhães, 1988).

No que se refere às hortas em particular, os escritos de Silva Lopes (1841) e Ataíde Oliveira (1905) assinalam a ocorrência de cheias nas ribeiras, que à sua passagem destroem pontes, árvores e hortas, numas arrastando a terra arável, noutras lançando muitas pedras. Apesar disso, Silva Lopes (1841) aconselha a um maior aproveitamento das terras que ladeiam as ribeiras, através da abertura de valas de drenagem das águas em excesso, referindo a este propósito os benefícios da Lei de 11 de Abril de 1815, isentando de dízimos e décimas por 20 anos os baldios que fossem roubados às marés. Ataíde Oliveira (1905) alude ainda às estiagens severas, às águas estagnadas e ao sezonismo. Recordando as memórias paroquiais de 1758, no que respeita à Igreja Matriz da freguesia de S. Bartolomeu de Messines, Ataíde Oliveira faz alusão à Nossa Senhora da Graça advogada perante Deus da água nas secas (Oliveira, 1909). Ainda no início do séc. XX, Geraldino Brites (1914) referia-se aos maus anos agrícolas causados pela inversão meteorológica inviabilizando cultivos, lançando a fome

entre as gentes e impelindo os homens a rumar até às minas do sul do Alentejo e Espanholas em busca de trabalho.

No entanto, raras são as abordagens ao modo como as gentes faziam/fazem face a tais calamidades. Apenas Pedro Prista (1993) para o Alto Barrocal, referindo-se à renda de hortas aos grandes proprietários, alude às condições a que estavam sujeitos os agricultores, sendo obrigados a restituir a horta caso a ribeira a destruísse. Nesse caso, ia-se buscar a terra em “*golpelhas*” à margem oposta da ribeira onde a terra ficava normalmente depositada.

No decurso da segunda metade do séc. XX, a inovação sem precedentes no domínio das tecnologias de irrigação, a introdução de adubos químicos, permitiram ao agricultor uma maior liberdade na sua relação com a natureza, verificando-se até um certo domínio (Baptista, 1999). Todavia, no Barrocal Algarvio, as disponibilidades de água continuaram limitadas e irregulares sobretudo nos anos mais secos, tornando necessário afundar poços e suprimir algumas culturas (Cavaco, 1976; Prista 1993). E onde com frequência novas captações afectaram captações de vizinhos, gerando uma *colisão subterrânea* (Prista, 1993). Na realidade, a água de rega seja ela superficial ou subterrânea é no Barrocal aleatória. As causas encontram-se nas características do subsolo, no regime torrencial das ribeiras, e na especificidade de um clima tipicamente mediterrânico. Tão fundamentais quanto frágeis, as hortas estiveram sempre e continuam a estar dependentes destes condicionalismos da natureza. Assim, pode-se dizer que o domínio da água quer em excesso, quer na sua escassez tem sido uma constante ao longo da história agrária da região Algarvia.

### **A especificidade das hortas do Barrocal**

Como vimos no Capítulo 1, a posição intermédia atribuída ao Barrocal, abrigada da serra e na vizinhança do mar, a que se acrescentam as características do seu subsolo calcário rico em águas subterrâneas, constituem-se como elementos naturais da sua especificidade enquanto sub-região. O que remete quanto a nós, para uma forte tradição hortícola, sobretudo no Alto Barrocal, apesar de serem as hortas do Litoral as que geralmente se reconhecem como sendo as hortas Algarvias por excelência e com razão pois é nas campinas com solos mais leves, níveis freáticos mais altos e terras mais planas que se desenvolveu uma horticultura industrializada até com forte incorporação tecnológica e de capitais, que alimenta o cordão urbano Algarvio e a exportação de primores, primeiro através do caminho-de-ferro para a capital e hoje por todos os meios de transporte para mercados muito mais longínquos.

Contudo, a horta do Barrocal sem propósito mercantil, toda ela centrada no consumo da casa, é a horta promíscua por excelência. Num contexto de incerteza de águas, de extensões muito limitadas de solo arável mas de grande multiplicação de oportunidades pela acidentada topografia destes terrenos, representam a cultura hortícola mais desenvolvida, complexa, e inventiva, para mais são estas hortas que por assim dizer alimentaram a população histórica Algarvia. Aquela cujo sucesso biográfico permitiu a prosperidade urbana e industrial incluindo a das hortas ricas do Baixo Algarve conduzidas por critérios de racionalidade empresarial (Cavaco, 1976).

Dedicando especial atenção ao povoamento disperso no Algarve, Gaetano Ferro (1956) considera-o mais difuso no Sotavento em correspondência com o fundo dos vales do Barrocal e com a área aluvial do Litoral, sendo particularmente denso na área de contacto entre o Barrocal e a Serra. Para este autor, a associação entre a presença de recursos hídricos e este tipo de povoamento, a que atribui origens recentes, revela sobretudo a importância do regadio.

No entanto, Frei João de São José na sua *Corografia do Reino do Algarve de 1577*, a propósito do fraco povoamento da Serra referia como causas a “*terra ser montuosa e [haver] falta de água no Estio e também de pão, que é o que dá alento e forças aos lavradores e outros homens para se ajuntarem*” (Guerreiro e Magalhães, 1983:57). Por sua vez, Carminda Cavaco (1960 e 1996) das terras da Quinta de Quarteira menciona que nos finais do séc. XIX se encontravam ainda incultas por causa das águas mal drenadas, não admirando por isso a preferência da população em instalar-se nas encostas soalheiras do Barrocal. Também, Estácio da Veiga (1891) referia já em finais do séc. XIX, a propósito da Mina de cobre da Vendinha do Esteval localizada na freguesia de Querença, Idade do Cobre, que “*as freguesias de Querença e de Salir abundam em machados e percutores de pedra,... A situação d’aquellas duas freguesias...cortadas por muitos e ricos mananciais de excellentes aguas e dotadas de terrenos de muita fertilidade, daria à população mineira que alli é denunciada por tantos vestígios de habitação, as principaes condições de que carece a vida de um povo laborioso*” (Veiga, 1891:92).

De facto, os escritos destes autores sugerem-nos a posição privilegiada do Barrocal no que toca à horticultura de subsistência, uma prática que não parece recente. Além disso, a sua persistência no tempo até à actualidade, em zona clássica de regime torrencial, onde só a experiência de muitas gerações permitiu a sua existência, favoreceu o desenvolvimento de uma forte cultura da água.

### **Lançando novas questões**

Percorrendo o conjunto de temas sobre os quais recaiu a revisão bibliográfica efectuada, verificamos que o mais desprovido de aprofundamento é precisamente o que se relaciona com *o carácter aleatório da água de rega* na perspectiva do agricultor do Barrocal, isto é, o aprofundamento do modo como este lhe fez face na luta pela sobrevivência. Por outro lado, no que toca à *gestão social das águas de rega*, o carácter isolado do estudo antropológico de Pedro Prista (1993) revela a falta de mais pesquisas neste domínio. A bibliografia analisada sugere-nos ainda o aprofundamento da relação que se estabelece entre a mulher Algarvia e a rega na horta.

## **PARTE II**

### **ÁGUA, HORTAS E IDENTIDADE**

*“A água na terra ou nas coisas é como o sangue no nosso corpo. A água é para beber, a água é para a comida, a água é para lavar, a água é para tudo, a água é o sangue da terra,...ele chovendo a terra dá tudo, a terra dá a fava, a terra dá a semente, a terra dá o fruto e não chovendo a terra não dá nada, porque a água é que é o sangue da terra,...a pessoa que não tem sangue morre e assim é a terra, não chove não há água, a terra morre, morre as árvores, morre tudo”.*

Silvina Farias, 73 anos, Charneca,  
Freguesia de Querença, 17 Novembro 2005

## CAPÍTULO 3

A ÁGUA NO CALENDÁRIO AGRÍCOLA DO BARROCAL

---

Nenhuma outra cultura permite perceber em tão grande extensão toda a amplitude das variações da água enquanto recurso como a cultura da fava. A fava tem não só uma posição central simbólica e economicamente na representação local da agricultura centrada no consumo doméstico, como também permite acompanhar o jogo de soluções que se aplicam tanto em excesso como em carência de água. O ciclo da fava, ou melhor, os ciclos da fava atravessam o ano agrícola desde as primeiras chuvas às secas mais severas passando pelo excesso de chuva e pela incerteza dos aguaceiros. Pelo seu valor alimentar e pela sua variedade de formas de conservação e consumo representa no Barrocal o que mais a norte e sobretudo no Alentejo representará o trigo. Claro que também aqui o cereal por ser panificável tem enorme importância, mas a fava parece mais estratégica, mais insubstituível à economia da casa e mais central à cultura da água. Vamos pois iniciar a exposição da etnografia com a descrição dos ciclos da fava no pressuposto de que neles ficam definidos os parâmetros mais largos onde toda a irrigação restante vai encontrar o seu lugar. A fava tanto aparece nas *Altas* como nas *Baixas*, no sequeiro como no regadio e tem no seu ciclo anual o papel de marcadora do início do calendário agrícola, é a primeira do ano, uma sementeira que aguarda as primeiras chuvas de Outono para se fazer. Mais, a sementeira da fava faz-se em plena coincidência com o primeiro momento dos ciclos das festas de Inverno, o subciclo *Todos os Santos/Finados/São Martinho e 8 de Dezembro*. Esta sementeira permite-nos pois por um lado compreender a importante articulação que aqui se estabelece entre as sementeiras de sequeiro e as sementeiras de regadio, entre *terras altas* e *terras baixas*; por outro, o ciclo da fava revela-se um bom indicador de como fazendo face às incertezas climáticas, se gerem os perigos/riscos derivados da escassez ou da abundância de água da chuva para rega.

Num segundo momento são descritas as principais características da horta tradicional na sociedade rural em questão, focando alguns aspectos da ciência hortícola popular. Trata-se sobretudo de explorar um conjunto de saberes essenciais ao estudo do uso agrícola da água nesta área de Barrocal, antes de passarmos à análise da gestão social da água de rega num regadio colectivo.

### 3.1. A Água e o Ciclo do Sequeiro – A Fava

Na faixa de Barrocal incluída nas freguesias de Querença, Tôr e Salir do concelho de Loulé, são duas as épocas de sementeira da fava identificadas pelas populações durante o ano agrícola: a primeira pelas *Três Missas* (dia dos Finados) no dia 2 de Novembro<sup>1</sup> e a segunda sementeira, considerada a *boa sementeira*, no dia 8 de Dezembro (dia da *Nossa Senhora da Conceição*) altura da antiga *Feira da Barreira*<sup>2</sup> em Loulé. Trata-se de um conjunto de dias que perfaz o total de cerca de dois meses e duas semanas, desde o início de Novembro até à primeira quinzena de Janeiro.

Ao mencionarem a palavra *barrocal*, as gentes destas freguesias estão a referir-se a uma terra ruiva e quente, de profundidade variável mas geralmente *magra*, onde há muita pedra e ausência de água, e que para produzir é preciso que chova. Onde, os cultivos adequados são os de sequeiro – o *trigo* e a *cevada*, as *batatas* e os *alhos*, as *favas* e o *grão-de-bico*<sup>3</sup> – cuja semente é deitada à terra sobretudo nos meses de Novembro e Dezembro de cada ano, na época das chuvas em finais de Outono e no Inverno.

Na Primavera e no Verão quando as chuvas rareiam, as sementeiras concentram-se nas *hortas*, além dos terrenos serem aqui mais frescos e suportarem melhor a seca, é possível dispor de água de rega proveniente de poços, noras<sup>4</sup>, e mais raramente de minas e açudes. Localizadas no Barrocal, estas zonas não são consideradas pelas populações como tal, são as terras *baixas* no fundo dos vales, os chamados *terrenos de varja*. A sementeira da fava realiza-se em ambas as zonas, *barrocal* e *horta*<sup>5</sup>, embora com algumas variantes.

---

<sup>1</sup> No Almarginho de Salir em 06 Fevereiro 2007, um idoso referia: “*O antigo dizia: ‘pelo São Martinho, já se pode semear fava e linho’*”.

<sup>2</sup> Há memória desta feira ter terminado pouco tempo após o 25 de Abril de 1974. Nela vendia-se e comprava-se gado, sobretudo o porco. Muitas vezes acontecia as famílias engordarem 2 porcos sendo que um deles era para vender nesta feira.

<sup>3</sup> O *grão-de-bico* é o único cultivo de sequeiro semeado no mês de Março, como referiu um informante de 82 anos residente no sítio da Mesquita, freguesia de Tôr, “*o grão não gosta de ver o sol de Março*”.

<sup>4</sup> Noras adaptadas a motores de tirar água a petróleo ou eléctricos.

<sup>5</sup> Também nas terras *altas*, junto às casas existem hortas, mas estas têm uma origem mais recente, e só foram possíveis graças à abertura de furos na década de 80 do século XX, com o dinheiro proveniente da emigração trazido sobretudo de países como a França, Alemanha e Estados Unidos da América. As *hortas* a que nos referimos neste capítulo são as hortas mais antigas localizadas nas *Várzeas*, em regime de policultura. Geralmente quando falam de *hortas* as gentes do Barrocal estão a referir-se às *hortas* localizadas nas *várzeas*. Também nas *várzeas* se regam actualmente monoculturas com água proveniente de furos, das quais não iremos falar.

### 3.1.1. Favas de *barrocal*

No *barrocal* as sementeiras ocorrem mais cedo, isto é são mais temporãs, a partir do dia 2 de Novembro e não vão mais além da primeira quinzena de Dezembro. As *primeiras águas*<sup>6</sup> vêm amolecer a terra ressequida pelo sol, e com elas despontam à superfície as ervas, assim como as sementes de fava que ficaram esquecidas aquando da última *ceifa* e *rabisco*. Nesta altura desponta também no espírito das gentes do Barrocal a vontade de semear nas terras de sequeiro: “*Quando começa a chover a gente lembra-se logo de semear favas. (...) A terra convida à sementeira, a terra já está branda, húmida, boa para semear*”<sup>7</sup>. Há no entanto que esperar pelo início de Novembro, quando o calor desvanece e começa a época das chuvas, para se abrirem os *regos* ou os *covate(o)s* e lançarem à terra as primeiras sementes<sup>8</sup>. A primeira sementeira, pelas Três Missas (dia dos Finados) no dia 2 de Novembro, é uma sementeira pequena, uma espécie de *experiência*<sup>9</sup> que se faz na esperança de se comerem favas mais cedo<sup>10</sup>, e só se realiza no *barrocal*. A segunda, a mais comum, considerada a *boa sementeira*, decorre todavia nas primeiras semanas de Dezembro<sup>11</sup>. Segundo justificam os agricultores<sup>12</sup>, a sementeira do início de Novembro é uma *sementeira mais incerta*, ficando mais sujeita aos malefícios da chuva sobre a flor aquando da sua floração que ocorre em fins de Dezembro e Janeiro, coincidindo com o rigor do Inverno. Semeadas no mês seguinte, em Dezembro, as favas irão florir mais tarde, existindo menos probabilidades de apanharem mau

<sup>6</sup> Na área seleccionada para este estudo, diversos são os termos que as pessoas utilizam quando se referem aos tipos de chuva que ao longo do ano agrícola se vão sucedendo, uns beneficiando a agricultura, outros não. Para mais pormenores sobre este assunto veja-se Quando 1, Anexo A.

<sup>7</sup> Informante de 62 anos, residente no sítio da Mesquita, freguesia de Tôr.

<sup>8</sup> Os *regos* abrem-se com o tractor ou com a enxada, os *covate(o)s* apenas à enxada. Cada *covate* deve levar 4 sementes de fava, e 6 no caso dos *greséus*. A preparação da terra antes da sementeira não é muito exigente no *barrocal*, normalmente não é necessária a lavra, bastando proceder à *escarificação* da terra com o tractor com o objectivo principal de cultivar as árvores do pomar de sequeiro existentes no terreno. A lavra efectua-se em situações em que o terreno muito ressequido pelo sol não absorve a água de uma chuvada recente. Ao contrário, na *horta* é usual lavrar-se a terra antes da sementeira da fava, ficando a terra já preparada para as sementeiras seguinte.

<sup>9</sup> Em outros contextos, esta expressão pode significar por exemplo que o agricultor vai experimentar outra maneira de semear, na expectativa de melhorar o rendimento com menos trabalho, podendo tratar-se de práticas modernas ou antigas.

<sup>10</sup> No tempo da fome, qualquer pessoa com muitas terras cedia para semear favas a quem não tinha, pelo benefício que essas sementeiras representavam para as árvores, bem como os dias de trabalho gratuito que lhes seria dado em troca, consoante os casos. No *barrocal* em terrenos de sequeiro esta era uma prática comum, daí considerar-se que “*A sementeira do pobre era a fava*”. Na memória dos mais idosos esta era uma sementeira que se fazia para as favas virem mais cedo, para “*acudire ao cavalo*”, isto é para matarem a fome que se fazia sentir em muitas casas, sobretudo nos meses (Março e Abril) altura em que nas hortas não havia ainda o que comer. Actualmente, embora a realidade seja bem diferente, há quem continue a semear nesta altura.

<sup>11</sup> Algumas pessoas especificam a semana antes e a semana após o dia 8 de Dezembro como a melhor época de sementeira da fava.

<sup>12</sup> Pessoas de 50 anos ou mais, sobretudo homens, reformados.

tempo sobre a flor<sup>13</sup>. Depois das favas *vingadas*<sup>14</sup>, as chuvas de Março e Abril<sup>15</sup> vêm apenas beneficiar a fava tornando-a mais grada. Mas de modo algum se pode estender esta sementeira para além da primeira quinzena de Dezembro porque aqui, ao contrário da *horta*, os cultivos de sequeiro dependem totalmente da *rega da chuva*, ou seja, se semear muito tarde, o agricultor arrisca-se a não chover o suficiente para regar as favas.

Uma vez concluída a sementeira, os habitantes do Barrocal pouco mais podem fazer que esperar que o tempo seja favorável, que venha uma *água bem chovida*, isto é, que chova regularmente (o ideal seria de 15 em 15 dias) mas com intensidade moderada para que a água fique bem entranhada na terra sem a rasgar, e com momentos de sol entre os períodos de chuva, pois *no barrocal a fava quer uma de água e outra de sol*, assim dizem as pessoas.

Contudo, as chuvas necessárias à rega não são regulares chegando a ficar um mês seguido sem chover, assim como o tipo de chuva<sup>16</sup> que lhes convém também não; por isso as sementeiras do *barrocal* tornam-se muito incertas, havendo anos em que as *favas já vingadas* se secam com a falta de chuva, ou a flor cai com fortes *chuvadas* e *águas de pedra*, ou ainda queimam com a geada, sem que as favas vinguem<sup>17</sup>. Eis algumas frases que expressam esta incerteza por parte das pessoas: “...**pode ser que** isto p’ra aí chova..., **se não chover isto vai tudo ao ar**”, “**Se não vier geada são boas, se vier pode queima-las,...**”, “**Parecia que ia chover uma barrigada de água, choveu uma chuvinha e agora está tudo estio! Se não chover não sei como será, seca-se tudo!**”.

Uma incerteza a que estas pessoas parecem já estar habituadas, explicando com naturalidade que são *os anos é que mandam*. Chuvas atrasadas, calores fora de época, chuva torrencial ou água de pedra, provocam avanços e recuos no ciclo vegetativo das sementeiras, interferindo na sua produtividade. Há anos em que a sementeira considerada mais incerta produz mais do que o esperado, e a boa sementeira menos do que seria desejado.

---

<sup>13</sup> Contudo, como *a flor da fava começa a desabrochar de baixo* e não nasce toda ao mesmo tempo, se a chuva não for demasiado forte apenas algumas flores caem, fazendo unicamente com que o pé da fava produza menos.

<sup>14</sup> Fava vingada significa que a *péseira* da fava já tem pequenas vagens de um centímetro ou pouco mais.

<sup>15</sup> Em terrenos de *barrocal* onde a rega da chuva era (e continua a ser) essencial para os cultivos de sequeiro, como é o caso das favas, antigamente se pelo mês de Abril não chovesse para *engradecer* as favas, mulheres e homens, sobretudo as mulheres, caminhavam em procissão, cantando o *Bendito Louvado* ou rezando o *Terço “pedindo água de misericórdia”* até avistarem uma igreja, normalmente a mais próxima (chegavam a ir até à Cruz da Assomada para avistar a Nossa Senhora da Piedade). A memória desta prática está ainda bem viva entre as pessoas de 50 anos ou mais, embora hoje só se pratique em anos excepcionais. Na Funcheira próximo do Almarginho de Salir, no ano de 2005, temos conhecimento de que foi realizada uma procissão com o objectivo de fazer chover, nesse ano faltou também água nas hortas.

<sup>16</sup> Para mais pormenores veja-se o Quadro 1, Anexo A.

<sup>17</sup> A espessura e a localização de um terreno têm também grande influência sobre a sua produtividade. Há zonas mais secas que outras, onde a fava aguenta menos a seca, assim como existem zonas mais expostas às geadas e aos ventos. Quanto menos profundo for o terreno mais difícil se torna os cultivos resistirem à seca, neste caso a fava.

Na tentativa de orientarem eficazmente as suas sementeiras, os *antigos olhavam aos tempos*, conheciam inúmeras formas de previsão do estado do tempo<sup>18</sup> baseadas na observação minuciosa de alguns fenómenos da natureza, que alguns idosos ainda hoje recordam, e de que são exemplo as *Experiências das Sementeiras*<sup>19</sup>. Muitas dessas formas de previsão foram caindo em desuso, existindo apenas na memória dos mais velhos que se orientam por elas embora sejam da opinião de que são menos eficazes nos tempos de hoje, que caracterizam como *variados/baralhados* no sentido de mais incertos meteorologicamente<sup>20</sup>.

### 3.1.2. Favas de horta<sup>21</sup>

Nas *hortas* que se localizam nas terras *baixas* os cultivos da fava são mais tardios (serôdios) para evitar as geadas, semeia-se e acolhe-se mais tarde, e ceifa-se também mais tarde. Findado o Verão, a fava é a primeira sementeira da *horta*, encontrando aí apenas as couves que foram semeadas em Julho ou Agosto e que se comem no Natal ou pelas matações de porco comuns nessa época do ano. A sementeira decorre a partir da primeira semana de Dezembro, marcada pelo dia da Nossa Senhora da Conceição que se comemora no dia 8 de Dezembro, e estende-se até à primeira quinzena do mês de Janeiro. Coincidindo o limite temporal mínimo de sementeira na horta com o limite máximo indicado para as sementeiras em terras de *barrocal*. Pois nas *hortas* a sementeira da fava fica menos dependente das oscilações climatéricas, caso não chova as favas podem ser regadas. Deste modo, sem ocupar a área da horta na sua totalidade, deixando-se espaço para os cultivos de Março, esta sementeira actualmente é tão ou mais comum que as efectuadas no *barrocal*<sup>22</sup>.

Embora se mantenham frescas por mais tempo semeadas na horta, as favas não deixam de ser de sequeiro, só se regam em ultimo caso, se teimar em não chover, e mesmo assim uma

---

<sup>18</sup> Ver Quadro 2, Anexo A.

<sup>19</sup> Segundo uma idosa de 94 anos, residente no Pombal, freguesia de Querença, a sementeira da fava é marcada pela vagem do loendreiro. Quando em Julho estão os loendreiros floridos, se da primeira flor *vingarem* vagens é sinal de que a próxima sementeira da fava será temporã, se pelo contrário, *vingarem* das flores mais tardias é indicativo de que se pode semear até Janeiro que o ano é de fava.

<sup>20</sup> A este propósito uma informante comentava que “*o homem é que deu cabo das experiências*”.

<sup>21</sup> É de referir que em hortas junto de ribeiras, consoante o caudal dessas mesmas ribeiras assim varia ligeiramente a época das sementeiras. Por exemplo, na freguesia de Querença, nas hortas do Vale das Mercês as sementeiras de regadio faziam-se um mês mais cedo que nas hortas da Benémola por causa da maior irregularidade das águas da Ribeira das Mercês. Enquanto na Benémola semeavam couves em Agosto (aqui havia sempre água), nas Mercês tinham que as semear em Julho para terem água com que regar.

<sup>22</sup> Este facto leva-nos a levantar algumas questões: *i)* Será que actualmente chove menos, tornando ainda mais incertas as sementeiras no *barrocal*, fazendo com que se prefira semear na horta? *ii)* Ou será que se tentam manter ocupadas as hortas com cultivos pouco trabalhosos, com o intuito de não permanecerem em estado de abandono?

rega no máximo (e depois de terem vagens). É que as favas regadas são menos saborosas e mais difíceis de cozinhar. Neste sentido, tal como no *barrocal*, a fava semeia-se ao *rêgo* ou ao *covate(o)* e nunca à *leira* como acontece com outras culturas regadas na horta. Poupano-se assim trabalho caso se revele desnecessária a rega. Se for necessário rega-las, na altura própria ajeita-se a terra de modo a abrir caminho para a água passar, mas sem excessos para evitar que as favas fiquem alagadas propiciando o aparecimento do *formigo*. Outras pessoas dispensam quaisquer pormenores regando à *manadia*, isto é de qualquer maneira.

No entanto, em anos de grande seca, como o de 2005, a falta de água também se faz sentir nas hortas, e regar torna-se um problema, sendo necessário repartir a água pelos diferentes cultivos, normalmente com as batatas.

A sementeira da fava é acompanhada pela do *greséu* tanto na *horta* como nas *terras de sequeiro*, a partir do dia 8 de Dezembro. Tratando-se também de uma leguminosa, difere da fava em diversos aspectos: *a)* os *greséus* são menos resistentes ao calor e à geada, no sequeiro semeiam-se preferencialmente em *terra branca (caliço)* por se tratar de uma terra mais fresca; no entanto, actualmente, é mais comum semeá-los nas *hortas* onde podem ser regados caso seja necessário (também em último caso), mas não mais de uma vez para evitar que criem *cinza*; *b)* as favas semeiam-se cerca de uma semana antes, pois demoram mais tempo a nascer porque são semeadas a uma maior profundidade; *c)* assim semeados em *rego* ou ao *covate* pouco profundos<sup>23</sup>, os *greséus* ficam mais sujeitos a predadores como os pássaros sendo necessário protegê-los com espantalhos e outros artifícios, algumas pessoas pulverizam-nos com enxofre; *d)* ao contrário da fava, a sementeira do *greséu* esteve sempre mais destinada ao consumo humano, nunca ultrapassando em extensão os favais, sobretudo no *barrocal* (comiam-se com ovos no dia de Páscoa por serem considerados novidade - prato preferido<sup>24</sup> ao *jantar de favas*).

Para apreciar o estado de desenvolvimento das favas e dos *greséus*, e ver se as sementeiras estão bem nascidas<sup>25</sup> fazem-se visitas frequentes aos campos semeados, *barrocal* e *hortas*, executando-se por vezes alguma manutenção. Acolhendo-se algumas ervas daninhas, *balancos* e *boas noites* no *barrocal* e *serralhas*, *papoilas* e *saramagos* na *horta*,

---

<sup>23</sup> Que algumas pessoas justificam com o seguinte ditado: “O *greséu* gosta de ver o dono abalar para casa”.

<sup>24</sup> O ditado “Vai à fava até que o *greséu* encha” pode significar essa preferência, isto é, quando houvesse *greséus* para comer, as favas ficavam relegadas para segundo plano (numa época em que os ovos serviam de moeda de troca para adquirir a roupa que se vendia às portas).

<sup>25</sup> Muitas vezes utilizam-se as sementeiras do vizinho como elemento comparativo.

sendo mais comuns os cuidados na *horta*. Cavar<sup>26</sup> e regar são no entanto tarefas<sup>27</sup> irregulares, de cuja necessidade, os semeadores (marido e esposa, vizinhos), nem sempre concordam gerando por vezes ambiguidades. Algumas pessoas são da opinião de que as favas cavadas produzem mais, já os *greséus* não se querem muito mexidos; outras referem que só os *greséus* se cavam. Há também quem refira que antigamente só não se cavavam as favas no intuito de aumentar assim o feno para dar às bestas, ceifando-se a erva ao mesmo tempo que as *canoiras*. Quanto à rega, alguns semeadores consideram que “*a fava não é para regar, a fava dá o que der*” mas se o calor aperta vão rega-las, etc.

Em Abril, Maio, quando se vão apanhar favas e *greséus* verdes à *horta*, aproveita-se também para regar as batatas e outros cultivos, se os há. Em Junho, praticamente até ao final do mês, com uma *foice* ou uma *gadanha* ceifam-se as *canoiras* conjuntamente às favas secas que ali mesmo no terreno<sup>28</sup> se separam para uma alfofa; *acolhe-se* também a *palha dos greséus* com as respectivas vagens secas que se levam para descascar em casa. Seguindo-se, ocasionalmente, em ambos os casos o *rabisco*<sup>29</sup>. Para semear no ano seguinte, deixam-se habitualmente as sementes mais gradas que são as que provêm da sementeira efectuada na *horta*. O *feno* que resulta da apanha da fava e do *greséu*, quando não se possuem animais, é oferecida a um compadre ou vizinho que o dá de comer a cabras e ovelhas e mais raramente ao burro (o que é muito raro). Além deste animais os coelhos também apreciam o *feno* dos *greséus*. No restolho da fava e do *greséu* ainda se pode semear na *horta* batata-doce (Maio e Junho) ou milho (Abril, Maio e Junho).

Tal como em Outubro também em Agosto<sup>30</sup> se chover nascem favas *fora do tempo* (fora de época) a partir das sementes que sempre ficam esquecidas desde a última apanha. Quer num caso como noutro, com fraca probabilidade da planta vir a produzir, no primeiro caso em anos excepcionais *se o tempo for favorável*, no segundo, apenas se as favas forem regadas.

---

<sup>26</sup> Para cavar (sachar) favas ou *greséus* é necessário que a terra não esteja muito branda de chuva recente ou da *orvalhada* da noite; sendo a tarde a melhor altura por causa do *enxugo da terra*. Esta tarefa consiste em amontoar terra para cima do caule e acolher as ervas.

<sup>27</sup> Outra tarefa poderia ser *desbicar* favas, prática hoje desaparecida, ou quase. Segundo os informantes “*fava desbicada, fava vingada*” e “*fava desbicada, fava dobrada*”, que significa cortar com a mão a ponta da faveira, para o miolo da fava ficar mais grado, e para se aprontarem mais rapidamente. Quem tinha animais dava-lhes os bicos, quem não tinham deitava-os fora na mesma altura em que as *desbicavam*.

<sup>28</sup> Antigamente, para desimpedir mais rapidamente as hortas, as favas ceifavam-se assim que o *olho da fava* ficava escuro e levavam-se para debaixo de uma alfarrobeira para terminarem de secar, altura em que ainda *engradeciam* (tornar-se grado).

<sup>29</sup> *Rabiscar* significa procurar aqui e ali as favas que ficaram esquecidas no restolho. Depois dos proprietários efectuarem o seu rabisco outras pessoas também podem fazê-lo.

<sup>30</sup> Nas hortas da ribeira da Fonte da Benémola, freguesia de Querença, antigamente, algumas pessoas semeavam favas dentro do milho quando semeavam as couves, para comer no Natal.

Assim, o ciclo da fava<sup>31</sup>, – desde a sua sementeira, passando pela gestação, apanha(s) e descasca(s), secagem e armazenamento –, atravessa boa parte do ano agrícola no Barrocal observado, indo de Novembro a Junho do ano seguinte. A fava predomina na paisagem nos meses de Janeiro, Fevereiro, e Março, cedendo em Abril o predomínio à batata. Ao longo de 8 meses vão-se sucedendo também, o varejo e a apanha da azeitona de Novembro a Janeiro, a colheita das batatas de sequeiro (as chamadas *batatinhas novas*) em Dezembro e Janeiro, a floração das amendoeiras em Fevereiro, a sementeira de batatas na horta entre Fevereiro e Março, e do feijão de vagem e de bago em Abril, as nêspas completam o seu ciclo de maturação em Junho, etc.

Nos anos 60 do século XX, ainda havia quem semeasse 30 *alqueires* de fava e deixasse para semear no ano seguinte 120; levasse dois arados a lavrar e duas mulheres a semear, e quando chegasse a altura da apanha das favas secas e da ceifa das *canoiras* contratasse quatro mulheres durante 15 dias para executarem o serviço. Semeavam-se grandes lavras de fava sobretudo para alimentar os animais de trabalho<sup>32</sup>, burros e mulas. Decorridos quase 50 anos, desde que venderam as bestas e as respectivas carroças (quem as tinha), as mesmas pessoas, hoje já idosas, referem não semear mais de 5 litros de fava e deixar para semente 3. Actualmente as sementeiras destinam-se basicamente ao consumo humano que também diminuiu.

Porém, apesar da diminuição da importância da sementeira da fava para a subsistência das gentes do Barrocal nos dias de hoje, e da indiferença que muitos demonstram por ela quando dizem “*se der deu, se não der não deu*”; todos os anos, no Barrocal, campos de favas, uns maiores, outros mais pequenos, não deixam de marcar presença, imprimindo na paisagem o ar da sua graça. Mesmo sabendo da incerteza que caracteriza esta sementeira, e tendo outros recursos não dependendo dela para sobreviver, o agricultor/a continua a lançar a semente à terra quando chega a época; pelo significado que ainda representa para si. Um significado traduzido na preocupação com o que os outros (vizinhos e parentes) pensam, atribuindo indolência a quem tem terras e *nem uma favinha semeia*<sup>33</sup>! No gosto e no hábito de semear e de comer favas.

---

<sup>31</sup> Ver Figura 1, Anexo A. A simbologia utilizada para caracterizar meteorologicamente cada mês baseia-se nas recolhas efectuadas.

<sup>32</sup> Transporte de pessoas e cargas, tirar água à nora, lavras, etc.

<sup>33</sup> A sementeira da fava é considerada a sementeira mais fácil de executar e a que requer menos cuidados durante o seu ciclo vegetativo. O que torna possível algumas pessoas que têm residência no Barreiro (Setúbal) manterem uma sementeira no Arneiro da Rocha (freguesia de Salir) na casa que hoje é de férias, herdada dos pais.

### 3.1.3. A fava na alimentação

Durante a temporada da fava, que tem início a partir da segunda semana de Março, *se o tempo for favorável*, quase diariamente, as mulheres (sobretudo as que não trabalham para fora) rumam até ao faval com uma alcofa ou um balde na mão que tentam encher de favas à medida das necessidades do dia, tendo em conta o número de *pessoas da casa* que aprecia esta leguminosa como alimento. Por entre o faval vão-se escolhendo apenas as vagens mais cheias, deixando as restantes completarem o seu ciclo de maturação. Como a flor da fava vai *vingando* a partir do seu caule até ao bico, são as favas que se encontram junto ao caule as que *se aprontam* primeiro. Assim a *apanha/colheita* da fava não é feita numa única ocasião como no caso das batatas por exemplo. E na *péseira* as favas mantêm-se frescas e tenras por mais tempo, resultando numa vantagem. Em caso de chuva recente, nessas idas constantes ao faval, aproveita-se também para apanhar caracóis para o petisco do dia 1 de Maio.

Geralmente, as mulheres preparam as favas para comer ao almoço pois consideram-nas uma *comida pesada* para a noite; ao contrário de outrora, em que as favas se cozinhavam a fogo de lenha, e o processo de cozedura era bem mais lento, comiam-se favas duas vezes ao dia, preparadas de uma só vez para o *jantar* (almoço) e para a *ceia* (jantar). As cascas das vagens não se deitam para o lixo, cozem-se e dão-se de comer aos porcos. Assim como no caso do *feno*, quando não se engordam porcos, também se oferecem as cascas a um compadre ou a um vizinho que os possua. Há ainda quem acrescente as cascas ao estrume<sup>34</sup> que mais tarde irá para a horta.

Dependendo da altura da apanha da fava, assim se vão introduzindo algumas variantes no modo como são confeccionadas. Quando as favas são ainda poucas e estão muito tenras e miúdas junta-se-lhes duas ou três casacas verdes<sup>35</sup> sem *bicos* e *ripas* para engrossar o molho ao *jantar* e apurar o sabor (um raminho de folhas da faveira também dá gosto à *fava nova* – menos usual); cozem-se de água e sal e depois são temperadas com a gordura da fritura do toucinho e da chouriça do porco, juntando-se no fim hortelã, uma folha de alho e um molhinho de coentros que se trazem da horta. Estas primeiras favas ainda miúdas fazem-se também refogadas com arroz ou *batatinhas* de sequeiro para aumentar a refeição.

<sup>34</sup> Este estrume é composto por diversas matérias em decomposição: folhas de alfarrobeira e alfarrobas podres, cascas de amêndoa, cinza, etc.

<sup>35</sup> Uma idosa de 91 anos, residente na Mesquita, freguesia de Tôr, recorda assim os tempos de solteira vividos na Nave do Barão (freguesia de Salir): “*a minha mãe só ripava as favas, sabia bem. Era também para acrescentar as favas*”. *Ripar* as favas significa cortar apenas as pontas da vagem e aproveitar o restante, ou seja, quando as favas estavam ainda muito tenras e miúdas comiam-se envoltas na casca.

Cozidas de água e sal, temperadas depois com a gordura do porco, é talvez a maneira mais usual de cozinhar as favas; o sabor da fava fica mais intenso, confeccionando-se desta maneira durante toda a época. Quando as favas vão ficando duras come-se o miolo enquanto a *pele* (a cutícula da fava) dá-se de comer às galinhas. No fim da temporada, quando as favas ainda verdes já estão muito duras e com *o olho preto*, fazem-se ainda *favas de panela* e *sopa*.

Na opinião de quem cultiva, o sabor da fava a cozinhar é um aspecto importante a considerar desde o início da sementeira. Este sofre a influência do tipo de terreno onde a fava é semeada, do tipo de rega que recebe e do tipo de semente utilizada. Quanto mais escura for a terra melhor, prevalecendo o *barrocal* sobre a *terra branca*<sup>36</sup>, a melhor rega é a da chuva, e a semente a Algarvia<sup>37</sup>, mais conhecida por fava de 3 miolos. Há também quem acredite que as favas apanhadas pela lua nova se cosem melhor.

Segundo as *donas de casa*, as favas espanholas *amarujam* (azedam) com maior facilidade, as Algarvias são mais doces. Em geral, quando semeadas em *terra branca* são mais difíceis de cozinhar e *amarujam* mais facilmente. São no entanto utilizados alguns truques para atenuar esses efeitos: cozinhar com a água da cisterna (por ser água da chuva) facilita a cozedura das favas, se *amarujam* junta-se-lhes açúcar.

Quando as favas não estão nem muito tenras nem muito duras, algumas congelam-se verdes depois de escaldadas, entre 5 a 10 doses para não ocuparem todo o espaço da arca frigorífica que deve ser utilizado para armazenar o pão que ainda se fabrica, as galinhas, patos e coelhos que se criam e outras carnes que se compram no talho, além de outros produtos agrícolas que também se cultivam, como *greséus*, tomates, feijão verde, abóbora, pimentos, etc.

Depois de consideradas duras para cozinhar as favas ficam nas *canoiras* até secarem completamente, por vezes ainda se estendem ao sol no quintal para ficarem mais secas. Para torrar no forno escolhem-se as favas mais miúdas antes delas criarem *carneiros* (bicharem), deixando-se as mais gradas como semente para o ano seguinte.

Antes da banalização das arcas frigoríficas na década de 80 do século XX, só se comiam favas verdes pela *temporada*, Março, Abril, Maio e Junho, sobretudo em Abril e Maio. No mês de Março, quando se acabava o grão e o feijão comiam-se *favas secas de panela* e as favas mais temporãs da primeira sementeira do início de Novembro. Actualmente, os *jantares de favas verdes* também se confeccionam na altura das sementeiras (Novembro,

---

<sup>36</sup> Também localizadas no Barrocal, a *terra branca* ou *caliço* é mais fresca e menos compacta que o *barrocal*.

<sup>37</sup> A diferenciação entre as diversas qualidades de fava é feita normalmente pelo número de miolos que a vagem possui. A fava de cinco miolos e de sete são estrangeiras, a de três miolos Portuguesa. A fava espanhola é mais serôdia, e geralmente semeia-se nas hortas porque “*gosta mais de água*”, assim justificam os agricultores.

Dezembro e Janeiro) e em Fevereiro enquanto se espera pelas favas mais temporãs de Março. No Inverno, com o frio, as favas aconchegam o estômago e no Verão não apetece come-las, assim, aproveitam-se aqueles meses para se esvaziarem as reservas guardadas no congelador, e arranjar-se espaço para guardar as favas da *nova temporada* que se avizinha.

### **Reflexão Final 1**

Perante as oscilações climatéricas que ocorrem com frequência nesta zona do Barrocal provocando avanços e recuos nas sementeiras, são diversas as estratégias utilizadas pelos agricultores para gerirem os perigos/riscos que daí advém.

Na tentativa de lhes fazer face são efectuadas diversas sementeiras em espaços de tempo e lugares diferentes, dando origem a colheitas mais temporãs e a outras mais serôdias, tornando assim possível garantir por mais tempo o legume que ainda hoje ocupa na alimentação das gentes do Barrocal, nos meses de Março, Abril e Maio, um dos lugares mais importante. O agricultor joga assim com o que natureza deixa ao seu dispor: os diversos tipos de solo, as variações do relevo, a água disponível no subsolo, as características de cada estação do ano, o comportamento premonitório de alguns animais e plantas perante mudanças climatéricas... Dos quais possui um conhecimento profundo, mas tácito, que é estimulado quando se torna necessário o seu uso. São importantes pontos de referência desse conhecimento algumas feiras e festas do calendário anual, assim como determinados fenómenos constantes da natureza.

### 3.2. A Água e as Culturas de Regadio – A Horta

As hortas de cariz familiar cultivadas em regime de policultura intensiva localizam-se hoje preferencialmente junto às casas onde estão em vantagem relativamente aos jardins. Além destas hortas, normalmente protegidas com muros de protecção, continua-se a semear nas várzeas (terras baixas) a poucos quilómetros de distância das principais povoações, às quais os agricultores acedem por via dos caminhos públicos e veredas comuns que dão acesso a conjuntos de hortas. Nestas zonas, regadas sobretudo com águas privadas tiradas a motor de poços e noras<sup>38</sup>, vão subsistindo algumas hortas num ou noutra regadio colectivo situado junto de um ou outro curso de água, onde outrora se localizavam as melhores terras de horta.

Os avanços tecnológicos ao longo do século XX no domínio das captações de água subterrânea a profundidades consideráveis, aliados à disponibilidade de recursos financeiros decorrentes da emigração, permitiram por um lado o desenvolvimento do regadio (também) nas *terras altas*, por outro, a aproximação das hortas à casa com a vantagem de uma melhor conciliação com o exercício de um trabalho remunerado (Cavaco, 1960 e 1976; Prista, 1993). A emigração possibilitou ainda novos acessos à terra (Jenkins, 1979; Prista, 1993), generalizando-se a posse individual da horta. Ao contrário de outros tempos, actualmente só em situações muito pontuais se arrendam hortas. Comum é alguns proprietários de terras nas antigas zonas de horta, para as manterem ocupadas *darem-nas para semear de graça*.

Assim, existem actualmente hortas nas *terras baixas* e nas *terras altas* do Barrocal, cujo tamanho varia consoante a disponibilidade de água. No entanto, segundo os testemunhos recolhidos, “*havendo água o barrocal paga melhor*”, ou seja, os terrenos mais férteis para hortar são os mais escuros do Barrocal; em contra partida, os terrenos de aluvião no fundo dos vales junto de ribeira, o chamado “*ariusco*”, trabalham-se mais facilmente com a enxada e retêm maior teor de humidade em caso de seca. Os pontos que se seguem referem-se às hortas em geral independentemente da sua localização.

#### 3.2.1. Sementeiras, regas e colheitas

Março é o mês do ano em que na horta se executam o maior número de sementeiras embora a época de alguns cultivos se inicie nos meses anteriores e outras se prolonguem para

---

<sup>38</sup> Em 2006, perto do sítio classificado da Rocha da Pena (freguesia de Salir), na zona de hortas do *Pomarinho* fomos ainda encontrar o Sr. Bentinho a tirar água de uma nora com o auxílio de um burro, tratando-se de caso único na região.

além dele. Semeia-se batata redonda, tomateiros, milho temporão, feijão de vagem, feijão de bago, pimentos,... Mas se este é o mês de maior azáfama no que se refere às sementeiras, é também o de menor produção e maior carestia em produtos hortícolas. Nesta altura, à superfície da terra encontramos apenas as favas e os *greséus* semeados pela *feira da Barreira* (dia 8 Dezembro), os alhos<sup>39</sup> que se semeiam a partir do final do ano e as cebolas a partir do início de Janeiro. O restante terreno encontra-se vazio à espera de ser semeado.

Em Abril<sup>40</sup> continuam-se as sementeiras do feijão de vagem, do feijão de bago, das cebolas, dos pimentos e pepinos, das *tomateiras* e do milho temporão. Da batata redonda diz-se que “*não deve ser semeada em Abril porque paga com a rama*”, isto é, a rama cresce muito e as batatas não se desenvolvem. Seguem-se então as sementeiras de batata-doce e *tomates de Inverno* em Maio com prolongamento daquelas no mês de Junho. As alfaces, salsa, hortelã e coentros que se semeiam durante praticamente todo o ano, no mês de Maio não se semeiam porque *espigam*, dizem os agricultores. Desde Junho até Setembro efectuam-se novas sementeiras de feijão de vagem e de bago. No mês de Agosto semeia-se a batata redonda serôdia e diversas variedades de couve, estas últimas desde o mês anterior<sup>41</sup>.

Durante o espaço de tempo indicado para cada sementeira e colheita, há alturas consideradas melhores que outras. À semelhança de outros trabalhos/serviços agrícolas, muitos são os agricultores que em cada mês se regem pela boa ou má influência das fases da lua<sup>42</sup>. No que se refere às batatas redondas, as luas mais indicadas para a sua sementeira são a *lua cheia* porque *enche o covate*, e o *quarto crescente* porque as faz crescer; em contra partida, evita-se o *quarto minguante* por fazer minguar as batatas. Na horta, o minguante é apenas indicado para a colheita de cebolas e alhos e para a cava destes últimos, impedindo que espiguem. Todavia, muitas pessoas referem não se orientarem pelas fases da lua, outras entram em contradição<sup>43</sup>, outras ainda têm preferência por determinada lua em detrimento de outras; possuindo os agricultores consciência dessas contradições.

<sup>39</sup> Para fazer face às oscilações climatéricas, alguns agricultores costumam deitar cinza nos alhos, uma prática que alguns fazem sem saber a sua utilidade, apenas pela *força do hábito*, alegando que “*se não fizer bem, mal também não faz*”; outros argumentam que a cinza protege os alhos da *orvalheira*, e do calor excessivo que lhes provoca a *ferrugem*.

<sup>40</sup> O mês de Abril é considerado por alguns como a *chave do ano*, determinante para encher nascentes de água: “*Abril, água mil*”. Se chover no início do Verão é mais provável que haja água de rega suficiente quando o calor apertar, justificam os agricultores.

<sup>41</sup> Para mais pormenores veja-se Figura 2, Anexo A. Claro que o período indicado para cada sementeira é variável na área em estudo consoante as características dos terrenos e sua localização um pouco à semelhança do que acontece na sementeira da fava amplamente discutida no capítulo anterior. No entanto, dispondo-se de água de rega muitas dessas variáveis são atenuadas.

<sup>42</sup> Por exemplo o enxerto de árvores e o corte de lenha.

<sup>43</sup> A lua nova é considerada fraca para uns, para outros mantém as batatas novas por mais tempo. Um informante testemunhou que não se deve acolher nada com a lua nova, no entanto acrescenta que “*há um ditado antigo, que*

Na área do Barrocal em estudo, as datas de Festas e Feiras que se constituem como pontos de referência para alguns cultivos, podem variar de Freguesia para Freguesia em função das vivências quotidianas (incluindo a mobilidade) dos seus habitantes ao longo dos tempos. Por exemplo: em Salir é a *Feira de Paderne*<sup>44</sup> (25 de Julho) que marca o início da sementeira da batata e do feijão serôdios; pelo contrário, em Querença é o termo desta sementeira que segue o calendário festivo, e este é marcado pela *Festa de Agosto* (dia 15).

A distribuição das sementeiras ao longo dos diversos meses do ano, aproveitando-se ao máximo o terreno da horta, em que uns cultivos vão sucedendo outros, assim como a presença de algumas árvores de fruto<sup>45</sup>, vai permitir a existência de produtos hortícolas e frutas mais temporãs (precoces) e outros serôdios (tardios), com vantagem para o agricultor que assim pode usufruir de alimentos frescos por um período de tempo largo. Maio, Junho, Julho, Agosto e Setembro são os meses mais produtivos do ano, e aqueles com que maior regularidade se vai à horta. Por um lado para *regar de rojo*<sup>46</sup> todos os cultivos que sem excepção não sobreviveriam à falta de água; por outro, apanhar os cultivos já maduros enquanto outros completam o seu ciclo de maturação.

Se interrogarmos um agricultor sobre quando começa a horta e quando termina, é comum este apontar de imediato o mês de Março como o seu início e o mês de Outubro como o seu termo. Depois de se deter mais demoradamente sobre a pergunta conclui que afinal “*se a gente for a contar bem a horta nunca termina*”, que “*as hortas estão sempre dando qualquer coisa*” ou ainda que “*na horta o trabalho nunca se acaba*”. É que para o agricultor do Barrocal, o que melhor define uma horta é a existência de água de rega em abundância<sup>47</sup>, ou melhor, dispor de água é a condição primeira para a existência de uma horta, sem a qual os cultivos de Primavera e Verão estariam inevitavelmente condenados. A este propósito um informante referia que “*toda a terra dá horta desde que haja água*”. Daí que a fava não seja normalmente reconhecida como a primeira sementeira da horta, como de facto o é, pois trata-

---

*a gente não o compreende que diz que os alhos são bons semeados com a lua nova e acolhidos com a lua nova, ainda não fiz essa experiência, não sei”.*

<sup>44</sup> Onde antigamente se ia comprar bezerros e bestas.

<sup>45</sup> Vão estando disponíveis na hortas ao longo do ano as seguintes frutas: Romãs e Diospiros em Outubro; o Limoeiro (todo o ano), laranjeira temporã (de Dezembro a Março), as laranjas de Bom João (serôdias – de Março a Junho)...; no entanto, segundo alguns informantes, o número de árvores existente na horta deve ser mínima para não criar sombra sobre os cultivos e assim os prejudicar, além de no Verão as suas raízes concorrerem com as sementeiras da horta pela água de rega.

<sup>46</sup> Na área em estudo este é o tipo de rega mais comum. E será definido em lugar mais oportuno (página 43 deste trabalho).

<sup>47</sup> Enquanto lugar de permanência continuada de água, o pulsar da vida nas hortas manifesta-se ainda com o crescimento espontâneo de beldroegas bravas que nascem na época das regas da batata, do milho, do feijão, do tomate, na época estival. Apesar de bravas são comestíveis e é preciso rega-las. Cozinham-se com grãos-de-bico, faz-se sopa e *sopas de batatas*. Também algumas sementes de alface, coentros, salsa...arrastadas pelo vento, podem singrar ocasionalmente em qualquer parte da horta.

se sobretudo de um cultivo de sequeiro semeado preferencialmente no *barrocal*, e na *horta* dispensa normalmente a água de rega<sup>48</sup>. Por seu turno, o mês de Outubro é apontado como o termo da horta por coincidir com a altura em que as *regas de rojo* cessam com a chegada das primeiras chuvas, e quando se têm apanhados a (quase) totalidade dos seus produtos. Além disso, pelo S. Miguel<sup>49</sup> dia 29 de Setembro era a altura do ano em que antigamente se pagava a renda das hortas, quer se continuasse nelas ou não, entregando-as limpas ao dono.

Porém, à semelhança dos cultivos de sequeiro, na horta também se aproveita a *rega da chuva*, isto é tanto mais verdade quanto mais temporã for a sementeira. Não admira por isso uma certa preferência dos agricultores pelas sementeiras de Março<sup>50</sup>, consideradas *mais certas*. Além de beneficiarem da *rega da chuva*, livram-se do calor excessivo que por exemplo no caso das batatas redondas provoca a *traça*, e correm menos riscos no que respeita a eventuais faltas de água de *rega de rojo* no caso de se secarem poços, noras... Aliás, para anos secos diminuem-se as sementeiras serôdias. Assim, é a frequência das chuvas durante o ano agrícola que determina o início e o fim do período intensivo das *regas* pelo agricultor, e coincide com os meses quentes de Verão. Deste modo, na horta, *regas de rojo* e *regas da chuva* complementam-se em algumas ocasiões. Por exemplo, se chover na altura em que os cultivos beneficiam, é possível aproveitar-se a *rega da chuva*, poupando-se assim tempo, trabalho e dinheiro; se pelo contrário, na altura da sementeira a terra estiver muito seca, mesmo no mês de Março se efectua *regas de rojo*.

O mês de Março é no entanto do ponto de vista meteorológico muito irregular, pela manhã pode chover e à tarde levantar o tempo. O adágio “*Março marçagão, de manhã focinho de cão, ao meio-dia sol de Verão e à tarde um bom barrigão*”<sup>51</sup> tão conhecido entre as gentes, significa isso mesmo. Assim, no dizer dos agricultores “*a gente quando pode é semeá-las*”, ou seja, assim que o tempo e a disponibilidade do agricultor o permitirem há que semear. É que quando muita, a água da chuva começa por parar temporariamente todos os serviços nas hortas; se persistir pode provocar atrasos nas sementeiras estendendo-as para

<sup>48</sup> Segundo referia uma informante ex-residente no Almarginho, antigamente “*quem queria fazer uma horta mais cedo, não podia semear favas na horta*”, pois se as sementeiras de sequeiro ocupassem muito a horta, só em Junho/Julho se semeavam os milhos e depois dentro destes de Junho a Agosto (na altura de lhes tirar a *bandeira*) o feijão e as batatas.

<sup>49</sup> A partir desta data era permitido proceder ao “*rabisco*” do figo. No entanto, o “*rabisco*” era prática comum após a apanha de quaisquer frutos ou cultivo em cada época.

<sup>50</sup> No entanto, a chuva nem sempre beneficia a horta: antes de Março faz muito frio para a maioria das sementeiras e pode cair geada; nas terras baixas quando chove muito alagam, conseqüentemente quando seca a terra *entaipa* ou *encoída* dificultando o brotar das sementes à superfície da terra. Se chover muito de repente pode rasgar a terra sem a penetrar. Em alguns meses do ano a chuva chega a ser prejudicial: “*Chuva pelo S. João tira a uva e não dá pão*”. A situação ideal é chover “*depois da sementeiras estar nascida...*”.

<sup>51</sup> Versão mais completa registada em Diário de Campo.

meses indesejáveis, dado que alagados os terrenos a terra fica mole e “*não dá entrada*” às alfaias agrícolas. Eis a importância do sentido de oportunidade<sup>52</sup> de cada agricultor para cultivar no momento certo.

O problema é que há sempre algo que pode escapar ao controlo do agricultor. Em anos de muita chuva as sementeiras temporãs podem apodrecer mesmo antes de brotarem à superfície da terra (principalmente nas terras baixas), nestes casos semear muito cedo pode ser um risco, sendo necessário tornar a lançar a semente à terra.

Desta forma, dada a incerteza sempre presente, o melhor é não acautelar demasiado determinado cultivo que possa prejudicar outros. Por exemplo: estávamos a 12 Março 2007 e não chovia, as favas semeadas na horta do Almarge por Sebastião e Filomena necessitavam já de ser regadas, mas como as batatas estavam por semear e o casal não queria correr o risco de deixar atrasar esta sementeira para o mês de Abril caso chovesse em breve impossibilitando o trabalho na terra, optou-se pela sementeira de batatas, numa correria contra o tempo. Por vezes para não se perderem as sementes<sup>53</sup>, também se apressam as sementeiras em alguns dias ou mesmo semanas, como se costuma dizer “*pois não dão muito, dão pouco*”, o melhor é jogar pelo seguro.

Na horta, o milho continua a ser a sementeira mais trabalhosa, além das exigência em água de rega em abundância é preciso *arrenda-lo, amoitaa-lo*, tirar a *folha de baixo*, *tirar a bandeira*, *tirar a folhada*, (...). Verificou-se no entanto a sua perda de importância (a partir das últimas décadas do século XX) a favor da batata redonda, devido à substituição dos animais de trabalho (burros e mulas) que do primeiro se alimentavam, pelas alfaias motorizadas (tractores, moto-cultivadoras) que funcionam a combustível. Apesar das inovações, coexistem lado a lado tecnologia moderna e arcaica comportando cada uma, vantagens relativamente à outra, e sempre que se justifica o agricultor faz uso da sua criatividade, improvisando com o que encontra à mão. A substituição do burro e respectiva charrua pelo tractor e a moto-cultivadora acabou com a preocupação constante dos agricultores em os alimentar; permitiu o fim dos sucessivos ataques do burro à horta e suas distrações aquando das lavras demorando a tarefa. Em contra partida, quem ainda possui um burro, consegue lavrar à charrua mesmo com a ‘*terra mole*’ devido ao seu peso relativo, assim

---

<sup>52</sup> Ao qual se refere também Cristiana Bastos (1993) para o Nordeste Algarvio.

<sup>53</sup> A semente que se lança à terra ou a poda que se planta pode ser adquirida por compra (esta última considerada como tendo mais força) ou provir da sementeira anterior que o agricultor guardou de um ano para o outro. Algumas sementes chegam a perdurar durante décadas a fio, sem que o agricultor necessite de adquirir novas sementes a cada ciclo da horta que se inicia. Quando a renovação da semente para o ano seguinte ficou comprometida pelo mau ano agrícola e o agricultor deixa de ter semente própria, diz-se que “*perdeu o inço*” a determinado cultivo (feijão, batatas...).

como pode lavrar as encostas do *barrocal* no sentido das curvas de nível. Além disso, ao contrário dos tractores, os burros produzem estrume, sendo este um dos principais motivos porque algumas pessoas não se desfizeram deles. Por outro lado, um idoso que tem um burro para o auxiliar na horta goza também de maior autonomia uma vez que não sabendo conduzir um tractor pode lavrar a terra sem ter de pedir a alguém que o faça.

Outros serviços a realizar na horta para além das sementeiras, regas e colheitas, são a poda de árvores<sup>54</sup>, a lavra, a cava, a monda, *armar*<sup>55</sup> feijão e *tomateiras*...cada qual com os seus preceitos e épocas. No Verão, a partir de meados do mês de Agosto, os agricultores repartem o seu tempo entre as regas na horta e o *varejo* da amêndoa e da alfarroba. A vindima faz-se em Setembro coincidindo com a *descamisa* do milho. (...)

### 3.2.2. A lavra

Apesar de actualmente por motivos ambientais de conservação do solo ser promovida a sementeira directa, segundo a tradição a terra para ser semeada deve antes ser lavrada<sup>56</sup>. E para se poder lavrar, a terra deve estar branda. Assim, as épocas localmente mais indicadas para este serviço são Outubro, Novembro e Dezembro no *barrocal* para as sementeiras de sequeiro (fava, *greséu*, trigo, cevada). Na *horta* decorre na época das respectivas sementeiras, embora algumas pessoas aproveitem para lavrar assim que a terra se encontra em boas condições. Nas terras baixas, em terrenos desocupados, pode-se ainda lavrar em Julho e Agosto graças à humidade que estes terrenos (aqui mais profundos) conseguem reter; nesta altura a lavra destina-se sobretudo a matar a erva, e a revolver a terra que assim fica a torrar ao sol, uma espécie de *Alqueive*. Como justificava um informante é uma lavra que se faz para que “a terra virgem apanhe sol”. Todavia, no Barrocal, o *Alqueive* (lavra sem sementeira destinada a aumentar a produtividade do terreno) é unicamente obrigatório no caso da sementeira de grãos-de-bico, neste caso, faz-se em Janeiro<sup>57</sup> para se semear em Março. Nas

---

<sup>54</sup> As árvores de fruto podam-se assim que deixam de ter fruto, em Março não se deve podar pois “quem poda em Março leva tudo no regaço”.

<sup>55</sup> O feijão deve ser devidamente armado (com canas...) 15 dias depois de ser semeado e as *tomateiras* um mês.

<sup>56</sup> Nesta área do Barrocal, na ausência de charrua ou tractor para lavrar a terra, esta pode cavar-se ou semear-se ao *covate* (cova aberta na terra onde se coloca a semente e o estrume) com a enxada. Estas sementeiras são no entanto, muito mais demoradas e trabalhosas.

<sup>57</sup> “*Alqueive de Janeiro é estrumada de carneiro*”, dizia um idoso.

hortas habitualmente cultivadas, os terrenos repousam apenas nos meses de poucas ou nenhuma sementeiras que correspondem a Outubro, Novembro, Dezembro e Janeiro<sup>58</sup>.

Em anos muito secos algumas pessoas *regam a terra*<sup>59</sup> por alagamento de modo a facilitar a tarefa de penetrar com os ganchos do tractor ou mais raramente com a charrua, a terra compacta ressequida pelo sol. Pelo contrário, quando chove muito *a terra não dá entrada* às alfaias agrícolas, encontra-se *mole e pesada para lavrar*, sendo necessário dar-lhe um *tempo de enxuga*. Neste último caso, por vezes, para se evitarem atrasos nas sementeiras, e não deixar passar a época mais indicada para determinado cultivo, há quem semeie ao *covato* recorrendo para tal à *enxada de ganchos* por ser a mais indicada para trabalhar na terra mole. No entanto, como no Barrocal existem diferenças entre os terrenos, pode acontecer em terrenos muito próximos um *dar entrada* e o outro não, sendo que os terrenos que se localizam em patamares inferiores, em baixas, retém mais água demorando por isso mais tempo a enxugar. Além disso, como refere uma informante “*não chove o mesmo em toda a parte*”.

Os agricultores explicam que se a terra não for lavrada as raízes dos cultivos têm dificuldade em romper a terra dura. Por outro lado, “*a terra tem de ser remexida para a água penetrar melhor nas raízes*” aquando das *regas da chuva*; e para se *regar de rojo* preparando-se o terreno em *leiras* ou *rêgos*. A lavra elimina ainda a erva e limpa o terreno de algumas pedras que existam. Acontece com frequência a erva que o tractor acolhe ficar a um canto da horta à espera de secar para se queimar, ou fica a apodrecer para estrume.

Para evitar desníveis de terreno que na horta sempre dificultam a *rega de rojo* (ora fazendo recuar<sup>60</sup> a água ou escorrer muito rapidamente), um ano lavra-se para um lado, no ano seguinte lavra-se para outro, passando-se de seguida com a *freza*<sup>61</sup> para alisar os terrenos.

Porém, nem só com o objectivo de semear ou de beneficiar a terra para futuras sementeiras se lavram as terras, a lavra reveste-se ainda de uma importante função simbólica. A terra seja horta ou não, constitui-se como um prolongamento da casa: uma informante referia que “*a terra lavrada é como uma casa limpa*”. Quando se quer mostrar que uma terra não está abandonada, que tem um dono, lavra-se sem outro propósito, embora se justifique o

---

<sup>58</sup>Normalmente uma mesma sementeira não se faz no mesmo terreno de uns anos para os outros, quer se trate de cultivos de sequeiro como de regadio. No *barrocal* seguia-se a seguinte rotações de cultivos: 1.º ano – trigo; 2.º ano – fava ou grão; 3.º ano – trigo; e assim sucessivamente, seguindo a lógica de *ano sim, ano não*.

<sup>59</sup> A rega do terreno antes da lavra têm ainda como função fazer crescer a erva para depois ser eliminada.

<sup>60</sup> A água “*amarrua*” quando não tem força suficiente para seguir em frente, sendo necessário “*fazer caminho*” com a enxada para a água passar.

<sup>61</sup> Antigamente para o mesmo efeito utilizava-se a *grade* para *gradear a terra*.

acto com os benefícios da lavra para as árvores; um informante referia que “...abandonar não é só quem não semeia, é ter aqui uma terra e nunca mais lhe olha, não manda lavrar, não manda nada. Isso é que é abandonar...”. Assim, não raro, quando se passa junto a um terreno recentemente lavrado com ou sem arvoredo, comenta-se o benefício da lavra elogiando-se o brio do seu proprietário.

### 3.2.3. A rega: um jogo complexo de controlo da água

Depois da lavra e respectivo nivelamento do terreno, este último nem sempre fácil de conseguir, prepara-se a terra para receber a semente. É nesta fase que o agricultor escolhe o modo que lhe parece mais adequado para *regar de rojo* os cultivos quando for necessário. Por *rega de rojo*, em oposição à rega pela chuva ou outros sistemas artificiais como aspersão ou gota a gota, entendem os agricultores toda a rega independentemente da sua proveniência já que toda ela roja até aos cultivos para os regar. Isto é, mesmo quando a *água é tirada*<sup>62</sup> de *poços ou noras* toda a rega (à excepção dos casos atrás enunciados) é *rega de rojo* porque a *água vai arrojando pela terra*, e para ela se efectuar é necessário preparar a sementeira em *leiras*<sup>63</sup> ou em *rêgos* por onde a água circulará até aos cultivos.

Geralmente a escolha entre umas e outros (entre *leiras* e *regos*), é feita em função das necessidades de água específicas a cada tipo de cultivo, da época do ano em que ocorrem as regas e respectivas reservas de água disponíveis na horta, tentando evitar sempre que possível o desperdício de tempo e de trabalho. Porém, tomada em grupo no local, esta decisão nem sempre é pacífica e óbvia, variando as opiniões consoante a experiência de vida de cada um dos elementos envolvidos (marido e esposa<sup>64</sup>, pais e filhos, avós e netos...): a discussão gira usualmente em torno da poupança de tempo ou do máximo aproveitamento da água de rega; entre a adopção ou não de novas maneiras de fazer. Como argumento, uns e outros, mencionam as boas ou más práticas tiradas de anos anteriores, ou os bons ou maus procedimentos dos vizinhos.

---

<sup>62</sup> Em «Águas tiradas e águas de rojo – Autonomia e cooperação nas hortas do Alto Barrocal» (1989), do Antropólogo Pedro Prista o que se classifica é a natureza da água de rega, isto é a sua proveniência; no presente trabalho a classificação recai sobre o tipo de rega, ou seja como a água rega o cultivo. Referindo-se a situações diferentes, ambas as classificações são válidas para a área em estudo.

<sup>63</sup> Sistema já estudado por outros autores no séc.XX, sobretudo por Estanco Louro (1929), Carminda Cavaco (1960) e Pedro Prista (1993).

<sup>64</sup> Par mais usual.

### A organização da rega em *leiras*

A organização da rega em *leiras*<sup>65</sup> exige em primeiro lugar que se divida determinada parcela de terra no sentido do seu comprimento em vários *canteiros*. Um *canteiro* é uma faixa de terra que geralmente mede cerca de 3 metros de largura aproximadamente, vezes a totalidade ou a quase totalidade do comprimento do terreno em questão; podendo o número de canteiros variar entre um, e vários canteiros consoante o tamanho total da parcela<sup>66</sup>, acertando-se o tamanho dos canteiros com a ajuda de uma *baracinha* ou de uma cana. Por sua vez, cada *canteiro* é subdividido em pequenos retalhos de terra quadrangulares a que se chama *leiras* (cujo tamanho pode variar entre 1 passo x 1 passo e 3 passos x 3 passos – entre 6 a 15 *golpes*<sup>67</sup> respectivamente), separados por *travessas* que são pequenas elevações de terra dispostas na diagonal do terreno e que servem para sustentar a água dentro da *leira*. É em cada um destes retalhos quadrangulares de terra que se dispõem geometricamente as sementes dos mais variados cultivos<sup>68</sup>. Assim, dois *canteiros* correspondem a duas filas de *leiras* paralelas entre si, separadas por uma *arregueira* onde circula a água de rega e a partir da qual se alimentam as diversas *leiras*. Se cada *arregueira* rega dois *canteiros* no máximo, para regar quatro serão necessárias duas *arregueiras*.

Enquanto passagem permanente de água, os *combros* da regueira devem ser mais robustos que os restantes *combros* (i.e. os *combros machos* ou *de partilha* e os *combros das leiras*) de modo a evitar-se o alagamento dos cultivos pelo seu desastroso e inesperado rebentamento. A passagem da água de rega da regueira para o interior das *leiras* é permitida pela abertura de uma *comporta* (em terra solta) que o regante abre e fecha com a enxada no acto da rega. Cada *comporta* situa-se na extremidade inferior de cada uma das *leiras* fazendo ao mesmo tempo parte dela e do *combro da regueira*. De modo a facilitar a rega, em *leiras* paralelas não se abrem *comportas* na mesma direcção, para tal as *travessas* devem ficar desencontradas, ou seja em *leiras* colaterais os *covates* ou *rêgos* onde se depositam as sementes devem ficar desencontrados, assim o espaço onde se abre a comporta em cada *leira* encontra-se vazio de cultivos<sup>69</sup>, evitando assim que sejam arrastados pela enxada no acto da rega.

<sup>65</sup> Ver Figuras 3 e 4, Anexo A.

<sup>66</sup> Nas zonas mais antigas de regadio do Barrocal, o mais comum é possuir-se entre dois a quadro *canteiros*.

<sup>67</sup> O mesmo que *covates*.

<sup>68</sup> Excluindo as favas, os greséus e os grãos.

<sup>69</sup> Ver Figura 4, Anexo A.

## A organização da rega aos *rêgos*

Para regar determinado cultivo ao *rêgo* é necessário tê-lo primeiro semeado também ao *rêgo*, ou seja, há que dispor as sementes ou as podas enfileiradas espaçadamente (cerca de um palmo) ao longo de uma espécie de valas estreitas e pouco profundas abertas com os ganchos do tractor, à charrua ou com uma enxada, na diagonal ou no sentido do comprimento do terreno. Após depositadas as sementes, o estrume, o adubo, e tapados os diferentes *rêgos* paralelos entre si, sobre os quais se formam elevações de terra a que os agricultores chamam de *combros* ou *camalhões*, a água de rega passa entre eles, ou seja, nas concavidades a que se chama de *arregueiras*. Seguidos os *combros* uns dos outros intercalando com *arregueiras*, dão à horta um aspecto ondulado. O percurso da água de rega faz-se aqui em linha recta, sendo rápida a sua circulação entre os cultivos. A organização da rega aos *rêgos* é actualmente muito frequente em resultado de uma maior disponibilidade de água de rega proporcionada pela proliferação de furos de captação de água subterrânea.

No entanto, um *terreno que está de lavadeira*, ou seja que tem inclinação, mesmo que pouco acentuada, é um terreno que sustém com dificuldade a água de rega junto das sementeiras, escorrendo esta rapidamente em alguns lugares, para ficar retida em outros onde os cultivos ficam melhor regados e conseqüentemente mais viçosos, enquanto os restantes podem apresentar um aspecto sequioso. Esta situação é tanto mais preocupante quanto menos água de rega existir disponível na horta. Assim, a organização da rega em *leiras* sobretudo em *leiras* pequenas (que enchem de água com maior facilidade) é nestes casos o mais indicado. Em vez de ser em linha recta, como no caso dos *rêgos*, o percurso da água nas *leiras* faz-se de modo quase labiríntico, demorando por isso mais tempo a percorrer todo o terreno semeado, e circulando mais devagar, contornando obstáculos, a água permanece mais tempo junto dos cultivos que assim ficam melhor regados, conseguindo-se mais facilmente distribuir uniformemente a água pela totalidade da sementeira.

Desta forma, o sistema de rega em *leiras* é o mais minucioso em benefício do máximo aproveitamento da água disponível, de uma maior eficácia da rega controlando-se melhor a água, mas também de um melhor aproveitamento do terreno para cultivo<sup>70</sup>, sendo por isso o mais exigente em perícia e em mão-de-obra. Como parte da minúcia deste sistema de rega, existem vários tipos de *leira* que o agricultor utiliza consoante a altura do ano em que ocorre a

---

<sup>70</sup> Semeia-se mais cultivos em menos terra. Aproveitam-se ainda os *combros machos*, os *combros das leiras* e mais raramente os *combros das regueiras* para semear. Neste último caso pode estorvar a limpeza das ervas das *regueiras*. O sistema de rega em *leiras* permite ainda executar qualquer serviço sem haver necessidade de pisar a horta do vizinho confrontante.

sementeira e as disponibilidades de água na horta, as características do terreno e as alfaias agrícolas utilizadas. Assim, as *leiras* podem ser de *montijos*, com *rêgos*, *vais-e-vens* ou *rasas*<sup>71</sup>, conquanto que na altura da sementeira a escolha se faça apenas por um dos tipos. No entanto, ao longo de um mesmo *canteiro*, de modo a aumentar a eficácia da rega, sobretudo em situações de minguagem de água, podem conjugam-se *leiras* maiores com *leiras* mais pequenas, estas últimas posicionadas no fim do terreno onde a água tem maior dificuldade em encher a superfície da *leira*.

*Leiras* aos *montijos* são o resultado de uma sementeira feita ao *covate* com uma enxada abrindo-se e semeando-se primeiros debaixo dos *combros machos*, dos *combros das leiras* e das *arregueiras*; após estruturadas assim as *leiras*, abrem-se os *covates* na quadrícula da *leira*. Actualmente os *montijos* são meros indicadores da localização das sementes com o objectivo de as poder cavar e regar sem as arrastar dos seus lugares, aliás, com a mesma função fazem-se *combros*. Semeadas ao *covate*, ou seja em pequenas covas pouco profundas, as sementeiras ficam mais sujeitas a roubos e para se apanharem tem que ser à enxada. Deste modo, semeia-se ao *rêgo* abertos pelo tractor, e depois fazem-se as *leiras*, sendo este actualmente o modo mais comum de as fazer.

Quando a inclinação do terreno é muita ou há pouca água, devem-se fazer *leiras* pequenas com *vais-e-vens*, que são as que melhor sustentam a água junto dos cultivos. Quando o terreno é plano as *leiras* podem ser maiores, ao abrirem-se menos comportas adianta-se na rega.

## Da rega

Depois do terreno devidamente organizado, a rega propriamente dita é uma tarefa que exige força, agilidade e rapidez, comportando ao mesmo tempo momentos de espera (mas sempre sem vergar muito o corpo). Agilidade, força e rapidez são necessárias para fechar as comportas no momento certo, impedindo que os cultivos alaguem ou as *leiras* rompam. De espera porque é necessário esperar que a água percorra a *leira* ou o *rêgo* e suba até aos cultivos para se desviar a água para a *leira* ou ao *rêgo* seguinte. E enquanto se espera descansa-se sobre o cabo da enxada. Daí que este fosse o serviço preferido de quem andava a trabalhar para fora, chegando mesmo a ser considerado o mais leve da horta, bem evidente na expressão “*até as mulheres regam*”.

---

<sup>71</sup> Ver Figura 4, Anexo A.

Para evitar que se rompam os *camalhões* das *leiras* e dos *rêgos* é imperioso controlar o caudal da água à entrada da *leira* ou do *rêgo*, de modo a que não entre com muita pressão. O excesso de água pode provocar o arrastamento de sementes ou partir as plantas, sobretudo no caso das *leiras*. Assim, a água de rega que entra pelas *arregueiras* não deve ser superior a uma *torna de água* média. Sendo que esta última, enquanto porção de água suficiente para se regar uma *leira* ou um *rêgo* de cada vez, pode variar em função do tamanho da horta e da estrutura das *leiras* ou *rêgos* (mais, ou menos resistentes).

Os primeiros dias de rega são os mais trabalhosos. O motor de tirar água necessita normalmente de algum tipo de manutenção, embora actualmente as preocupações sejam menores por se tratar de bombas eléctricas. As regueiras em terra batida absorvem mais água e empapuçam com facilidade, sendo necessário o/a agricultor(a) ir calcando com a enxada a terra da regueira à passagem da água. No que respeita ao sistema de *leiras*, a rega faz-se nesta primeira fase num único sentido, de cima para baixo (a parte de cima de um terreno corresponde ao lado de onde provém a água), ou seja, abrem-se todas as comportas e vai-se regando as *leiras* paralelamente até ao final do terreno. A partir da segunda rega, já os *combros das leiras e da arregueira* estão compactados pela água, então pode-se levar a água para baixo pelas *leiras* da direita, e trazer-se para cima pelas *leiras* da esquerda ou vice-versa, num circuito em que a água percorre os cultivos regressando ao ponto de partida<sup>72</sup>; nas regas seguintes conforme se deixam as comportas abertas assim se processa o sentido da rega.

Para melhor controlar a circulação da água entre os cultivos, sobretudo quando o terreno tem uma inclinação acentuada, fazem-se reforços constantes nas *regas de rojo* recorrendo para tal a “*tancadas*”, que são pequenas obstruções temporárias feitas com terra, ervas, a enxada, ou os próprios pés do agricultor calcando botas de borracha, de modo a fazer subir a água na *leira*, tentando manter a água por mais tempo junto dos cultivos. Por vezes, quando a rega já vai longa, as mãos secam e incham do contacto com a madeira do cabo da enxada, para as aliviar humedecem-se com a própria saliva ou mergulha-se o cabo da enxada na regueira com água e prossegue-se a rega.

Embora por vezes haja que saltitar de *combro* em *combro* durante as regas, este sistema facilita, ao contrário do sistema em *rêgos*, a circulação do agricultor pelo meio da horta quer durante a rega como nas alturas de cavar a erva. Ajeitar os *combros* das regueiras e das *leiras*, limpar as ervas que aí sempre crescem, são tarefas constantes a cada rega que se efectua na horta. A expressão “*a horta exige aprumo*”, proferida por diversos agricultores ao longo do

---

<sup>72</sup> Ver Figuras 3 e 4, Anexo A.

trabalho de campo, além da importância estética que lhe está inerente, não deixar crescer ervas na horta, leiras bem feitas, adianta na rega e gasta-se menos água. Portanto, a estética da horta está estritamente relacionada com a poupança de água de rega. Como referia uma informante, “*Quem sabe regar, rega com metade da água*”.

O número de regas semanal é superior nas terras altas onde o terreno é mais quente e seco. Deste modo, nos terrenos de aluvião no fundo dos vales, efectuam-se de 5 em 5 dias, enquanto que no primeiro caso se efectuam de 8 em 8 dias; sempre na certeza de que quanto mais calor mais frequente deve ser a rega em ambos os casos. Em anos de seca, as regas quase diárias são alternadas de momentos de espera que as águas (dos poços, noras, furos,...) subam, chegando-se a regar apenas uma *leira* de cada vez. A frequência do número de regas depende ainda do tipo de cultivo, do seu estado de maturação e da manutenção que se lhe pretenda fazer. Por exemplo, as batatas redondas e o feijão são os cultivos da horta que devem ser regados com maior abundância de água; no caso do milho, depois de se lhe tirada a bandeira são necessárias apenas uma a duas regas no máximo. No que respeita à última situação, depois dos alhos cavados e adubados deve-se regar para que o adubo fique bem dissolvido pela água e não os queime; quando se cavam as batatas para eliminar a erva não se deve regar logo de seguida para que a erva seque e demore mais tempo a crescer.

Quanto à melhor altura do dia para regar, a preferência vai para o final da tarde. Além do regante se livrar do calor no acto da rega, mesmo que a água disponível na horta seja pouca, a terra mantém-se fresca por mais tempo uma vez que se segue a frescura da noite; regados os cultivos na parte da manhã, apesar de haver mais água regando-se mais rápido, pelo início da tarde a terra já se encontra seca e os cultivos estiolam ao sol. No que se refere à rega do milho, a sombra da sua folhagem permite regar nas alturas de maior calor fazendo sombra sobre o regante. Por outro lado, há também quem considere que a melhor altura do dia para regar depende da época do ano em questão, no Inverno a rega deve fazer-se na parte da manhã porque “*sol e água é criador*”.

A pequena dimensão das hortas do Barrocal associadas à cultura promíscua<sup>73</sup> permite uma gestão eficiente da água de rega. Ao mesmo tempo que se maximiza o aproveitamento do espaço da horta, poupa-se em água de rega e tempo dispendido, regando-se ao mesmo tempo vários cultivos que partilham um espaço comum. Actualmente, além de no geral cada agricultor semear menos, dispõe de maior porção de terra para hortar, tornando essa

---

<sup>73</sup> Semeava-se o milho dentro das batatas, uma vez apanhadas as batatas e desmanchados os *combros*, *amontoava-se* a terra no pé do milho e deslocavam-se ligeiramente as *leiras* de modo a que o espaço ficasse livre entre os pés de milho onde se semearia o feijão e as couves (depois tirava-se a folhada para dar sol às couves).

promiscuidade menos visível. No entanto, uma horta bonita é também para estas gentes “*uma horta composta de tudo*”. O que se semeia em quantidades muito pequenas (couves verdes, abóboras, morangos...) dispõe-se aos cantos das hortas e rega-se com o regador.

Para quem possui horta, a preocupação com as regas é uma constante sobretudo em anos de escassez de água resultante de Invernos secos. Porém, no dia de S. Pedro (29 de Junho) segundo testemunharam muitos habitantes do Barrocal em estudo, deve evita-se a todo o custo ir à horta regar. Não se deve ainda mexer em palhas, nem costurar, sob pena da casa e da horta serem invadidos por ratos. A este propósito, uma informante relatou que certo ano após o seu marido ter regado a horta no dia de S. Pedro, a sua casa localizada a 3km de distância havia sido invadida por ratos. Foi também sugerido, em resposta ao nosso espanto, o dia de S. Pedro como um dia de descanso do trabalho nas hortas, “*uma desculpa para descansar*”. O dia de Entrudo é também indicado como um dia interdito de rega pelos mesmos motivos.

### **A cultura da batata**

Entre os cultivos que se fazem nestas hortas do Barrocal, a sementeira da batata está actualmente entre as mais comuns<sup>74</sup>, e frequentes, ultrapassando em quantidade produzida a sementeira do milho. Ao longo do ano agrícola, são várias as sementeiras que aí se fazem deste tubérculo: a *batata redonda* semeia-se em duas épocas, a primeira sementeira ocorre de Fevereiro a Março, considerada a *Quarta-Feira de Cinzas* a altura da melhor sementeira, e a segunda sementeira realiza-se em Agosto em pleno Verão; a *batata-doce*<sup>75</sup> semeia-se no mês de Maio e em Junho. Tendo em vista a época do ano em que são semeadas e as espécies cultivadas, cada uma destas sementeiras comporta especificidades no que respeita à rega.

Segundo testemunham os agricultores, a *Batata redonda* (de várias espécies), sobretudo a serôdia, é um dos cultivos mais exigentes em água, o que a torna numa das suas grandes preocupações (se não a maior) na época das regas intensivas. Quando semeada em

---

<sup>74</sup> Às quais se acrescentam as *batatas de sequeiro* semeadas no *barrocal* (no final de cada ano) debaixo da copa das árvores, sobretudo das alfarrobeiras, que as protegem da geada. Nas terras baixas, as batatas de sequeiro só se semeiam em Janeiro por causa da geada. Assim, se armazenadas em lugar próprio, é possível dispor de batatas para consumo durante todo o ano. Depois da apanha das batatas, que são sempre várias *arrobas*, o agricultor preocupa-se com o seu armazenamento e conservação: ao pesticida junta a erva ‘*funcho*’ para assim duplicar o efeito protector contra a traça. As batatas devem ainda ser guardadas numa casa com telhado de cana.

<sup>75</sup> Ao contrário das *batatas redondas*, as *batatas-doces* são semeadas ao *rêgo* ou em *vais-e-vens* porque a rama tem que ficar levantada. Regam-se assim que se plantam; e por outro lado, necessitam de outro tipo de rega. Isto é, nas semanas seguintes à sua sementeira dá-se-lhes seca. As batatas-doces também não necessitam de muita rega pois podem perder o sabor (*criar rosa*).

Fevereiro/Março a batata beneficia da *rega da chuva* e livra-se do calor de Verão que quando muito e na falta de água fazem-na correr o risco de criar *traça* (como já foi referido). Em Agosto, sem aquelas vantagens, a gestão da água de rega carece de uma melhor organização, semeando-se as batatas por vezes à *leira rasa*<sup>76</sup>. Na *leira rasa* as sementes de batatas são tapadas com uma fina camada de terra, o que lhes permite ficar em contacto máximo com a água mesmo quando pouca; havendo todavia que ter mais cuidado quanto aos desníveis no terreno.

Porém, apesar do calculismo do agricultor (mais uma vez) o risco está sempre presente. No caso das batatas serôdias em particular, a altura de as apanhar (Outubro/Novembro) coincide com o início da época das chuvas. Assim quando começa a chover consideravelmente convém que a sementeira já esteja apanhada sob pena de algumas batatas começarem a apodrecer na terra. No entanto, por vezes, acontece chover mais cedo do que o previsto ou seja antes da apanha das batatas, atrasando a colheita que assim fica suspensa na esperança que o tempo levante<sup>77</sup>. O problema é quando as chuvas persistem durante semanas consecutivas encharcando os terrenos que assim ficam pesados e muito difíceis (quase impossíveis) de trabalhar com as alfaías agrícolas sejam elas grandes ou pequenas. Situação semelhante aconteceu à família do Zé da Funcheira, na freguesia de Salir, em finais de Outubro de 2006:

Após 15 dias consecutivos de forte chuvada, assim que parou de chover, esposa, marido e sogro rumaram até à horta onde atascados em lama tentavam a muito custo retirar da terra as batatas todas enlameadas, umas à *enxada* e ao *sacho*, outras à mão (algumas delas já podres). Zé socorreu-se com frequência da *raspadoira*, uma chapinha em metal que trazia atada ao cinto das calças e com a qual raspava a terra molhada que se grudava à *enxada* de cada vez que a lançava à terra em busca de batatas. A mulher, Maria Teresa, queixou-se que semeadas à *leira rasa* as batatas alagaram mais ficando a terra *apasuada* (i.e. comprimida), além disso o batatal havia sido regado poucos dias antes da chuva. Inversamente, no ano anterior, a mesma família, apanhou as batatas mais cedo com receio da chuva e depois acabou por não chover. A mulher desabafa: “*a gente não sabe quando é que chove, quando é que não chove, se chove muito, se chove pouco*”.

Na realidade, a *rega de rojo* ajuda a planta a brotar da terra, a crescer e a amadurecer; no entanto, se mal conjugada com a *rega da chuva* pode, como se viu, prejudicar os cultivos.

---

<sup>76</sup> Ver Figura 4, Anexo A.

<sup>77</sup> Pela altura da apanha das batatas não convém ir muito cedo por causa do orvalho que deixa a terra muito húmida dificultando o serviço.

Deste modo, a gestão do número de *regas de rojo* pelos agricultores, sobretudo nas alturas de maior instabilidade climatérica, afigura-se de grande importância. Como o faz então o agricultor? No caso das *batatas redondas*, o agricultor sabe de antemão que o seu tempo de maturação é cerca de 2,5/ 3 meses dependendo do estado de desenvolvimento das sementes na altura da sementeira. Por outro lado, nas visitas frequentes que faz à horta o agricultor apercebe-se do grau de humidade existente no terreno com base na qual gere as *regas de rojo*. Esta percepção é efectuada através do aspecto do terreno, quando a terra está seca começa a rachar; do toque e do olfacto detectando a sua humidade. No fundo, a cada rega o agricultor(a) sente o pulsar da vida vegetal, permitindo-lhe calcular as necessidades de água do cultivo e assim programar as próximas regas. No caso dos cultivos de Março, se não chover dentro de 8 a 15 dias a partir da data da sementeira, o agricultor deve rega-la de *rojo*. Trata-se de um jogo constante de equilíbrios em que o factor *sorte* (o acaso) desempenha um papel relevante.

#### 3.2.4. A mulher e a rega

O trabalho na horta é normalmente partilhado pelos diversos elementos da família (mais por uns que por outros), havendo no entanto tarefas consideradas mais indicadas para cada um dos seus membros que variam em função da idade e do sexo. Lavrar, cavar, *enleirar* a horta, são tarefas puramente masculinas. Depositar a semente na terra, fazer a sachá, a monda, regar e apanhar o fruto são as tarefas consideradas mais leves e por vezes efectuadas inteiramente pela mulher enquanto o homem executa um trabalho mais pesado, utilizando ferramentas também mais pesadas<sup>78</sup>. Uma imagem comum na época das sementeiras é ver as mulheres curvadas a depositarem as sementes na terra enquanto os maridos seguem atrás com a enxada tapando os *covates* depois de aplicado o estrume e o amónio (por eles normalmente). O papel actual da mulher na horta é sobretudo o de auxiliar do marido.

Na altura de recolher os produtos, são normalmente elas que o fazem, principalmente os cultivos que se vão apanhando à medida do seu consumo (feijão, tomates, pepinos...). Nestes casos a mulher tem uma maior percepção do seu estado de maturação consoante os pratos que pretenda cozinhar. No que respeita a apanha da batata ou do milho, porque realizadas de uma só vez, geralmente a família junta-se para em conjunto efectuar o serviço.

---

<sup>78</sup> Relativamente ao Sotavento Algarvio, uma das sub-regiões onde se encontra incluído o concelho de Loulé, Dan Stanislawski (1963) menciona o trabalho das mulheres nas regas das hortas (anos sessenta do séc. XX), que segundo refere é um trabalho considerado ajustado às suas capacidades.

No entanto, há mulheres que tomam as rédeas da horta. Estas são ou viúvas, ou não trabalham para fora, tendo em comum uma longa aprendizagem na agricultura, ao contrário dos maridos no caso das últimas.

O trabalho que cabe a cada membro da família tem contudo variado em função da conjuntura económica de cada época. No que respeita às crianças<sup>79</sup> e jovens, verificou-se nos últimos 30 anos a diminuição da sua participação a favor da sua crescente escolarização. Também o papel da mulher na manutenção da horta não foi sempre o mesmo, sendo em determinados períodos muito mais importante do que a de mero auxiliar do homem, sobretudo as mulheres que viviam nas proximidades das hortas<sup>80</sup>. No decurso do século XX, quando os homens estavam ausentes por motivos de trabalho, nas temporadas da ceifa, a acartar lenha para os fornos de cal, a limpar árvores, *talhar* a terra,...ou emigrados, eram as mulheres que além das lides domésticas se ocupavam integralmente da manutenção da horta, ficando a seu cargo praticamente a totalidade das regas inadiáveis. Se fosse necessário ir de noite regar eram os maridos que iam. Nas situações em que estes estavam ausentes no estrangeiro, as mulheres faziam-se acompanhar por uma vizinha, filhos ou outros familiares, contratando os serviços de um homem para lavar e *enleirar* a horta.

Apesar disso, nesta sociedade rural a tendência foi sempre no sentido da diferenciação de papéis entre homem e mulher. Cabendo a ela inteiramente os serviços domésticos (lavar roupa, cozinhar, arrumar a casa, lavar os terraços para deixar ir água para a cisterna<sup>81</sup>...) e o cuidar dos filhos; a ele tem estado reservado sobretudo o trabalho fora de casa quer seja no campo ou não<sup>82</sup>. Este posicionamento feminino (dentro) e masculino (fora) relativamente à esfera doméstica parece-nos estar presente no modo como os agricultores classificam a *arregueira* e o *camalhão macho* no conjunto do sistema de rega organizado em *leiras*. Segundo a sua explicação, o *camalhão macho* é considerado *macho* porque se posiciona do lado de fora, fica sozinho e não leva *comportas*; a *arregueira* é considerada fêmea porque se

---

<sup>79</sup> Eram trabalhos de criança nas hortas: tocar o burro na nora, verificar os alcatruzes de barro, cavar com sacho onde o arado não chegava, regar, ajudar nas colheitas e nas sementeiras. O primeiro trabalho de Leonilde aos 9 anos, residente no sítio das Várzeas, freguesia de Querença, foi a regar milho no *Morgado do Sousa Pires* (onde os seus pais já trabalhavam) durante três meses depois de ter saído da escola; no fim ganhou 300\$00 com os quais comprou um fio de ouro.

<sup>80</sup> A este propósito João Guerreiro (1993) refere que a distância das hortas à casa, dificultando assim a conciliação com o trabalho doméstico, impediram a mulher de ter um papel de maior relevo na horta.

<sup>81</sup> No lar, normalmente é a mulher quem mais se preocupa com a limpeza das cisternas e depósitos, e o cuidado em deixar ir água quando chega a altura.

<sup>82</sup> A diferenciação dos papéis feminino e masculino no que se refere ao trabalho denotam a preponderância do homem nesta sociedade. Por exemplo, limpar canas para fazer *caniços* e outros utensílios era considerado um trabalho feminino porque diziam ser o pó daí resultante prejudicial aos genitais masculinos. No entanto, um informante explicou que este era um serviço que convinha ser executado por elas porque ganhavam menos dinheiro que os homens.

situa no lado de dentro do *canteiro* e contém *comportas* de um lado e do outro. Se observarmos minuciosamente a configuração geométrica que se forma a partir de dois *canteiros* paralelos entre si separados por uma regueira ao centro, o conjunto assemelha-se-nos ao órgão sexual feminino, ocupando a *arregueira* uma posição de destaque possibilitando a entrada da água que vai fecundar a terra. Neste sentido, a água de rega apresenta similitudes com o sémen masculino<sup>83</sup>.

## Reflexão Final 2

Como foi referido, no Barrocal a existência de uma horta resulta necessariamente da união entre terra e água. Simbolicamente estes dois elementos da natureza apresentam, na área em estudo, analogias com a sexualidade humana, expressas nas classificações que as gentes (agricultores mais idosos) fazem de determinadas práticas agrícolas que lhes foram transmitidas pelos seus pais e avós, nas quais a terra aparece como elemento feminino e a água um elemento masculino. Assim, na lógica da reprodução, **a água está para a terra como o homem está para a mulher**; em última instância, podemos deduzir a importância do papel da horta enquanto garante da reprodução e sobrevivência humana nesta sociedade.

Deste modo, as classificações do mundo agrícola pelos agricultores estão em sintonia com a organização social que integram. *Leira e covate* por exemplo, além de designarem duas situações concretas da prática agrícola tradicional, a primeira respeitante à rega e a segunda ao modo de semear, representam em outros campos da esfera social unidades de medida (de superfície e profundidade respectivamente): um ex-emigrante ao mencionar o pequeno terraço que possui no apartamento em Loulé utilizou a expressão “*é do tamanho de uma leira*”; por seu turno, uma idosa para se referir à pouca profundidade do seu furo, comparou-o a um ‘*covate de batatas*’.

No que concerne à água de rega em particular, dado o papel central que esta ocupa no mundo rural do Barrocal em questão, o seu estudo revela-se essencial para o conhecimento da organização social e do meio natural de que faz parte. Assim, o tipo de rega praticado nas hortas do Barrocal informa-nos por um lado sobre o género de agricultura e o tipo de clima

---

<sup>83</sup> A água fecundante na noite S. João (24 Junho) associada à fertilidade em geral, encontra-se presente nesta sociedade. Por exemplo, a primeira água de qualquer fonte na manhã de S. João, ou a água que passa por cima da fogueira 9 vezes nessa noite, só por si, fermenta o pão sem *lêveda*. Na noite de São João era permitido aos rapazes e raparigas um contacto mais íntimo resultando muitas vezes em namoro. Estes festejos coincidem com a altura do ano em que as hortas se encontram na sua máxima pujança, ou seja apresentam-se fartas de cultivos, uns capazes de apanhar outros em estado de desenvolvimento.

existente na região; por outro, semelhanças entre a organização da rega em leiras e a organização social entre os sexos fornecem-nos indicações preciosas sobre os lugares ocupados pelo homem e pela mulher. Também a organização social em torno de um regadio colectivo, como veremos no capítulo seguinte, muito nos ensina sobre a sociedade rural onde está inserido. Neste sentido, à semelhança do que refere Fabianne Wateau em *Conflitos e Água de Rega* (2000), baseando-se na obra de Marcel Mauss, vista nas suas várias dimensões, podemos considerar a “*rega como um facto social total*” (Wateau, 2000:32).



## CAPÍTULO 4

## “VIVER DENTRO DAS HORTAS”

---

No presente capítulo, procura-se compreender algumas dimensões sociais (económica, jurídica, relacional, e outras) da água de rega de uso comum no Regadio da *Mina do Nascente*, e a partir delas especificar algumas características da sociedade rural onde está inserido. Interessa-nos especialmente compreender como os regantes em questão gerem as situações de excesso ou míngua de água de rega, tentando ao mesmo tempo, manter uma boa relação entre si sem contudo prejudicar a respectiva horta.

#### 4.1. O Almarginho de Salir – resenha histórica e geográfica

Localizado a Oeste do castelo de Salir, a menos de 1km de distância da Vila, o *Almarginho* era nos anos 70 do século XX um dos lugares mais populosos de toda a Freguesia de Salir com cerca de 105 habitantes<sup>1</sup>. De famílias numerosas, casas muito juntas formando um cordão ao longo de uma artéria principal; aqui afluíam pessoas da *Portela da Nave*, *Eira Velha*, *Covões*, *Deserto*, *Funcheira*, *Cerro de Cima* e *Cerro de Baixo*, que dirigindo-se às hortas aproveitavam também para fazer as compras numa das duas mercearias existentes. Da vizinha freguesia de Querença, da aldeia da Tôr, vinham rapazes aos conhecidos bailes que se realizavam aos fins-de-semana no *salão da Ti'Estrudes* (década de 1950).

Ocupando uma estreita faixa de *barrocal* entre duas várzeas, nos últimos relevos já encostados à Serra, o Almarginho encontra-se rodeado de hortas por quase todos os lados. A Norte localizam-se as hortas do *Almarge* tendo o Cerro dos Negros como pano de fundo, a Sul estendem-se as hortas do *Olheiro* e do *Barranco* delimitadas pelo Cerro Cabeça da Areia atrás do qual se localiza a Nave do Barão, a Este localizam-se a *Corriola*, *Olhinho Veado*, a *Quinta* e as *Terras Pretas*. No extremo oposto, a Oeste, o Almarginho pega com o *Barreiro*, o *Cerro de Baixo* e o *Cerro de Cima*, seguindo-se a *Pena de Cima*.

Apesar de *viverem dentro das hortas*, antes da grande vaga de emigração nos anos 60 (séc. XX), grande parte da população do Almarginho não possuía terras de regadio. As hortas que cultivavam eram arrendadas ao *Guerreiro Professor*, aos *Valentes...* ou seja às famílias

---

<sup>1</sup> Recenseamento efectuado em 1972 por José Viegas Gregório então presidente da Junta de Freguesia de Salir (dados cedidos pelo próprio).

mais abastadas da zona, e a outros como o *Dias da Portela* e o *Joaquim Pedro* que embora menos abastados não necessitavam de trabalhar para fora por possuírem no *Nascente* ou em outras zonas que circundam o Almarginho terra de horta e outras propriedades. No entanto, a grande proximidade da povoação às hortas e conseqüentemente à água, assim como à sede de Freguesia, tornaram o Almarginho “*um sítio<sup>2</sup> bom de se viver*” para quem ali habitou ao longo de praticamente todo o século XX. Onde, ao contrário de muitas povoações do Barrocal, as tarefas de acartar água, lavar a roupa, tratar da horta, faziam-se muito perto de casa. Tão perto que, como veremos, não chegavam a ser uma verdadeira preocupação.

Na *Nave do Barão<sup>3</sup>* por exemplo, até aos anos vinte do século XX altura em que foi aberto pela população um poço público na *Lagoa da Nave*, e mesmo depois dessa data quando o poço se secava, homens, mulheres e crianças subiam e desciam diariamente o *Cerro Cabeça da Areia* pelo *Caminho da Zimbreira* num percurso de cerca de 2 km em direcção à *Fonte Figueira* (fonte mais próxima) perto do Almarginho, na árdua tarefa de ir à água<sup>4</sup>. Também no Povo de Salir, apesar do primeiro furo de captação de água subterrânea para o abastecimento de água público ter sido aberto em 1955 perto do *Olho<sup>5</sup>*, só em 1982 se iniciaram as canalizações para o abastecimento de água da rede às casas<sup>6</sup>. Até aí, a água era toda acartada para casa a dorso de animal (macho ou burro), transportado à cabeça ou ao quadril (por mulheres), ou ao pulso (por homens) a partir do poço mais próximo localizado na *Várzea do Poço* a quase um quilómetro de distância por caminho ladeiro. Situações semelhantes viviam-se nas restantes Freguesias do concelho de Loulé<sup>7</sup>.

Todavia, nas Memórias Paroquiais de 1758 (séc. XVIII) do Concelho de Loulé, não se faz qualquer menção à existência do Almarginho na Freguesia de Salir, quando são enumerados e designados os setenta e cinco lugares que a compõe, sendo no entanto referidos topónimos como *Nave do Barão Martins*, *Portela*, *Serro*, *Cazas de Martinho Annes*, *Pena* (Martins, 2004: 417), todos localizados perto do Almarginho de hoje. Dada a sua grande

---

<sup>2</sup> O termo ‘*Monte*’ também é utilizado pelas mesmas pessoas quando se referem ao Almarginho.

<sup>3</sup> Localidade mais populosa que o Almarginho.

<sup>4</sup> Em média cada família consumia diariamente a água de dois cântaros, um para consumo humano e outro para os animais domésticos. Geraldino Brites (1914) faz uma interessante contabilização da água consumida na obra *Febres Infecciosas (Notas sobre o concelho de Loulé)*, (Brites, 1914: 214).

<sup>5</sup> Nascente que alimenta a *ribeira de Salir*, localizada próximo do Morgado de Salir, com cuja água se regavam as hortas no Morgado.

<sup>6</sup> Fonte: Manuel Viegas Gregório.

<sup>7</sup> Na freguesia de Querença por exemplo, o início das obras para o abastecimento de água da rede ao domicílio ocorreu apenas em 24. 01. 1997, (Fonte: Câmara Municipal de Loulé). O acesso desigual das populações à água ao longo de todo o séc. XX conduziu a ritmos de vida diversos; mesmo actualmente, o acesso à água é desigual por vezes no seio de uma mesma freguesia, levando algumas pessoas a aproveitar a *água das goteiras* proveniente da chuva, que descendo pelo telhado vai acumulando em recipientes diversos.

proximidade à sede de freguesia, julgamos pouco provável que o Pároco de então o tenha omitido por esquecimento ou desconhecimento. Assim, nos moldes em que hoje o conhecemos, a história da sua origem contada por alguns dos actuais habitantes, na sua maioria idosos, afigura-se-nos digna de crédito: Manuel Miguel, um abastado empreiteiro de estradas, oriundo de Santa Bárbara de Nexe, terá caído na pobreza por confiar demasiado nos seus empregados que o enganaram; vendo-se na miséria recorreu à ajuda de um tio rico que lhe cedeu terras no Almarginho (terrenos de sequeiro) para onde foi residir com a sua esposa, e onde acabaram por nascer os seus filhos e mais tarde os netos. Este nome, *Manuel Miguel*, ocupa um lugar especial na memória dos mais velhos que o relembram como sendo o antepassado comum de boa parte dos habitantes do Almarginho, e o primeiro habitante daquele lugar, em finais do séc. XIX<sup>8</sup>.

#### 4.1.1. O Almarginho no século XXI

Em 2005 habitam no Almarginho trinta e três pessoas, treze homens e dezanove mulheres, das quais vinte e duas (66%) possuem cinquenta anos ou mais, e destas, quinze (45%) têm mais de setenta anos, residindo aí unicamente dois casais com filhos pequenos (recenseamento próprio). Comparativamente à década de 70 do século XX verifica-se um decréscimo de população residente na ordem dos 69%<sup>9</sup>. Em contrapartida, formaram-se novas vizinhanças como a *Recta do Prazo* e a *Cavaca* onde alguns emigrantes oriundos do Almarginho construíram casas maiores e mais distanciadas de outras.

Mas mesmo com quase metade das casas existentes vazias, umas em ruína outras pertencentes a emigrantes que apenas regressam de férias em Agosto, com uma população residente envelhecida, e apenas a mercearia da *Gracinha* a funcionar, o Almarginho de hoje, continua a impressionar pela sua grande proximidade a uma vasta área de hortas e respectivas infra-estruturas hidráulicas (poços, minas, sobretudo noras), marcas de uma ruralidade passada que embora hoje deteriorada continua aqui a ser mais visível que em outros lugares. E ainda que praticamente todos tenham a sua horta junto à casa dispondo de água de furo própria, continuam a funcionar muitos dos regadios (a partir de noras<sup>10</sup> e minas) que circundam a povoação. Assim, é comum ver homens com a enxada às costas que se deslocam

---

<sup>8</sup> Data calculada a partir da genealogia dos actuais regantes no *Nascente*, Anexo B, Figura 12.

<sup>9</sup> Entre 1940 e 1960 registaram-se aumentos da população no Almarginho a par do Barranco do Velho, Cortelha e outros, baixando nas décadas seguintes (Rosado, 1986: 44).

<sup>10</sup> O número de noras existente é muito superior ao assinalado na Carta Militar 588 de 1980.

a pé até esses conjuntos de hortas, mulheres pelas ruas a transportar *feixes de erva* em alcofas para dar de comer ao burro ou a outros animais.

Não raro, aquando das lavras, encontram-se nas terras cacos de cântaros de barro (que acidentalmente foram trazidos da antiga estrumeira para a horta com o estrume – assim justificam os agricultores). Também junto às casas, nos quintais a testemunhar um passado recente e ainda bem vivo na memória das gentes encontramos os cântaros em zinco hoje fora de uso; objectos que em outras povoações se encontram fora do alcance das vistas dos transeuntes.

#### 4.2. Hortas do Almarge

Tendo como ponto de referência o Almarginho, a zona de hortas que corresponde ao *Almarge* localiza-se a Norte estendendo-se de NO para NE por terrenos de várzea. A zona em questão tem no entanto, à semelhança das restantes zonas de horta, limites pouco claros quando se trata de saber onde começa e onde termina<sup>11</sup>. Algumas pessoas incluem nesta zona o *Brejo* e as hortas da *Quinta*, outras chegam mesmo a incluir as *Terras Pretas*. A opinião é no entanto unânime quanto ao considerar como epicentro da área, o Regadio da Mina do *Nascente*; dizia um informante que “o *Nascente* é a fonte do *Almarge*”. Esta variação parece estar relacionada com o alcance territorial das levadas do *Nascente*: ainda nos anos 50 do século XX a sua água regava hortas até ao *Olho*, estando abrangidas o *Brejo*, a *Quinta* e as *Terras Pretas*. Vendo diminuída para menos de metade a área de regadio, pela sucessão de anos secos ou pela autonomização das restantes hortas em água de rega proveniente de poços ou noras, o *Almarge* terá adquirido outros contornos.

Comparativamente às restantes zonas de horta que circundam o Almarginho, onde predominam as noras (*Barranco*, *Olheiro*, *Corriola*, *Terras Pretas*), as terras do *Almarge* são consideradas mais frescas, dado que por ali correm ininterruptamente as águas de dois nascentes, a água da *Mina do Tanque* e a água da *Mina do Nascente*. A jusante, no *Brejo*, para onde vão escoando as águas da chuva tornando os terrenos aí alagadiços, foi aberta na perpendicular uma *alberca*<sup>12</sup> para fazer o escoamento dessas águas e enxugar a terra. Nesses terrenos a rega foi sempre mais controlada; um informante recorda a rega de batatas-doces feita a balde, a partir da água da levada.

---

<sup>11</sup> Ver Figuras 9 e 10, Anexo B.

<sup>12</sup> Canal de circulação de água, também denominado pelas populações de *vala* e *arregueira funda*.

No *Almarge* coexistem lado a lado variados sistemas de rega: o sistema de rega por gravidade que caracteriza o *Nascente*, e outros sistemas de rega mais modernos a partir de água de poços ou noras tirada a motor, aos quais se adaptaram os sistemas de rega gota a gota, e os *chuveiros*. Sendo comum, no Verão, ouvir-se o trabalhar (em simultâneo) de diversos motores de rega.

Longe de ser um ermo, nesta zona sente-se uma presença humana constante. Do Almarginho soam animais domésticos (os galos, os cães), ouve-se a buzina do padeiro que diariamente percorre os diversos lugares. Da igreja de Salir, sobranceira às hortas, soam a cada hora as badaladas do sino. Uma presença humana que seguramente não é recente, a comprova-lo estão as muitas árvores seculares existentes (alfarrobeiras e oliveiras), assim como a presença de uma fortificação muçulmana (Catarino, 1998) nas suas proximidades, o Castelo de Salir.

### 4.3. O Regadio do “*Nascente*” – Ano agrícola 2005/2006

#### 4.3.1. Aspectos gerais

O *Nascente* ou *Nascedio*, também conhecido por *Mina dos Covões* nome que lhe advém do seu presumível patrocinador, é actualmente um dos regadios colectivos com o maior número de regantes no activo a funcionar entre o Almarginho de Salir e o Almarjão de Querença<sup>13</sup>. A tendência para a privatização das águas de rega e a *relocalização* das hortas junto das casas possibilitada pela emigração (anos 60 séc. XX) votou ao abandono a maioria das hortas de ribeira onde se localizavam os principais regadios colectivos<sup>14</sup> de águas partilhadas (Prista, 1993). O menor abandono deste regadio deve-se sobretudo à sua proximidade a um conjunto habitacional considerável e a boas vias de acesso, aproximando pessoas e hortas<sup>15</sup>; revelando-se-nos por isso ideal para estudar as relações sociais que se

---

<sup>13</sup> Ver Quadro 6, Anexo B.

<sup>14</sup> Ver Figura 8, Anexo B.

<sup>15</sup> A montante da Fonte Benémola, já no perímetro administrativo da freguesia de Salir, junto do leito da *Ribeira da Corte Neto* (Ribeira dos Moinhos), com a mesma localização que o *Moinho das Romeiras*, existiu em tempos o sítio da *Ribeira* com as suas hortas. Desabitado desde o início da década de 70 do séc. XX (altura em que aquele moinho deixou de funcionar), neste sítio chegaram a residir da década de 1950, 40 moradores. Entre as razões apontadas por alguns ex-moradores do sítio para o seu despovoamento total, estão a perda de importância da actividade agrícola e a necessidade de se viver na proximidade de vias de comunicação que lhes permitisse aceder mais facilmente a outros locais que entretanto haviam adquirido maior protagonismo enquanto centros empregadores; assim como a emigração para um país estrangeiro. Também a diminuição da água da ribeira é apontada como causa do abandono daquelas hortas.

estabelecem entre os diversos regantes e a gestão do regadio que daí resulta, bem como perceber as suas transformações ou permanências ao longo dos tempos.

A origem temporal da mina não foi registada pela memória de 4/5 gerações, o que nos leva a presumir que a sua data de perfuração seja anterior a 1900<sup>16</sup>. Além do *Nascente* outros regadios colectivos existem na área, como é o caso das noras de companhia. No entanto, nenhum deles se assemelha ou alguma vez se assemelhou em dimensão ao regadio do *Nascente*, este só comparável ao *Morgado de Salir* ou ao *Pomar*, quer em termos de área regada como em número de regantes, embora o regime de exploração da terra e o seu funcionamento fossem durante o século XX<sup>17</sup> na sua essência diferentes. Enquanto que o *Morgado* e o *Pomar* eram propriedade de um só dono, onde, em regime de arrendamento se podia cultivar uma horta, mas sempre difícil de conseguir; no Almarge, as hortas regadas a partir da água do *Nascente*, eram pertença de vários donos que as davam para cultivar de meias<sup>18</sup> a quem não possuía terras de regadio. No *Morgado* e no *Pomar* a rega era organizada em *giro*<sup>19</sup> semanal ao contrário do *Nascente*, como veremos mais adiante.

O caudal do *Nascente* é permanente durante o ano inteiro. Dos actuais regantes nenhum se recorda de alguma vez a água da mina<sup>20</sup> ter secado. No entanto, os mesmos concordam que no mês de Agosto a água atrasa sempre; se no início do Verão regam ao mesmo tempo entre 3 a 4 pessoas, em Agosto só conseguem regar duas e nos anos mais secos apenas uma.

A água de rega circula por gravidade, sem custos de energia ou combustível, até aos *canteiros de horta*. Os 15 regantes actualmente no activo encontram-se distribuídos por duas levadas: na *alevada de cima* alinham-se 8 regantes para 13 parcelas regadas, e na *alevada de baixo* 8 para 12 parcelas regadas. O que significa que alguns regantes possuem vários *canteiros* de horta repartidos pelas duas levadas (cada canteiro com cerca de 1,5 m de largura

---

<sup>16</sup> Para averiguar a sua origem exacta teria sido necessário uma pesquisa mais aprofundada que não nos coube neste trabalho. Podemos no entanto afirmar que, na bibliografia geral sobre o Algarve e em particular sobre a freguesia de Salir não há qualquer menção a este regadio.

<sup>17</sup> Fazemos apenas referência ao século XX porque é até onde vai a memória dos nossos informantes.

<sup>18</sup> Existiam duas modalidades no sistema de meias: 1) quando o dono da terra contribuía com metade da semente e do adubo, tinha direito a metade da colheita; 2) quando o dono da terra não contribuía nem com as sementes, nem com o adubo, cabia-lhe apenas um terço da colheita. Normalmente “as meias era o serôdio”, depois do dono semear o trigo. Segundo alguns informantes, a situação de arrendamento era preferida ao regime de meias: “Quem tinha dinheiro era melhor arrendar, porque a gente fazia o que queria”. Todavia não era fácil conseguir-se dinheiro líquido para arrendar uma horta, assim como também não era fácil encontrar uma terra de regadio disponível para arrendar.

<sup>19</sup> Termo com significado semelhante a turno de rega.

<sup>20</sup> Actualmente, a entrada da mina parcialmente derrubada e com teias de aranha, não deixa antever a continuação da galeria; numa das suas reentrâncias encontramos sempre um fundo de garrafa ou garrafão com que alguns regantes bebem água.

em média)<sup>21</sup>. O número de saídas para rega tem variado ao longo dos tempos, chegando a variar de ano para ano, consoante a área cultivada. Alguns dos canais, os mais distantes da mina, apresentam-se em estado fóssil, nomeadamente os que iam regar a zona de hortas da *Tramagueira*, do outro lado da ribeira do *Barrancão*, assim como fazer moer o moinho que aí existiu. A levada que passando pelo *Brejo* atravessava um barranco em tubo de zinco até às *Terras Pretas* encontra-se destruída, tendo sido danificada aquando do arranjo do caminho que liga o Almarginho a Salir. Portanto, o abandono das hortas é menor nos terrenos junto à mina, mas mesmo assim algumas destas hortas intercalam com faixas de mato, dificultando por vezes a passagem dos regantes até aos seus canteiros, apesar de existir entre as levadas e os canteiros de horta, uma passadeira elevada de cerca de meio metro para os transeuntes passarem.

Nesta área de hortas, a terra encontra-se mais dividida que nas restantes zonas circundantes ao Almarginho. De pequena dimensão apenas têm como separação entre si os marcos localizados nos seus extremos. Apenas uma das hortas, contornada em dois lados pela levada, possui um muro lateral de protecção com pequenos orifícios na sua base; ao mesmo tempo que fica delimitada das demais, o muro impede as infiltrações da água da mina, e os orifícios na sua base possibilitam a drenagem das águas em excesso se as houver na horta.

Quase paralelamente à mina do *Nascente*, a alguns metros de distância para o seu lado direito, localiza-se a *Mina do Tanque*, cujo caudal embora permanente é inferior ao da mina do *Nascente*. Entre as duas minas existe uma levada que permite a ligação entre os dois regadios, e conseqüentemente a utilização simultânea das duas águas para uma maior pressão na rega das hortas. Salvo na situação em que a água da *Mina do Tanque* está permanentemente a regar os agriões no *canteiro (PR1)*<sup>22</sup>, por norma, a água da *Mina do Tanque* está direccionada para o regadio do *Nascente*, misturando-se com esta no pego do *Nascente*<sup>23</sup>. Na mesma encosta, a montante da *Mina do Tanque* localizam-se mais três minas de água e seus respectivos tanques, das quais apenas o *Tanque da Julieta* possui água suficiente para regar uma horta. A jusante da mina do *Nascente*, localiza-se ainda a mina da *Fonte de Santa Maria* que actualmente só tem água em anos de grande Invernía, dela dizem que curava a sarna.

---

<sup>21</sup> Ver Figura 11, Anexo B.

<sup>22</sup> Ao contrário da Mina do Nascente, esta mina possui um proprietário bem definido, cuja parcela de terra é contígua. Essa parcela de terra (PR1) encontra-se arrendada, e conseqüentemente a água também.

<sup>23</sup> Ver Figura 11, Anexo B.

O Verão de 2005 foi, do ponto de vista meteorológico, um dos mais secos de que há memória, só comparável à seca de 1945<sup>24</sup> segundo a população. Na área em estudo, encontravam-se completamente secos, o *Pegão de Salir* e a *Fonte da Benémola*, fenómenos que causaram uma enorme angústia nas populações locais pela falta de referente. Para fazer face à falta de água de rega foram afundados poços e noras, e nos leitos de algumas ribeiras foram abertos buracos. Perto do Almarginho, na zona de hortas do *Barranco* foi afundado o poço do *Manuel Cova*, os herdeiros da *Nora da Companhia* (localizada no *Olheiro*) reuniram-se para em conjunto se decidirem pelo afundamento da nora. Na *ribeira do Olho* perto do *Morgado de Salir*, com uma máquina retro escavadora foi aberta uma cova no leito da ribeira para com essa água regar uma horta localizada na margem da dita ribeira<sup>25</sup>. Um pouco por todo o lado, quem tem hortas junto do leito de ribeiras, na falta de água nos açudes, viu-se obrigado a puxar água directamente das últimas poças de água existentes nas ribeiras por via de um *chupador*<sup>26</sup> (tubo de plástico que puxa água através de um motor) para salvar os parques cultivos.

Apesar disso, o caudal do regadio do *Nascente* manteve-se com um fio de água com o qual ainda foi possível regar algumas hortas, as mais próximas da mina, então semeadas de milho, feijão, tomates, alhos, batatas-doces... Algumas árvores de fruto, laranjeiras, diospireiros... salpicam aqui e acolá algumas hortas.

Quadro 4 – Características do Regadio do “*Nascente*” (MINA 1) – Ano Agrícola de 2005/ 2006

Nome localmente atribuído	Data provável de construção	N.º de levadas associadas	Comprimento actual das Levadas (valor* aproximado em m)	N.º de Saídas de água para a ribeira	N.º de Parcelas Regadas	N.º de Regantes em 2006	Superfície Regada em 2006 (valor* aproximado em m2)	N.º de Regantes na década de 1960 (valor aproximado)	Superfície Regada anos 50 (valor * aproximado em m2)
<i>Nascente</i> ou <i>Mina dos Covões</i>	Anterior a 1900	2	Levada de Cima 343 m	2	27	15	36,366745 m2	150	187,03162 m2
			Levada de Baixo 288 m						

\* Valores calculados a partir de ortofotomapa 2005 do Instituto Geográfico Português, Ministério da Agricultura, Direcção Regional do Algarve.

Os cultivos semeados nesta zona sofreram algumas transformações ao longo dos tempos: nos anos 50 do século XX a cultura dominante de Novembro a Dezembro em regime

<sup>24</sup> Além das similitudes entre as secas de 1945 e 2005, está a queda de neve que ocorreu na mesma altura.

<sup>25</sup> Prática antiga que as gentes exemplificam com casos ocorridos no *Pomar* (freguesia de Salir) e na *Fonte Filipe* (freguesia de Querença) durante a seca de 1945.

<sup>26</sup> Ver Foto 2, Anexo Fotográfico.

de sequeiro era o trigo<sup>27</sup>, embora nas *cabeceiras*<sup>28</sup> das hortas se semeassem outros cultivos; as sementeiras de Março não se faziam, só em Junho/Julho se semeavam os milhos e depois dentro destes, o feijão e as batatas redondas (de Junho a Agosto). No *Nascente* os pomares de laranjeiras foram plantados apenas a partir dos anos 60 (séc. XX), até aí só as famílias mais abastadas os possuíam, os mais pobres arrendavam uma árvore ou duas em troca de alguns dias de trabalho. Na década seguinte (1970), dois ou três agricultores tentaram o cultivo do tabaco nestas hortas mas por falta de escoamento a produção fez por pouco tempo.

Além de regadio a água da mina tem e teve sempre outros usos, abastecendo a população de água para consumo doméstico, principalmente para beber e lavar a roupa<sup>29</sup>. Também mulheres de outros pontos da Freguesia deslocavam-se ao *pego* do *Nascente* para lavar a indumentária da casa, sobretudo no Verão quando as ribeiras mais próximas secavam. Uma mulher oriunda do Almarginho, mesmo depois de ter casado na freguesia de Querença tendo para aí ido residir, deslocava-se semanalmente de autocarro (anos 70) para ir lavar roupa no *Nascente*; segundo a mesma, no Inverno a água corria morna tornando possível a lavagem de roupa. Desde que dispõem de outras águas mais próximo de casa, de água do furo e mais recentemente de água da rede, esta prática caiu em desuso e hoje em dia apenas duas mulheres do Almarginho o fazem por gosto e não por necessidade. A par da rega, também as idas à água para beber se têm mantido, muitas são as pessoas (algumas de longe) que aí vão encher garrações com a água do *Nascente*, que caracterizam de  *fina e leve*<sup>30</sup>, apesar de ultimamente haver algum receio por parte de algumas pessoas da população em beber águas não engarrafadas.

#### 4.3.2. As infra-estruturas de rega

A água de rega proveniente da mina do *Nascente* circula por gravidade até aos *canteiros de horta* em canais de rega comuns, localmente denominados de *alevadas* e por vezes de *arregueiras*. As diversas hortas existentes encontram-se alinhadas ao longo de duas levadas principais: a *alevada de cima* e a *alevada de baixo*. Estas, relativamente estreitas e

---

<sup>27</sup> No século XVI Frei João de São José escrevia na sua *Coreografia do Reino do Algarve*: “*Salir foi antigamente vila castelada, edificada num teso que fica alteroso da banda do norte e do poente, donde lhe José cai ua fermosa várzea de pão, das melhores que há dentro nas serras do Algarve*” (Guerreiro e Magalhães, 1983:58).

<sup>28</sup> Parte de cima das hortas.

<sup>29</sup> Ainda hoje se encontram cacos de cântaros de barro nas levadas. Em finais de 2006 um grupo de mulheres da *Funcheira* lavava as tripas do porco num troço da *levada de baixo*.

<sup>30</sup> A água do *Nascente* tem sido sempre a preferida para beber pela população do Almarginho. Antigamente mesmo sendo mais perto ir às noras atrás de casa, preferiam ir ao *Nascente* pois segundo recordam a água das noras era uma água mais *pesada* e a do *Nascente* mais *leve*.

pouco profundas, apenas com o espaço suficiente para uma enxada efectuar a sua limpeza, são uma estrutura bastante simples e irregular; alguns troços de levada são em terra batida, outros cimentados, e estes últimos denotam arranjos de épocas, estilos e estado de conservação diferentes. Além das *alevadas* cuja função principal é conduzir a água de rega até à entrada de cada uma das hortas, cada horta possui no seu interior *arregueiras* individuais que conduzem a água de cada *alevada* principal até às *leiras* ou *rêgos* onde estão dispostos os diversos cultivos. Essas *arregueiras* individuais são sempre em terra batida, abertas à enxada, podendo ser várias consoante o que houver para regar, e de diferentes extensões conforme a distância a que se encontram os cultivos da levada.

Quando a água da mina não está a ser utilizada para rega, os regantes lançam-na na íntegra para a ribeira do *Barrancão* através de um canal de descarga, localmente também designado de *alevada*, de *vala* ou mais raramente por *sangradouro*. Outra das funções principais desta *vala* de descarga é, aquando das regas, quebrar a impetuosidade da água em situações de excesso, evitando que as levadas transbordem e alaguem os terrenos em seu redor. Actualmente estão em funcionamento apenas duas *valas*, a do *Nascente* e a da *Mina do Tanque*, embora a mina do *Nascente* tivesse possuído outras ao longo da *alevada de baixo* quando esta se prolongava para além do seu actual cumprimento.

Para *puxar a água* até cada uma das hortas, cada regante tem obrigatoriamente que tapar e destapar as *alevadas* em alguns pontos do seu percurso: faz-se uma *tapada* no ponto onde se juntam as duas levadas para que a água siga ora pela *alevada de cima* ou pela *alevada de baixo*; voltando-se a fazer nova *tapada* à entrada da horta que se pretende regar, de modo que a água não siga em frente, ficando desviada para a horta. São estas *tapadas* que permitem controlar e conduzir a água até ao destino pretendido. Uma *tapada* não é mais que uma pequena obstrução na levada, improvisada e de carácter móvel, feita de entulho (pedras, ervas, sacos, trapos) com o auxílio de uma enxada, para que a água siga determinado percurso com maior pressão, em detrimento de outro. No entanto, quando a água é muita, é possível regar a partir das duas levadas em simultâneo, fazendo-se *tapada* unicamente nos locais para onde a água não deve seguir.

Além do desvio das águas, é ainda necessário saber dosear a água que se deixa entrar na horta para que seja fácil controlá-la na altura de regar as *leiras* ou os *rêgos*. Esta dosagem é efectuada para a *alevada de cima* no ponto onde esta se cruza com a *alevada de baixo*; na *alevada de baixo* no ponto onde esta se encontra com a *vala* de descarga de água directa para a ribeira, recorrendo-se para tal ao auxílio de mais ou menos pedras, de mais ou menos ervas, consoante a água que se queira deixar passar. Também à entrada da horta, para controlar o

volume de água de rega, os regantes destapam mais, ou destapam menos a *comporta* que permite a entrada da água das levadas principais para as regueiras individuais.

As diferenças entre *alevadas* e *valas*, isto é, entre canais de rega e canais de descarga são ténues, chegando mesmo a confundirem-se as suas funções. As levadas do *Nascente* além de canais de rega, são também canais de drenagem dado que a água que sobra do regadio também pode ser drenada para a ribeira através delas. Por exemplo, no fim do período intensivo das regas, quando começa a chover, João (PR15) mantém a água do *Nascente* desviada permanentemente (em quantidade doseada) pela levada de baixo até ao seu campo de agriões, que corresponde à última horta desse conjunto de hortas, e daí é que segue para a ribeira. Além disso, em anos de Invernia, para estas levadas convergem outras águas (a água da *Mina de Santa Maria*, o *Linho Veado* na *Nora do Teixeira Nunes*) indo desaguar à ribeira mais próxima. E como veremos adiante, quando é necessário também se rega a partir das *valas*, sendo que o tipo de estrutura é muito idêntico. Daí a atribuição indistinta dos nomes *alevada* e *arregueira* quer às valas de descarga quer aos canais de rega. Este tipo de infra-estruturas é comum a outros regadios da área em estudo, que na sua maioria se encontram em estado deteriorado.

Antes de chegar às hortas através das levadas, a água do *Nascente* passa forçosamente por um pequeno pego, o *pego do Nascente*, hoje menos profundo que nos tempos em que servia de lavadouro, e onde apenas em situações de pouca água, para a fazer subir no *pego*, fazia-se uma *tancada* com a própria roupa que se ia lavar. Embora a passagem da água de rega pelo *pego* anteceda a chegada às hortas, os problemas gerados pela sua utilização como lavadouro público nunca estiveram relacionados com os detergentes usados pelas mulheres. Segundo testemunham alguns dos actuais regantes, aconteceu em tempos, dois herdeiros das terras próximas da mina que reclamando para si o direito à água, aquando da sua tomada de posse, quiseram acabar com o lavadouro no *pego do Nascente* argumentando que o espaço ocupado roubava terra às hortas próximas; todavia a população não permitiu que tal acontecesse alegando a antiguidade de tal prática.

#### 4.3.3. O Funcionamento do regadio

Sem dias de rega pré-estabelecidos, embora o sistema de rega de oito em oito dias imponha alguma ordem no dia de rega de cada regante, o princípio geral que rege o regadio do *Nascente* é o de “*quem primeiro chega primeiro rega*”, respeitando-se a ordem de chegada de cada agricultor à horta.

O período intensivo das regas ocorre nos meses quentes de Verão, no entanto são as condições meteorológicas, isto é, a frequência das chuvas durante o ano agrícola, que lhe determina o início e o fim, não existindo por isso uma data localmente instituída. Se chover nas épocas em que os cultivos necessitam, é possível dispensar algumas regas a partir da *alevada*, aproveitando-se a *rega da chuva*, poupando-se assim tempo e trabalho; se pelo contrário, na altura da sementeira a terra estiver muito seca, mesmo nos meses de Inverno se efectuam regas. Mas em princípio, o primeiro dia de rega ocorre geralmente no próprio dia da sementeira ou dias depois consoante o estado do tempo<sup>31</sup> e as necessidades de água específicas de cada cultivo, determinando normalmente a sequência semanal da mesma. A partir daí, de oito em oito dias, cada qual escolhe o dia e o horário de rega que mais lhe convém. Alguns regantes preferem a rega da manhã por ser a altura do dia em que a água de rega é mais abundante e o calor aperta menos; outros optam por regar durante as horas de maior calor quando praticamente não há ninguém nas hortas para não ter que esperar para regar (o que actualmente é raro); outros ainda escolhem regar à tardinha por considerarem que esta rega é a que mais beneficia as plantas, ou então porque é a altura em que regressam do trabalho.

A afluência dos agricultores às hortas do *Nascente* é também variável ao longo do ano: na época das lavras e das sementeiras, assim como das colheitas encontram-se mais pessoas juntas a lidar nas hortas; curiosamente, no período intensivo das regas, apesar da frequência de idas à horta aumentar para cada agricultor por causa das regas frequentes e inevitáveis, a ocorrência do encontro entre eles diminui ao máximo, chegando mesmo a ser evitado e controlado, dado que não podem regar todos ao mesmo tempo. Assim, embora não exista qualquer combinação ou acordo inicial, verbal ou escrito, entre os regantes no que respeita aos dias e horas de rega de cada um, a gestão das regas no *Nascente* não deixa de ser feita ainda que do modo mais informal possível:

À partida, como nem todos semeiam no mesmo dia, também nem todos irão regar no mesmo dia; por outro lado, se um dado regante sabe que fulano e beltrano vão regar às quintas-feiras de manhã, e sabe porque os viu a regar, ou num encontro casual estes lhe disseram que vinham do *Nascente* onde haviam estado a regar, aquele evitará sempre que possível ir regar nesse dia a essa hora, pois não quer correr o risco de ter que esperar para regar. Com o decorrer das semanas, à conta de encontros esporádicos, já todos praticamente sabem quando cada um rega, sem que para tal se tenham reunido propositadamente. O

---

<sup>31</sup> Excluimos aqui a sementeira da fava e do *greséu* por serem cultivos considerados de sequeiro mesmo que semeados na horta.

princípio geral de “*quem primeiro chega primeiro rega*” permite-lhes flexibilidade nos horários da rega, e conseqüentemente uma melhor conciliação entre a manutenção da horta e a execução de outros serviços, domésticos ou no campo, nomeadamente a apanha dos frutos secos, ou ainda de um trabalho remunerado; bem como contornar imprevistos que impedem as pessoas de ir à horta na altura desejada. Nestes casos, nada impede determinada pessoa de ir regar fora do dia do costume, o máximo que lhe pode acontecer é ter que esperar para regar, não surgindo qualquer mau estar entre os regantes.

No presente etnográfico, o funcionamento do regadio segue a lógica do seu antigo funcionamento, conquanto que a redução drástica do número de utilizadores nos últimos cinquenta anos permitiu reduzir para o mínimo o risco de ocorrência de conflito social aberto entre os regantes a montante e os regantes a jusante, posicionados ao longo do cumprimento das levadas de cima e de baixo. Como explicam os actuais regantes “*agora ninguém corta [a água], pois não está aí ninguém*”, “*a água anda sempre aqui sozinha...*”; pelo contrário, quando o número era muito superior ao actual, o princípio geral “*quem primeiro chega primeiro rega*”<sup>32</sup>, gerava conflitos frequentes porque os regantes localizados a montante, não querendo esperar para regar, interrompiam frequentemente a rega a quem se encontrava a jusante, ou seja, havia quem iniciasse a rega da sua horta sem verificar se alguém mais a baixo se encontrava a meio de uma rega, que assim ficaria interrompida.

Quando *cortavam a água* a montante, quem estava regando a jusante (a começar, a meio, ou a terminar) ia ver quem lha tinha cortado, percorrendo a levada até o/a encontrar e com este tentava negociar a continuação da rega. Se a rega estava quase no fim, a negociação era mais fácil pois a espera do outro era pequena, que assim acabava por lhe ceder a vez *por vergonha*, muitas vezes contornada com a expressão “*não sabia que era você que estava a regar*” ou “*pensava que não estava ninguém a regar*”. Se pelo contrário estava no início, esse outro raramente abdicava da vantagem que lhe advinha da sua melhor posição ao longo da levada. Embora essa vantagem lhe fosse reconhecida, sobretudo na segunda situação, o corte da rega gerava sempre tenções que por vezes acabavam em insultos. A este propósito, uma informante comentou admirada “*não sei como não houve mortes no Nascente*” ao relembrar o caso de um homem que vendo desconsiderados os seus direitos de água, por ser um dos herdeiros da mina, mergulhou a cabeça do difamador dentro de uma *arregueira* cheia de

---

<sup>32</sup> O princípio geral de “*quem primeiro chega, primeiro rega*” é comum a outros regadios da área em estudo, sendo no entanto necessário estudá-los aprofundadamente de modo a averiguar a existência ou não de eventuais variantes.

água<sup>33</sup>. Todavia, essas brigas ocorriam normalmente entre os regantes que não tinham parte na mina, e não passavam de insultos verbais. Em princípio, aos outros era-lhes reconhecido esse direito e ninguém reclamava quando cortavam a água; além de que, para esses a água de rega era segundo consta *engirada*, isto é, “*havia dias e horas de rega*” estipulados para cada regante e respectivo canteiro de horta.

De acordo com os testemunhos recolhido, as brigas que antigamente ocorriam neste regadio não se desencadeavam pelo receio de não se conseguir água para regar, mas sim pelos frequentes *cortes de água* efectuados pelos regantes localizados a montante; “*queriam todos regar ao mesmo tempo*” para ficarem libertos para efectuarem outros serviços, assim justificam alguns dos actuais regantes. Tratando-se de um conflito sempre latente, causado pela contradição entre o direito de água básico ditado pela Natureza, permitido pelo sistema de rega por gravidade – “*os que estão em cima têm o direito de regar primeiro*”<sup>34</sup> – e o dever de solidariedade entre os membros da comunidade – “*quem não tinha consciência cortava a água, quem tinha consciência ia ver quem estava regando*” – e da igualdade, privilegiando a ordem de chegada de cada regante à horta – “*quem primeiro chega, primeiro rega*”. Deste modo, neste regadio a rega era uma actividade incerta, como relembram as pessoas “*regar no Nascente era regar à sorte*”.

Quem vivia no Almarginho andava *monte* acima, *monte* abaixo com a enxada às costas a controlar as regas no *Nascente*. Como viviam perto das hortas, de vez em quando iam ver se alguém estava regando, se havia muita gente para regar à sua frente iam fazer algum serviço a casa enquanto esperavam; os de longe, esses tinham que trazer farnel porque tal tarefa podia prolongar-se por horas a fio<sup>35</sup>. Na memória dos mais velhos estão ainda as longas noites de espera para regar. Na tentativa de evitarem os imprevisíveis cortes de água, muitos eram aqueles que permaneciam junto ao ponto onde o desvio da água do *Nascente* se faz ora para a levada de baixo, ora para a levada de cima. Nestes casos, enquanto alguém tentava controlar a direcção da água de rega, outra pessoa encontrava-se a regar na horta.

---

<sup>33</sup> A mesma informante relembra que quando essa briga ocorreu, quem se encontrava nas hortas apressou-se a sair do local para não ser testemunha em caso de crime.

<sup>34</sup> Nos anos 60 do séc. XX, uma rapariga (residente nas *Várzeas de Querença*) que arrendava horta na *Quinta da Ombria*, a jusante do *repuxo*, onde não havia dias de rega estipulados pelo proprietário da propriedade, empurrou para dentro da levada um idoso que tinha horta a jusante da sua por este lhe cortar a água sucessivas vezes enquanto ela regava. Justificando o acto com o facto de não admitir que alguém posicionado abaixo de si lhe cortasse a água, embora não se importasse que o mesmo acontecesse com alguém localizado acima, pois contra esses não podia fazer nada quando lhe cortavam a água por estarem *no seu direito*.

<sup>35</sup> As mulheres que residiam no *Almarginho*, deixavam por vezes a panela ao fogo enquanto iam buscar uma *quarta de água* ao *Nascente*. Esta prática seria impensável para quem vivia na *Nave do Barão* por exemplo.

Actualmente, alguns (2) regantes cujas hortas se localizam nas proximidades da mina de água continuam a reclamar para si direitos de água registados nas escrituras das terras que herdaram ou adquiriram por compra. Fora estes presumíveis direitos de água de rega que apenas uma minoria aufere sem que deles faça uso, pois os seus *canteiros* são os que se posicionam mais próximo da mina usufruindo dessa vantagem caso se revele necessário (“*os que estão em cima regam primeiro*”), não existe qualquer documento escrito respeitante à rega. Por outro lado, mesmo que algumas pessoas (3) que usam este regadio disponham de nora e poços (de carácter privado) como alternativa de rega, a água do *Nascente* é considerada pela maioria dos regantes como sendo igualmente de todos. Havendo mesmo quem diga que “*a água é de todos*” porque “*aquelas águas agora são da hidráulica*”. Em última instância, como referia um informante: “*quando ele encher a barriga de água já dá para o outro*”. A necessidade de escoamento da água em excesso surge aos olhos destas gentes como a origem da partilha de água de rega no regadio do *Nascente*: “*para algum lado eles tinham que mandar a água, por isso os outros regavam*”, isto é, ninguém pode prender a água em sua terra por muito tempo, além da rega necessária, sem o prejuízo da mesma.

Um idoso, proprietário de uma horta na zona de hortas da *Quinta*, chegando a rega-la com a água da mina do *Nascente*, referiu que os cortes de água aquando das regas por quem se localizava a montante, deviam-se também (além dos motivos atrás apontados) às tentativas destes em evitar o alagamento dos seus terrenos localizados nas proximidades da mina de água. Ou seja, com a finalidade de evitar o alagamento de suas hortas, por vezes esses regantes não deixavam a água seguir pelas levadas até ao final das mesmas, quando terminavam de regar desviavam a água directamente para a ribeira através das *valas* de descarga ou *sangradouros*. Esta preocupação tinha alguma razão de ser dado que quando os regantes localizados a uma distância maior da mina necessitavam de regar, quanto mais água circulasse pela *arregueira* mais rápido entraria pelas respectivas hortas afim de regar os cultivos; inversamente, os regantes que se localizavam mais próximo da mina corriam o risco de ver inundada parte da horta caso as *arregueiras* deixassem transbordar água ou as *comportas* não vedassem devidamente a passagem da água da levada para os seus canteiros. Assim, enquanto os regantes de baixo tapavam a *vala* de descarga para a água seguir até ao fim da levada, os de cima destapavam-na para a água desaguar directamente na ribeira.

Motivo semelhante causou algum mau estar entre os regantes quando em 2006 um deles decidiu plantar uma vinha no *Almarge* afim de aproveitar a água do *Nascente*. “*Puxar a água*” para regar a vinha não foi então um processo fácil. O terreno em questão localiza-se a alguma distância da mina e há muitos anos que a água não é para aí puxada. A este propósito,

foi sugerido por alguns regantes que fulano “...*leva a água toda e alaga os outros terrenos!*”, apontando-se como exemplo algumas hortas localizadas nas proximidades do *Nascente*, cujos cultivos terão ficado parcialmente inundados. De facto, a *alevada de cima* por onde segue a água até à dita vinha possui um desnível menor comparativamente à *alevada de baixo*, além de que a dada altura do seu percurso o troço de levada em terra batida de estrutura irregular sobe ligeiramente, dificultando a circulação da água, provocando mesmo o seu recuo.

Ao contrário, no ano anterior, em 2005, altura em que a seca foi severa, o excesso de água não constituiu um problema mas sim a sua míngua. Neste caso, perante um recurso limitado, assistiu-se a uma diminuição do perímetro da rega: além dos regantes diminuírem os cultivos na horta, algumas hortas, as mais distantes do *Nascente*, deixaram mesmo de ser cultivadas. Todavia, apesar do conformismo aparente entre os diversos regantes quanto à insuficiência da água de rega, a água do *Nascente* foi disputada ainda que cautelosamente. A uma maior frequência das idas à horta para regar, exigida pela diminuição do caudal da água do *Nascente*, correspondeu também a uma maior probabilidade de se encontrar alguém a regar. Como a rega era muito demorada, algumas vezes acontecia aos regantes com residência próxima deixarem a *água a regar sozinha* (se os cultivos estavam dispostos ao *rêgo* e nunca à *leira*) enquanto iam a casa executar outro serviço; nesse espaço-tempo, se alguém chegasse ao *Nascente* e vendo a água desviada para uma dada horta, não encontrando aí o respectivo regante, puxava-a para regar os seus cultivos. Foi neste sentido que um informante referiu: “*Um rouba para aqui, outro rouba para ali*”. *Roubar* aparece aqui com o mesmo significado de *cortar a água*, embora esta última designação seja mais usual. Assim, neste contexto, o «roubo de água» afigura-se-nos como a forma encontrada pelos diversos regantes para evitarem o conflito social aberto, dado que o «roubo» em questão apenas acontecia quando ninguém estava a observar<sup>36</sup>.

Todavia, apesar da flexibilidade na gestão das regas, do número reduzido de regantes e do bom relacionamento entre eles, os gastos de água de rega (considerados) indevidos estão sujeitos à crítica social, embora raramente desencadeiem um conflito aberto. Por exemplo: regar depois de chover pode originar um comentário do género “*é para ser o primeiro a*

---

<sup>36</sup> Na sociedade do Alto Minho estudada por Fabienne Wateau (2000) o *roubo de água* adquire também a função de equilíbrio social, mas num sentido completamente diferente, aqui o *roubo de água* desencadeia o conflito propositado entre regantes, tratando-se de “*uma maneira positiva de socialização unindo os grupos em oposição em redor de um mesmo assunto*”, neste caso a água de rega (Wateau, 2000:157). No Barrocal Algarvio, no extremo oposto de Portugal, o evitamento do conflito está a nosso ver relacionado com a tentativa das gentes em evitar o estado de ruptura social que não seria vantajosa para os envolvidos pondo em causa futuras cooperações, as expressões “*não vale a pena*” ou “*todos precisamos uns dos outros*”, reflectem isso mesmo.

*gastar água*”, ou “*o filho do diabo anda sempre regando!*” no caso de se regar mais vezes que o necessário<sup>37</sup>, sendo sinónimos de ganância.

#### 4. 3. 4. Caracterização social dos regantes e respectivas parcelas regadas (PR)

Em 2006 encontram-se no activo 15 regantes, 13 homens e 2 mulheres, dos quais 14 são aparentados entre si<sup>38</sup>. Este conjunto de regantes, cujo número aproximado se tem mantido há alguns anos, tem idades compreendidas entre os 37 e os 79 anos, sendo que a sua maioria possui 64 anos ou mais. No que se refere à situação face ao emprego, 11 regantes são reformados, 2 exercem uma profissão fora do sector agrícola e apenas 2 se dedicam exclusivamente à agricultura. Do total de regantes sobressaem ainda os que cultivam as suas próprias parcelas de terra (13), sendo que destes apenas dois aparecem como herdeiros de seus pais, que as adquiriram por troca; os restantes (12), na sua maioria com experiência no estrangeiro, adquiriram-nas por compra directa. Em grande número (11) estão também os regantes consentidos, isto é, os agricultores que não possuindo terra, aí cultivam com a autorização dos respectivos donos (umas vezes familiares, outras vezes meros conhecidos) sem que paguem renda pelo seu usufruto, tendo-lhes sido “*dadas para semear*”<sup>39</sup>. Nas hortas do *Nascente*, o mesmo regante pode em simultâneo, em parcelas distintas, ser proprietário numa, e regante consentido noutra. Ainda no que diz respeito ao regime de propriedade, apenas dois regantes estão em situação de arrendatários, pagando anualmente pela renda da terra menos de 25 euros.

Treze dos quinze regantes residem a menos de 1km de distância das hortas do *Nascente* fazendo as deslocações sobretudo a pé. Os regantes (3) que residem a uma maior distância deslocam-se de tractor ou carrinha de caixa aberta, mais raramente de carro. A maioria dos regantes arrendou no passado *canteiros* de horta no *Nascente* ou noutra zona de hortas que circundam o Almarginho. Actualmente, mais de metade do total dos regantes (9), além da horta que possui no *Nascente*, possui também horta em outra zona de hortas das

---

<sup>37</sup> Os mesmos comentários são comuns para a área em estudo no que se refere à água recolhida em fontanários públicos. Uma atitude que poderá estar relacionada com o receio da escassez repentina que o regime torrencial das águas induz no Barrocal Algarvio, tornando incerto o acesso à água, embora não se excluam outras explicações. Por outro lado, em caso de águas particulares quando se gasta muito pouca isso poder ser tomado como sinónimo de avareza.

<sup>38</sup> Ver Figura 12, Anexo B.

<sup>39</sup> Apesar de não auferirem de qualquer rendimento das terras, os proprietários que as *dão* a outrem para semear, beneficiam com o não estado de abandono das referidas hortas. Nos últimos anos, esta tem sido a estratégia mais comum de muitos proprietários de terras as manterem cultivadas. Segundo referem os regantes deste regadio, só não há mais situações destas porque não há quem queira mais terras para cultivar. No *Nascente*, outros proprietários (2), apesar de não semearem naquelas hortas, não deixam de as lavar.

redondezas (*Corriola, Quinta, Terras Pretas*) e junto às casas, no quintal. No entanto, regar no *Nascente* continua a ser vantajoso pelo custo zero da água de rega: “...no Almage a gente não paga a água, ali é água que vem corrente,...já a água que se tira com bestas, com o motor é paga”.

Quadro 5 – Caracterização Social dos Regantes do regadio do *Nascente* (quadro síntese)

<i>Caracterização dos regantes por sexo e idade*</i>	Sexo	HM	<b>15</b>
		H	<b>13</b>
		M	<b>2</b>
	Idade	37 anos ou menos	<b>1</b>
		Entre 38 e 63	<b>4</b>
64 e mais anos		<b>10</b>	
<i>Distancias da casa até à horta por regante</i>	Menos de 500m	<b>5</b>	
	Entre 500m e 1km	<b>6</b>	
	Mais de 1km e menos de 4km	<b>3</b>	
	Mais de 4km e menos de 20km	<b>1</b>	
<i>Parentesco entre regantes</i>	Com parentesco	<b>14</b>	
	Sem parentesco	<b>1</b>	
<i>Destino da produção por número de parcelas regadas</i>	Auto-consumo	<b>22</b>	
	Venda	<b>2</b>	
	Exclusivamente para consumo animal	<b>2</b>	
<i>Situação face ao emprego</i>	Activos	<b>4</b>	
	Reformados	<b>11</b>	
<i>Experiência no estrangeiro</i>	Com experiência	<b>10</b>	
	Sem experiência	<b>5</b>	
<i>Regime de propriedade por número de parcelas regadas</i>	Arrendatários	<b>2</b>	
	Consentidos	<b>11</b>	
	Proprietários (por aquisição directa)	<b>11</b>	
	Proprietários (por herança)	<b>2</b>	
	Proprietários com experiência no estrangeiro	<b>12</b>	
<i>Proprietários de hortas em outras zonas de horta</i>	Horta junto à casa	<b>6</b>	
	<i>Corriola</i>	<b>1</b>	
	<i>Quinta</i>	<b>1</b>	
	<i>Terras Pretas</i>	<b>1</b>	

\* São considerados aqui os regantes principais embora alguns cônjuges os acompanhem.

*Nota: Dados reportam-se ao ano agrícola de 2005/2006.*

Depois do que foi exposto pode-se dizer que, presentemente os regantes do *Nascente* são maioritariamente do sexo masculino, embora 2 regantes se façam sempre acompanhar por suas mulheres na altura da rega, e outros tantos sejam substituídos por elas quando se encontram impossibilitados de o fazer (por doença ou outro motivo). Por outro lado, mesmo que por vezes, na altura das sementeiras e das colheitas alguns agricultores consigam reunir

filhos e netos para ajudar no serviço, a agricultura é nestas hortas uma actividade praticada maioritariamente por gente reformada, detentora de saber agrícola acumulado, cuja produção (em regime de policultura) se destina principalmente ao auto-consumo. Sendo a proximidade residencial dos regantes às hortas, a linha mestra da organização do Regadio do *Nascente*<sup>40</sup>.

Para melhor ilustrar a dinâmica social deste regadio colectivo, parte-se da biografia de alguns (9) regantes, para em seguida, com base nas observações efectuadas nas hortas, se descrever alguns aspectos da sua vivência quotidiana durante o ano agrícola de 2005/2006.

### ***Joaquim (PR0, PR8 e PR10)***

Joaquim tem 77 anos de idade e reside no Almarginho, onde nasceu, cresceu e veio a casar. Antes de emigrar para Alemanha por mais de 20 anos, entre 1966 e 1988, com a família (mulher e filhos), Joaquim foi pastor, agricultor... trabalhava no que podia. Na Alemanha trabalhou como operário em diversas fábricas, uma delas de vidro. Quando regressou, depois de reformado, retomou o cultivo da terra. A sua casa é a de entre os regantes a que se localiza mais próximo do *Nascente*, a menos de cinco minutos de caminho por vereda estreita que desce da encosta norte do Almarginho até junto da mina passando-lhe mesmo ao lado. A abertura da galeria localiza-se no sopé deste pequeno relevo a partir de onde se espraia uma ampla várzea rasgada na transversal pela ribeira do Barrancão. Por vezes, ao descer pelo caminho, vislumbrando do alto da encosta o panorama geral das hortas, Joaquim não consegue deixar de relembrar o que fora outrora aquela zona: “*Áh! este Almarge, ah! este Almarge! Isto no outro tempo, andava aí gente à farta...não ficavam as terras assim por semear, toda a gente semeava, toda a gente cultivava as terrinhas*”.

Joaquim tem a seu cargo três parcelas regadas (PRO, PR8 e PR10) nas imediações do *Nascente*: a parcela PR0, corresponde a uma pequena vinha disposta ao longo de um único *rêgo*, e pertence a sua irmã Helena uma viúva de quase 90 anos sem filhos. Depois que o marido desta morreu, Joaquim faz toda a manutenção da vinha, desde podar, sulfatar, passando pela rega até à colheita e finalmente a produção do vinho no pequeno *lagar* que possui, incluindo o consumo do vinho.

Esta vinha é regada com *água tirada a balde* do canal de descarga (*alevada, vala, sangradouro*) da *Mina do Tanque*<sup>41</sup> dada a proximidade a que se encontra da mesma. A vinha

---

<sup>40</sup> Quando os regantes principais se encontram impossibilitados de ir à horta, a pessoa (filho, genro e outros) que os substitui reside também em grande proximidade às hortas.

<sup>41</sup> Este canal foi afundado há poucos anos porque deixava sair água alagando os terrenos.

em questão não pode ser regada a partir do processo comum; como justifica este homem a *água não monta* até à vinha dado que a dita parcela de terra encontra-se a um nível superior ao da *alevada*. A rega desse terreno já se fez a partir de uma levada mas era necessário *prender a água no tanque* (mina do tanque) para esta alcançar o nível do terreno. Porém, actualmente, o tanque encontra-se em ruínas e coberto de silvas totalmente fora de funcionamento. Assim, socorre-se de um balde preso pelo cabo de uma enxada, que vai mergulhando ao longo da *vala* que tem prolongamento para além da vinha. A este constante lançar e içar do balde com o cabo da enxada, Joaquim compara a *tirar água à cegonha*.

Além da irmã, Joaquim ajuda outras pessoas, vizinhos e familiares, no que respeita a serviços agrícolas. De quando em quando ruma até Vila Nova de Cacela (concelho de Vila Real de Santo António) no extremo este do Algarve, por oito ou quinze dias, onde reside a sua filha. Aqui, ajuda o genro ora a ceifar a erva da horta, ora a apanhar tomates, melões, etc., conforme as necessidades da época. Tecendo comparações entre as duas regiões Algarvias, Joaquim refere que em Cacela os cultivos são mais temporãs (mais precoces). Na sua ausência é a esposa, Cremilde, quem o substitui nas regas inadiáveis.

Este homem foi visto também a ajudar um vizinho de horta e respectiva família a *desencamisar* o milho no local, sem combinado prévio: Joaquim precisou de ir à horta ou por ali passou, viu a azáfama da referida família e num gesto de cumprimento ficou para ajudar, e conversar também. Em contra partida, quando Joaquim esteve doente com broncopneumonia, o mesmo vizinho de horta regou-lhe as couves sem que lhe tivesse pedido. Esta ajuda foi reconhecida e valorizada por Joaquim que comentou: “*o Lelo é bom homem, regou-me as couves*”. No Verão de 2005, quando a água do *Nascente* já não chegava à sua horta, o mesmo vizinho de horta, sem que lhe tivesse pedido, regou-lhe duas leiras de cebolas com a água do poço que possui naquela zona de hortas.

Exceptuando os *canteiros de horta* no *Nascente*, onde não chega a ocupar a terra na sua totalidade com cultivos, Joaquim possui outra horta junto à casa, horta essa feita (depois de regressar da Alemanha) com terra trazida da *Lagoa da Nave do Barão*, que rega com a água de um furo. Antes de possuir as parcelas de terra no *Nascente* e de fazer horta junto à casa, Joaquim teve de renda a horta (PR16) que hoje é semeada por Raul.

Mesmo não sabendo ler nem escrever Joaquim possui um telemóvel que transporta consigo para todo o lado, até na horta recebe telefonemas de amigos e conhecidos com quem combina petiscos e ajudadas.

### **João (PR1 e PR15)**

João de 37 anos, solteiro, filho de Zé (PR23), vive com os pais na *Funcheira*. Depois de diversas experiências de trabalho como carpinteiro, mecânico... João decidiu-se pela agricultura a tempo inteiro (desde há oito anos), chegando mesmo a tirar o *curso de Jovem Agricultor*. Além destas hortas no *Nascente* pai e filho cultivam outras no *Brejo*, no *Olheiro* e no *Barranco*; e embora praticamente todas as parcelas que cultivem pertençam a outrem, apenas uma delas é arrendada (PR1), as restantes foram lhes *dadas para semear*, isto é, emprestadas pelo dono sem que para isso tenham que pagar renda. Apesar de residirem na mesma casa e de cooperarem em diversos trabalhos agrícolas, pai e filho exploram o seu conjunto de hortas separadamente, sendo que as explorações de João são do tipo monocultura (abóboras, agriões, melancias, melões). Algumas vezes os saberes agrícolas, antigos e modernos, de pai e filho entram em choque quando se trata de optar por uma ou outra técnica de cultivo ou de rega. O excedente, o que João não consegue vender no mercado abastecedor de Loulé, fica para consumo próprio e o restante vende em pequenas porções a conhecidos, ou o que é mais comum, oferece aos vizinhos. Também o pai, pedreiro de profissão durante muitos anos, radicou-se na agricultura há cerca de 10 anos, apontando como motivos tratar-se de um trabalho saudável, não ter ninguém a dar-lhe ordens, e trabalhar conforme quer. Nem pai nem filho chegaram alguma vez a emigrar. Em 2005 João não semeou os agriões (monocultura) na horta (PR1) dado que faltou água na *Mina do Tanque*: “*Os agriões são como o arroz, precisam de água no pé*”, argumenta. Em 2006, no fim do período intensivo das regas, a água do *Nascente* ficou desviada permanentemente para outro terreno onde João tem semeado agriões (PR15 – última parcela regada alinhada na levada de baixo) e daí é que seguia para a ribeira.

### **Raul (PR16, PR19 e PR27)**

Raul de 74 anos reparte os seus dias entre as hortas e o rebanho de cabras. Mais do que agricultor, Raul é *moiral*. O seu interesse antigo por cabras e ovelhas levou-o a frequentar desde muito jovem diversas feiras de gado no Ameixial, Paderne, Guia, Algoz e outros lugares. Normalmente é *com a fresca*, de manhãzinha ou ao final da tarde que pastoreia as cabras, percorrendo com elas todos os pastos existentes nas redondezas, reservando as horas de maior calor para o trabalho nas hortas. Como a área de hortas do *Almarge* está hoje reduzida para menos de metade do que foi em outros tempos, é comum ver o Raul a pastorear

as suas cabras nas proximidades das hortas actualmente cultivadas. Com o leite das cabras a esposa confecciona queijos frescos para consumo próprio e os restantes vende à unidade a pessoas conhecidas. Também a carne dos animais é comercializada.

No *Nascente* Raul cultiva 3 parcelas de terra descontínuas entre si (PR14, PR17 e PR28). As parcelas (PR19) e (PR28) foram-lhe *dadas para semear*, pagando pela terceira (PR16) *dois contos* de renda<sup>42</sup> anuais. Todavia, não há muito tempo que Raul cultiva horta no *Nascente*: um dos *canteiro* (PR28) foi-lhe *dado para semear* no dia do funeral da irmã da sua nora (dia 3 de Junho 2006) onde encontrou a proprietária, residente na *Penina* a cerca de 5Km de distância, que lhe perguntou sem que ele lhe tivesse pedido se gostaria de semear a sua terra no *Nascente*. Os *canteiros* dos quais paga 10 euros anuais foram arrendados há cerca de sete anos atrás ao *Guerreiro Professor*. Este último, oriundo de *Clareanes*, geria a partir de Faro, onde residia durante a semana com a família, as propriedades no *Almarginho*, *Corriola*, *Nascente* e na *Lagoa da Nave do Barão*, herança de sua esposa oriunda de Salir. Os avós e um tio de Raul tendo sido caseiros na casa que o *Professor* possuía no extremo este do *Almarginho* junto à zona de hortas da *Corriola*, fazem de Raul o sucessor natural desta cadeia familiar de várias gerações de caseiros. Falecido o *Sr. Guerreiro Professor* é o seu filho que vive actualmente em Silves quem recebe a renda do referido prédio rústico.

Onde Raul teve de renda hortas durante muitos anos foi no *Morgado de Salir* e no *Pomar*, trabalhando neste último cerca de vinte anos a tratar do gado (vacas). E foi para ficar mais próximo das hortas e da água que deslocou a sua residência dos *Covões* onde nasceu, para a *Fonte Figueira* onde reside actualmente. Não tendo chegado a emigrar, apontou como motivos alguns maus exemplos que conheceu.

Raul é o único regante que no Verão semeia *ferrejo* nestas hortas do *Nascente*, a finalidade é garantir comida às suas cabras sem grande preocupação, podendo evitar de algumas vezes as levar a pastar. Das três parcelas de terra que explora, duas estão destinadas a esse fim (PR16 e PR28) e apenas uma (PR19) é reservada exclusivamente<sup>43</sup> para o auto-consumo familiar. Nesta última, e em outra horta junto à casa que rega com água de furo, Raul semeia favas, cebolas, alhos, tomateiras, feijão verde, batatas-doces, etc., conforme a época do ano.

Em Agosto 2006, estando a água da *mina do tanque* desviada permanentemente para a cultura dos agriões do João (PR1) dado que este cultivo necessita de *água no pé*, Raul precisou de abrir novo troço de levada a partir da base da *mina do Nascente*, para regar o

---

<sup>42</sup> Sendo este o valor que o rendeiro recebe de todas as suas fazendas, refere Raul.

<sup>43</sup> Embora a rama do feijão e da batata-doce por exemplo constituam um óptimo alimento para as cabras.

*canteiro* (PR28) que lhe foi *dado para semear* no dia 3 de Junho 2006, localizado a montante do *pego do Nascente*<sup>44</sup>. Este improvisado foi recebido pelos restantes regantes como fazendo parte da normalidade, que tivéssemos conhecimento ninguém reclamou, e cada um continuou a regar a sua horta como de costume, não se tendo verificado qualquer interferência no bom funcionamento do regadio. Segundo este regante tal prática não é recente, aquele troço de levada improvisado sempre foi aberto quando necessário. Como o dito *canteiro* de horta é um dos que se localiza mais próximo das minas, antigamente o mesmo procedimento também não causava constrangimentos dado que a água das minas era considerada como pertencente a estes terrenos.

Por vezes, Raul desvia a água do *Nascente* para o *canteiro* (PR28) e deixa-a percorrer livremente o milho que aí tem semeado para dar de comer às cabras. Enquanto isso, limpa de ervas a horta (PR19) que está reservado para os cultivos da casa. Outras vezes, ao som das cigarras, senta-se na parede existente junto da mina do *Nascente* *espreitando* a água que sozinha percorre o milheiral. A este tipo de rega Raul chama regar à *manadia* ou à *malta*. Segundo justifica, dispor assim de água numa rega que exige abundância, só é possível graças ao número diminuto de regantes actualmente no activo, o que lhe permite também regar (quase sempre) dois terrenos em simultâneo (PR28 e PR16). Do cimo da dita parede, Raul controla a rega através da mudança de tonalidade do milheiral: “*o milho vai enverdecendo conforme a água vai regando. A água é o sangue da terra*”<sup>45</sup> explica.

### **Vitorino (PR2 e PR18)**

Vitorino tem 69 anos e reside na *Cavaca*, a 1km de distância, dirigindo-se à horta de tractor ou carrinha de caixa aberta. Normalmente Zélia, a esposa, acompanha-o à horta e na sua ausência é ela quem o substitui. Este homem nem sempre vai regar à mesma hora, tal depende de outros serviços que tenha para fazer. A parcela de terra (*PR18*) que possui no *Nascente* foi comprada na década de 70 (séc.XX) por *30 contos*, estava então na França e o negócio fez-se pelo telefone. Adquirir uma terra de regadio no *Nascente* (onde rega desde o 8 anos de idade), foi uma das ambições que o fizeram emigrar.

Em Março de 2006 a parcela de terra (PR2) que lhe foi *dada para semear* pela sua madrinha ficou inundada quando os níveis da água do *Nascente* subiram repentinamente.

---

<sup>44</sup> Ver Figura 11, Anexo B.

<sup>45</sup> Esta expressão “*A água é o sangue da terra*” foi proferida por diversos informantes residentes nas três Freguesias em estudo.

Tinha então batatas semeadas que acabaram por não nascer porque a semente apodreceu debaixo da terra, tendo que ser novamente semeadas. Segundo justifica este homem, isso aconteceu porque quando o nível da água subiu de repente depois de vários dias de chuva, as ervas que sempre crescem nas levadas obstruíram a livre passagem da água fazendo-a transbordar. Uma das sementeiras que sempre faz é a sementeira de *chicharos* na altura da sementeira de batatas em Março.

### **António (PR3 e PR5)**

António reside no Almarginho onde nasceu. A horta que possui no *Nascente* foi adquirida em 1998, antes disso teve hortas de renda, e mais recentemente uma horta (PR5) *dada para semear*. Quando por algum motivo não pode ir à horta, é o filho mais velho, solteiro, que vive também no Almarginho quem o substitui. Da esposa refere que nunca gostou de hortas por ter sido criada num sítio onde não existia regadio e de os pais não a terem *habitado*, ao contrário da sua mãe que trabalhou muito nas hortas, sobretudo nas regas, aliás como tantas outras mulheres do Almarginho. Segundo o seu testemunho, embora a lavra da terra fosse sempre feita pelos homens, as sementeiras e as colheitas por ambos os membros do casal, normalmente a manutenção da horta era feita pelas mulheres. “*Antigamente eles trabalhavam e elas é que regavam..., quando calhava a rega da noite tinham que eles ir*”, refere. Em Maio de 2005, para salvar as favas que então tinha semeadas na horta António teve que ir regar à noite.

### **Alvinho (PR6)**

Alvinho de 59 anos, reformado da Função Pública, reside actualmente na *Ponte de Salir* a cerca de 4km de distância do Almarge. A horta que cultiva no *Nascente* pertence à sua irmã residente actualmente em Faro, que *lha deu para cultivar*. Esta, à semelhança de outros proprietários adquiriu-a após regressar da França onde esteve emigrada por muitos anos. Antes de se reformar, Alvinho conciliava o serviço daquela horta e de outras (junto à casa) com a sua profissão de canalizador. Apontando como razões para semear no *Nascente*: “*eu só semeio aqui para a terra não ficar ai à vergonha*” ou “*...isto é só para entreter...*”. Parte da produção que retira da horta dá à irmã, a restante parte é repartida entre a sua casa, a da filha recentemente casada, e outra parte é oferecida às amigas da esposa que apreciam *produtos caseiros* e não têm.

### **Lelo (PR7, PR20, PR27)**

Lelo tem 72 anos e reside no *Cerro de Baixo*. Dos dezasseis regantes existentes no *Nascente*, Lelo é aquele que cultiva mais hortas. Neste caso a agricultura faz parte integrante da economia familiar, sendo comum a ajuda massiva, esposa, filha, genros e netos. Lelo possui um dos três burros ainda vivos nos arredores, Zé Maria é no entanto o único que ainda lavra com charrua. Alimentar o burro leva-o a semear mais. Apesar dos genros possuírem tractores, Lelo prefere a lavra do burro, além deste também produzir estrume com que fertiliza os cultivos que tem semeado na horta. Entre os *canteiros* que cultiva, possui um poço cuja água só utiliza em situação de falta no *Nascente* dado que para regar daí é necessário gastar dinheiro em combustível com o motor de rega. Também Joaquim (PR0) só rega a vinha da irmã com a água do poço se faltar no *Nascente*.

À semelhança de outros regantes, a experiência enquanto emigrante em França durante muitos anos, permitiu-lhe conhecer outras realidades no que concerne à prática agrícola com que estabelece comparações: a pequena propriedade Algarvia contrasta com a grande propriedade Francesa onde a mecanização é a regra.

### **Amaro (PR22)**

Residente nos *Montes*, a cerca de 4 quilómetros do *Nascente*, Amaro de 60 anos desloca-se à horta normalmente nas horas de maior calor (14:15h), altura em que o som das cigarras é ensurdecedor. Segundo justifica a sua esposa que sempre o acompanha, a escolha da hora da rega está relacionada com o facto de o casal não querer esperar para regar, pois quem é de perto consegue as melhores horas, pela manhã e à tardinha. Nos *Montes* não há água, assim o seu marido para regar meia dúzia de cultivos que tem junto à casa e para dar de beber aos animais, vai busca-la à ribeira de Algibre (freguesia de S. Sebastião) a um furo camarário. A horta que actualmente semeia no *Nascente* foi-lhe *dada para semear* por um vizinho. Como motivo para semear horta apontam a qualidade da produção pela quase ausência de pesticidas e adubos químicos, bem como o prazer da actividade.

### **Zé (PR25)**

José de 58 anos reside na Funcheira, é o pai de João (PR1 e PR15), e do qual já se teceram algumas considerações. Em Julho de 2006, Zé rega usualmente o milho com água da única nora existente no local, dado que a levada que passa junto da sua horta, a *levada de cima*, possuindo menor desnível é com dificuldade que faz circular a água até às duas últimas hortas, a sua é a penúltima. A nora coberta de teias e tapada com lenha, há muito que deixou de trabalhar com o engenho, a água de rega é agora puxada do poço por meio de um motor a gasóleo e é canalizada num tubo até à *arregueira* individual, seguindo desta para o milho. Zé é o único a regar com a água desta nora embora o engenho seja pertença de dois donos. Durante a época da rega, o motor fica diariamente a céu aberto junto da nora, como o motor é muito pesado, e a horta perto de casa, Zé não tem receio que lho roubem. Segundo refere, os assaltos recentes a algumas casas de motor das redondezas tiveram como objectivo o roubo do combustível, o que leva o homem a pensar que terão sido os *moços* para as suas motorizadas. Embora a produção de milho seja hoje muito menor do que fora em outros tempos, na área em estudo praticamente todas as pessoas que ainda o semeiam possuem um pequeno moinho eléctrico particular com o qual moem os grãos de milho que consomem em *papas de xerém*. Além do consumo humano, também os animais domésticos se alimentam dele; a *folhagem* do milho Zé dá de comer ao seu burro que actualmente apenas produz estrume que é utilizado para fertilizar as hortas que tem a cargo. No *Brejo*, em outra horta a jusante do *Nascente*, ao final da tarde, enquanto rega as *leiras* Zé conversa com Raul que pastoreia as suas ovelhas; lado a lado, pastor e agricultor.

### **Outro**

Além dos 15 regantes, um homem aproveita as sobras de água do *Nascente* para regar a sua horta localizada a uma distância considerável da mina, onde nunca chegaram as levadas! Toda a água que desagua na ribeira através das *valas* de descarga segue por um tubo (preto de polegada e meia) disposto no meio da ribeira até ao tanque que tem na horta; quando o tanque está cheio solta a água para regar os cultivos. Confrontados os regantes com a situação, apenas referiram que a água que desagua na ribeira está perdida para eles de qualquer forma, não havendo por isso qualquer inconveniente considerado.

#### 4.3.5. Solidariedade e cooperação entre regantes

Enquanto canais de circulação permanente de água, as levadas são locais propícios ao crescimento de plantas de espécies variadas como por exemplo *agriões*, *junco*, *avenca*, *montrastes*, *rabaça*... Estas plantas, algumas comestíveis<sup>46</sup>, outras ornamentais, e outras simplesmente daninhas, obstruem com a sua rama a livre passagem da água de rega da mina até às hortas, fazendo transbordar a água quando muita, ou fazendo-a perder-se pelo caminho quando pouca, causando demoras na rega. Neste sentido, a limpeza destes canais afigura-se da maior importância independentemente da época do ano em questão. Seja Inverno ou seja Verão é necessário “*fazer caminho para a água passar*” como referia um informante no mês de Dezembro enquanto arrancava com a enxada os juncos que na direcção da sua horta impediam a livre passagem da água para a ribeira. Quem passa habitualmente no meio das hortas deste regadio, de quando em quando é comum visualizar feixes de erva nas bermas das levadas, resultantes da limpeza/desobstrução de alguns troços, assim como porções de sal sobre a erva aparada.

No entanto, no *Nascente*, este tipo de manutenção da levada é hoje (como antigamente<sup>47</sup>) sempre feita individualmente e apenas quando se torna necessária, ou seja no próprio dia em que se vai regar; altura em que com a enxada ou com a própria mão se arrancam as ervas nos locais onde estorvam a passagem da água.

Em 2006, foi com desgosto e desaprovação que os regantes mais antigos receberam a proposta de um regante recém-chegado, cuja horta se localiza a maior distância da mina, para em conjunto efectuarem a limpeza das levadas. Este regante teve então que limpar sozinho toda a levada desde o *Nascente* até à sua horta para poder regar a vinha, sendo esse o procedimento tido como o mais normal e correcto entre os regantes. Assim, à semelhança da rega, também a limpeza das levadas é feita sem combinio prévio e à medida das necessidades de cada um: “*umas vezes limpa-se, outra vezes não*”, “*quando tenho falta de regar limpo-a, quando não tenho falta de regar não a limpo*”, “*pois cada um na sua terra, quem quiser limpa, quem não quiser não limpa*”. Daqui resulta que os primeiros a regar são os primeiros a necessitar de limpar as levadas, e os regantes que se localizam a jusante tenham maior preocupação e trabalho na sua limpeza porque caso seja necessário, o troço de levada a limpar é sempre maior. De qualquer modo, quanto mais próximo da mina mais vantajosa a posição

<sup>46</sup> Muitas mulheres apanham *agriões* para cozinhar em salada ou sopa, acrescentando-os também ao *jantar de grãos* e às *sopas de batata*. Nas levadas habitam eirós e lagostins de água doce que algumas pessoas comiam antigamente.

<sup>47</sup> Embora tivesse existido pessoas que mantinham sempre limpos os troços de levada na direcção de sua horta.

do regante quer ao nível da rega no caso de minguagem de água, quer ao nível da limpeza das levadas. O arranjo destas infra-estruturas de rega segue a mesma lógica<sup>48</sup>. Para evitarem os danos (perdas de água) que os ratos fazem nas levadas rompendo-as, alguns regantes cimentaram o troço de levada na direcção de sua horta à medida da sua disponibilidade financeira; tendo daí resultado o seu aspecto irregular. No que respeita à manutenção da *vala de descarga*, apesar desta servir a todos, a sua limpeza é sempre feita apenas por um dos regantes, aquele que possui a horta (PR6) encostada ao canal. Apesar da referida *vala* se encontrar ladeada por duas hortas, o dono da horta localizada a montante nunca a limpa por se situar a um nível mais elevado, ao contrário do regante da horta a jusante que por se encontrar a um nível mais baixo corre o risco de ver inundada a horta caso a água que segue para a ribeira transborde da *vala*; assim, o empedrado desta *vala* foi totalmente custeado por este último.

No *Nascente*, a solidariedade entre regantes manifesta-se de outra forma. Por exemplo, não cortar a água a quem se encontra a regar (i.e. não interromper a rega de alguém) foi e continua a ser um gesto de solidariedade. No entanto, independentemente dos laços de parentesco que unem os actuais regantes, foi a diminuição drástica do seu número nas últimas décadas que permitiu reduzir para o mínimo o conflito social decorrente dos cortes de água. Se hoje se rega em família, antigamente também se regava dado que a maioria dos actuais regantes arrendou no passado hortas naquela zona; de facto, o número reduzido de regantes permite hoje uma maior harmonia entre eles. Naquela época, *cortar a água* era provavelmente uma atitude de sobrevivência<sup>49</sup> por parte dos regantes perante um recurso que, embora no *Nascente* não fosse escasso, era indispensável para a rega das hortas e estas fundamentais para a sobrevivência da sua casa, numa altura em que “*se não se cultivasse, não se comia*”, embora como complemento houvesse que trabalhar<sup>50</sup> em outros locais.

Quando o número de regantes no *Nascente* atingia as duas centenas (muita gente para pouca terra), e o tamanho das parcelas de terra era tão variável quanto exígua, estipular dias e horas de rega para cada um mostrava-se uma tarefa praticamente impossível; em

---

<sup>48</sup> Também nos regadios junto a ribeiras, quando os muros de protecção que ladeiam a ribeira são arrastados pela torrente de alguma cheia, a sua reconstrução quando acontece, é efectuada por cada agricultor apenas na direcção da sua horta.

<sup>49</sup> Foi neste sentido que no Verão de 2005 uma mulher residente numa das freguesias em análise, perante o fraco caudal de água na única bica pública existente no local e face à necessidade premente de regar as flores do seu jardim, acartou desenfreadamente vários baldes de água quando na sua opinião o correcto teria sido ceder a vez aos vizinhos, a mulher justifica a sua atitude dizendo que “às vezes é preciso perder a vergonha”.

<sup>50</sup> O trabalho exercia-se por temporadas consoante a época do ano: cavar alfarrobeiras, apanhar alfarrobas, lavar, ceifar, apanha de lenha para os fornos de cal, *arrenca* de pedras para fazer fazendas.

contrapartida, actualmente, o número reduzido de regantes dispensa qualquer organização rígida da rega em dias e horas semanais.

O giro de rega semanal está associado a um quadro de direitos reconhecidos sobre a água, incluindo a sua propriedade. Se não vejamos: nos regadios em que a posse da água é incontestável, como é o caso da *Nora da Companhia no Olheiro*<sup>51</sup>, o regadio do *Pomar* e o *Morgado de Salir*, a água de rega era *engirada*, assim como (para os dois últimos casos) era conjunta a limpeza das levadas em dias combinados. Sendo que também entre os presumíveis donos da água do *Nascente* a rega era *engirada*.

Na situação actual do *Nascente*, podemos dizer que, é precisamente a ausência de regras rígidas no que concerne a horários e dias de rega estipulados, assim como a ausência de compromisso no que toca à manutenção conjunta das levadas, que possibilita um melhor entendimento entre os diversos regantes do regadio em questão, não havendo lugar para se exigir o que não está pré-definido.

A solidariedade e cooperação entre regantes manifestam-se especialmente em situações extremas, por exemplo no caso de doença que impossibilite alguém de ir regar, lavar, apanhar batatas, etc., grande parte das vezes sem ser necessário pedir. Entre regantes também se oferecem produtos da horta (fruta, hortaliças, etc.) nomeadamente quando a produção é excedentária e corre o risco de se estragar sem que o seu proprietário daí retire benefício. Trocam-se ainda conhecimentos e experiências agrícolas, cedem-se sementes e podas. Independente das relações de parentesco que os une, esta troca verifica-se geralmente entre os regantes que mantêm relações privilegiadas de amizade e afinidade.

A solidariedade tem no entanto o seu alcance e limites que é preciso ter em consideração. De modo a que possamos compreendê-los, foquemos as atenções no seguinte caso que poderia ter ocorrido em qualquer uma das freguesias em estudo e a propósito de outro bem que não a água:

#### **01 Agosto 2005, Extracto do diário de campo**

“Há mais de uma semana que a bomba de tirar água do furo de Catarina (80 anos, viúva e sem filhos) estava avariada. Durante esse espaço de tempo a velha senhora não ficou sem água; por um lado dispõe de água da rede, e por outro, pode ainda recorrer à água dos irmãos que residem paredes-meias com a sua casa, cada um deles com o seu furo próprio. Apesar disso, Catarina mostra-se desgostosa com o tempo que esteve privada da água do seu furo. A água da rede por vezes não é límpida (este ano tem vindo *ludra-turva*) e a idade já não lhe permite ir busca-la para

---

<sup>51</sup> Nesta nora a água é apenas *engirada* em anos de seca. Dos casos que temos conhecimento de águas *engiradas*, o conflito não está ausente.

beber à fonte, estes são os motivos apontados pela idosa para preferir a água do seu furo, acrescentando que “*não há nada como termos a nossa água!*”.

Uma das cunhadas, Maria, comenta que quando a sua primeira bomba avariou não teve dois dias sem água, mandou logo vir uma bomba nova, justificando: “*quando nos habituamos a ter a nossa água...é difícil passar sem ela*”, deixando subentender que não sabe como a cunhada conseguiu estar tanto tempo sem mandar arranjar a bomba. Júlia, outra cunhada, comenta com Maria em tom de crítica: “*p’ra quê que ela quer o dinheiro, p’ro outros irem buscá-lo!*” (...)

O caso relatado suscita algumas questões: Será que as necessidades de água de uma velha senhora, viúva e sem filhos, justificam os gastos na compra de uma bomba de tirar água para o seu furo? Mesmo que a idosa possuísse uma pequena horta no quintal, que não é o caso, não seria mais lógico que os irmãos que residem paredes-meias com a sua casa, cada um deles com o seu furo próprio, lhe cedessem água? A explicação não é tão linear.

O espaço de tempo que mediou a avaria e a reposição da nova bomba para o furo de Catarina, foi o suficiente para os envolvidos considerarem a cedência de água bastante. O prazo tido como razoável neste caso concreto, foi medido (pelos seus irmãos e cunhadas) em função do poder económico da viúva. Por sua vez, não dispor de um recurso alternativo à má qualidade da água da rede, de forma a garantir a autonomia da sua casa, gerou mal-estar a Catarina. Embora o limite da solidariedade seja difícil de definir e precisar, podendo variar de indivíduo para indivíduo, pode dizer-se que esse limite se encontra no ponto em que se geram sentimentos controversos entre os envolvidos: por parte de quem recebe, o sentimento de perda de autonomia; por parte de quem dá, o sentimento de abuso se o outro dispõe de recursos próprios.

Um dos regantes no *Nascente*, a propósito de um poço que possui de meias com outra pessoa nas hortas das *Terras Pretas*, queixava-se dos custos que teve de suportar sozinho para o arranjar porque o outro alegou não regar daí. Há trinta anos atrás, a aquisição conjunta daquele poço deveu-se à falta de dinheiro, caso contrário a opção teria sido pela posse individual. “*As meias é assim (...), é por isso que agente gostava de comprar a outra parte, para aquele poço ser só nosso, (...) não havia problemas*” desabafa o homem.

É neste sentido que nos parece residir a dificuldade dos regantes em acordarem quanto ao arranjo conjunto de uma passagem comum entre as hortas do *Nascente* de modo a evitar a danificação de alguns troços de levada pelos tractores e moto-cultivadoras quando se dirigem às hortas para executar algum serviço.

#### 4.3.6. Da diminuição da Área de Regadio – Interferências Externas

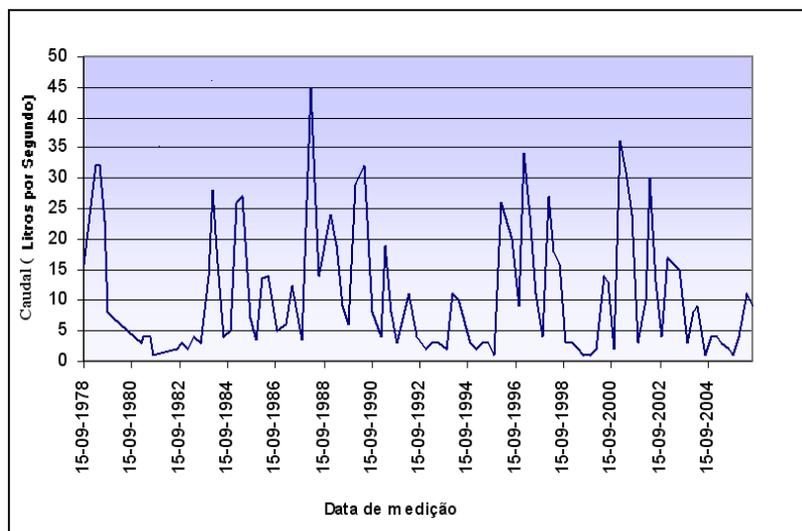
A diminuição da água de rega no regadio do *Nascente* é opinião corrente entre os seus actuais regantes assim como entre os habitantes e ex-habitantes da povoação do Almarginho, todos concordam que *antigamente havia mais água*<sup>52</sup>. Com frequência, num primeiro momento, foi referenciado pelos regantes que a redução da área de regadio da mina do *Nascente* estava directamente relacionada com a diminuição da água de rega, isto é, que o reduzido número de hortas cultivadas correspondia a uma diminuição, nas últimas décadas, de água disponível para regar.

Assim, seria de esperar que o número de hortas aumentasse em 2006, resultante do aumento da regularidade e intensidade das chuvas durante todo o ano agrícola e consequentemente de uma maior disponibilidade de água de rega na mina. No entanto, o perímetro de rega no regadio do *Nascente* no ano agrícola de 2006 aumentou apenas em duas hortas (PR13 e PR24) comparativamente ao ano anterior, ano de seca severa. Vejamos então, que outras motivações se escondem atrás desta contradição contribuindo para a situação actual.

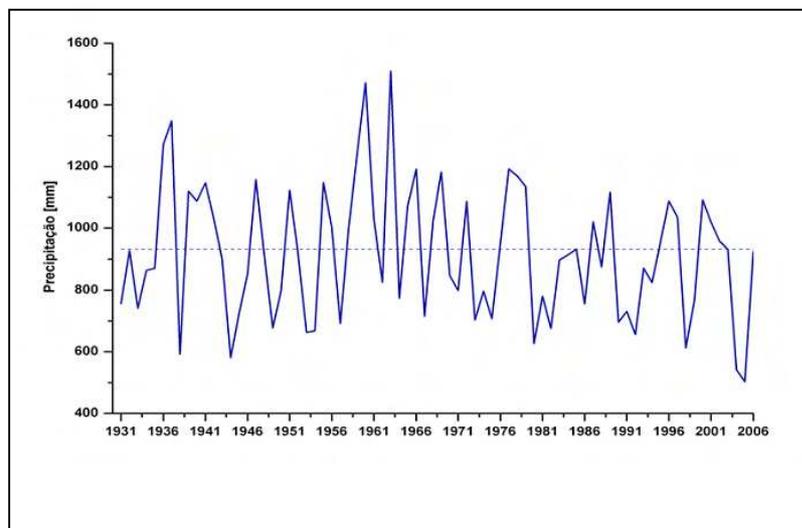
Como foi referido anteriormente, a emigração nos anos 60 (séc. XX) melhorou o acesso da população ao regadio aproximando hortas e casas, relegando para segundo plano muitas hortas localizadas nas áreas tradicionais (Prista, 1993). Na *Nave do Barão* foram perfurados inúmeros furos de captação de água subterrânea possibilitando a transformação de terrenos de sequeiro em terras de regadio, provocando consequentemente o abandono das hortas do *Almarge* regadas com a água do *Nascente*. Mais tarde, a entrada de Portugal na CEE em 1986 permitiu a colocação no mercado nacional de produtos hortícolas a baixos custos o que contribuiu para a diminuição geral da produção. Apesar do investimento por parte dos ex-emigrantes em terras de horta aquando do seu regresso, a viragem na economia regional fez descer o valor das propriedades agrícolas regadas.

Desta forma, ao que tudo indica, a diminuição da área de rega deste regadio parece relacionar-se mais com factores de ordem social do que com factores de ordem natural. Porém, antes de nos precipitarmos numa conclusão, veja-se o que nos revelam os dados relativos à variação do caudal da água da mina do *Nascente* entre 1978 e 2006, comparando-os depois com os valores da variabilidade interanual da precipitação em Portugal Continental para os mesmos anos (fig. 5 e 6):

<sup>52</sup> Opinião extensível aos habitantes de outras povoações da área em estudo relativamente à água disponível na região, sendo comum a expressão: “*no outro tempo, até os moirais criavam limos nos chapéus*”.



**Figura 5** – Variação do Caudal do ‘Nascente’ entre 1978 e 2006. FONTE: CCDRALgarve



**Figura 6** – Variabilidade interanual da precipitação em Portugal Continental entre 1931 e 2006 (a tracejado o valor médio no período 1961-1990). FONTE: Instituto de Meteorologia, I.P. Portugal., retirado de <http://www.meteo.pt>

A variação do caudal do *Nascente* entre 1978 e 2006 (fig. 5) mostra-nos que anos de baixo caudal (1980-81, 1984, 1987, 1989, 1992-93, 1999, 2005) intercalam consecutivamente com anos de caudal abundante (1979, 1983, 1985, 1997, 2001, 2006), no entanto, os valores mínimos do caudal registados por um período aproximado de trinta anos não chegam a ser negativos. Se pensarmos que na Serra xistosa as variações de caudal entre 0 e 2 Litros são tidas como uma boa captação tendo em vista a baixa permeabilidade dos solos<sup>53</sup>, aqueles valores podem não ser considerados alarmantes.

Comparando a informação contida nas duas figuras (5 e 6), vemos que os picos de caudal da água do *Nascente* correspondem a picos de precipitação (1978-79, 1985, 1996-97,

<sup>53</sup> Fonte CCDRALgarve.

2001, 2006), assim como os baixos níveis do seu caudal a períodos de baixa precipitação ou seca (1980-81, 1992, 2004-05), verificados à escala nacional. Deste modo, independentemente das especificidades regionais, depreender-se que os fenómenos climáticos extremos (secas, cheias) que têm afectado ciclicamente esta área do Barrocal Algarvio (sejam eles típicos ou atípicos) não podem ser analisados como fazendo parte exclusivamente de uma área tão restrita como os limites administrativos de uma Freguesia, de um Conselho, de uma Sub-Região, ou mesmo da Região Algarvia, devendo ser inseridos na irregularidade climática característica dos climas mediterrânicos; embora seja à escala micro que se consegue perceber de que modo esses fenómenos afectam a vida quotidiana das populações locais, como estas os percebem e o modo como lhes fazem face.

Todavia, para a área em análise, indicadores mencionados pela população apontam para a diminuição efectiva da água de rega nos últimos 40/50 anos. Infelizmente não possuímos dados estatísticos respeitantes ao caudal da *Mina do Nascente* que nos permitam apreciar a sua evolução nos últimos cem anos.

Segundo dizem os mais idosos, houve um tempo em que a água da mina atravessava a *ribeira do Barranção* até à *Tramagueira* onde ia regar hortas; e antes disso, a água foi aproveitada para fazer moer o *Moinho* aí existente dado que a água da ribeira era muito incerta<sup>54</sup>. Mais recentemente, quando alguém se encontra a regar da *Nora dos Valentos* localizada alguns metros a montante, o caudal do *Nascente* diminui visivelmente. A diminuição da água é também notada para toda a área envolvente ao *Nascente*: actualmente as noras do *Barranco* raramente *deitam água pelos infernos* ao contrário de outros tempos. O primeiro furo no *Almarginho* data de 1966, desde então inúmeros outros foram abertos (geralmente de pouca profundidade – 60m no máximo, 10m na generalidade), havendo casos em que os proprietários mandaram abrir dois e três furos por não encontrarem água suficiente no primeiro. Uma idosa comentava acerca de um dos seus furos (com localização a montante da Mina) que a água é a mesma que corre pelo *Nascente* pois tem o mesmo sabor, e além disso quando o furo foi perfurado a água do *Nascente* ficou *ludra* (ruiva).

As causas apontando para a descida das águas encontram justificação por um lado nas captações de água subterrânea cada vez mais profundas que foram neutralizando anteriores sistemas de captação de água, por outro chover menos: “*Agora os furos além para Benafim*<sup>55</sup> *chupam a água, pronto, e os anos não são anos de inverna. No outro tempo chovia aí três meses todos os dias, todos os dias água, todos os dias água, e agora? Os depósitos lá em*

---

<sup>54</sup> Ver Figura 11, Anexo B.

<sup>55</sup> Freguesia vizinha localizada a montante.

*baixo estavam cheios!*”. Outros informantes acusam as inúmeras barragens localizadas no sopé de alguns cerros da Serra confinante, de impedirem o escoamento natural das águas da chuva<sup>56</sup>. Também os furos públicos (localizados junto ao *Olho*) que abastecem a freguesia de Salir são acusados de provocar a diminuição da água de rega no *Nascente*. Estes mesmos furos são igualmente considerados responsáveis pela diminuição de água na *Ribeira do Corte Neto* (Ribeira dos Moinhos) a jusante do *Morgado* e do *Pomar de Salir*, desta feita pelos proprietários de terra daquela zona. Deste modo, a interferência exercida pelas águas a montante às águas a jusante aparece como denominador comum entre os indicadores frequentemente apontados pela população para a diminuição efectiva da água de rega no *Nascente*.

Depois do que foi referido, podemos dizer que as interferências externas à diminuição da área de regadio no *Nascente* são de vária ordem: económica, política, social, alterações climatéricas globais, intersecções territoriais, avanços tecnológicos.

### **Reflexão final 3**

Ao contrário das hortas localizadas no quintal das casas, as hortas deste regadio colectivo incitam à sociabilidade. Por um lado, aceder-lhes (para regar ou ir à água para beber...) exige a circulação de pessoas pelos campos tornando inevitável o encontro entre elas; por outro, o uso comum da água de rega obriga ao relacionamento inter-pessoal não só pela partilha da água como pela partilha de infra-estruturas comuns. Deste modo, enquanto local de efervescência social, o estudo da organização deste regadio permitiu compreender processos sociais como a cooperação e a solidariedade, a rivalidade e o conflito, cujas características podem extrapolar-se para outros contextos da vida social na sociedade rural em estudo. Tendo ainda sido possível percepcionar mudanças conjunturais a que esta sociedade esteve sujeita ao longo de todo o século XX até à actualidade. Assim, podemos dizer que o estado de conservação e tipo de funcionamento de determinado regadio colectivo num momento dado reflecte a sociedade onde está inserido<sup>57</sup>. O *Nascente* esteve sujeito a

---

<sup>56</sup> Alguns habitantes aproveitam a seu favor a posição privilegiada desta zona de contacto com a Serra vizinha, construindo barragens em terrenos de xisto cuja água é depois canalizada em tubagens até à sua horta em terra de várzea.

<sup>57</sup> A transformação de antigos regadios colectivos em complexos turísticos com campos de golfe, de que na área em estudo são exemplo a *Quinta da Ombria* e o *Moinho das Romeiras*, com as obras a decorrer para breve em principio, são o reflexo do incremento do turismo em meio rural no interior Algarvio como forma de diversificação do chamado turismo sol e praia. Assim, alguns destes regadios seguem hoje outros fins económicos, sociais e políticos.

contínuas readaptações no que se refere à área regada, aos cultivos semeados e regime de exploração da terra adoptado.

Conforme foi avançado no capítulo anterior, vista nas suas diversas dimensões, podemos considerar “*a rega um facto social total*” (Wateau, 2000). Em concreto, eis alguns domínios da vida social local (interligados entre si) percebidos através da organização do regadio do *Nascente*:

**(1) Relacional** – Nas hortas do *Nascente* ou a caminho delas, vizinhos e parentes trocam entre si cumprimentos, preocupações, novidades,...afectos. Sabe-se de enterros, casamentos, divórcios... transmitem-se saberes agrícolas. E para quem observa apercebe-se do tipo de relacionamento, dentro e fora do regadio, que se estabelecem entre eles.

De acordo com a genealogia de parentesco efectuada para os actuais regantes do *Nascente*, a quase totalidade destes regantes são parentes, alguns até em grau muito aproximado (pai e filho, irmãos, primos, cunhados); no entanto, as suas posições no regadio não decorrem de um processo de transmissão de terras, mas de aquisição e arrendamento. O que significa que houve um factor de escolha explícita em ir para ali, e quando interrogados sobre isso, estas pessoas argumentam que, regressados do ciclo migratório, fizeram-no porque, por um lado já eram lá residentes, por outro a qualidade das terras justificava-o. O que nos leva a pensar que o acesso ao binómio terra/água foi conduzido mesmo que não consciente ou intencionalmente pela mesma lógica de parentesco que já estava em parte expressa nas anteriores vizinhanças residenciais. É como se o estatuto de co-regante rematasse uma propensão para fazer coincidir a proximidade familiar e residencial, propensão esta que muito provavelmente exprime uma lógica de coerência territorial e ecológica através da qual se manifesta uma lógica de parentesco ainda que não absolutamente reconhecida pelos co-regantes.

**(2) Económico** – A agricultura nestas pequenas hortas do *Nascente* afigura-se-nos hoje uma actividade praticada sobretudo por uma população reformada, ex-emigrante, com ligações profundas à terra e ao mundo rural, mas que deixou de depender da agricultura para sobreviver. A degradação das infra-estruturas reflecte ainda a menor dependência dos agricultores face à água de rega em comum, ao dispor de águas próprias;

**(3) Jurídico** – A ausência de regras rígidas e a flexibilidade que sempre caracterizou o funcionamento do regadio do *Nascente* até à actualidade está, a nosso ver, por um lado estritamente relacionada com a pluriactividade económica em que sempre viveram estas populações; por outro lado, a indeterminação da propriedade da água parece ir no mesmo sentido, portanto a proveniência da água de rega condiciona o tipo de partilha;

**(4) Tecnológico** – Dado que as levadas dos *Nascente* seguem dois fins opostos, sendo ao mesmo tempo canais de rega e de drenagem, as tensões sociais podem advir da minguagem ou do excesso de água a circular pelas levadas, ocorrendo preferencialmente entre os regantes localizados a jusante e os localizados a montante. Deste modo, o próprio sistema tecnológico deste regadio aliado à incerteza meteorológica que ao Algarve está associada, é gerador de conflitos que a propriedade individual da água de rega tenta evitar;

**(5) Simbólico** – Apesar de a posse de uma horta junto à casa no quintal ser hoje a regra, a antiga zona de hortas do *Nascente* continua a cultivar-se. Parece mesmo existir um limite mínimo do número de regantes relacionado com a preocupação em manter o regadio activo, assegurando a sua manutenção mínima. Por outro lado, além dos regantes habituais, há quem, mesmo não semeando naquelas hortas não deixe de as lavar para não permanecerem ao abandono, pela “*vergonha*” e perda de prestígio social que isso pode representar.



## CAPÍTULO 5

**“HÁ SEMPRE QUEM CULTIVE”**

O capítulo que se segue tem como finalidades mostrar o quanto o regime torrencial das ribeiras do Barrocal condicionou as hortas existentes nas suas margens, e conseqüentemente o sustento das gentes desta sub-região Algarvia. Como veremos, embora a torrencialidade possa ter incidências muito distintas em curtos espaços, acontecimentos a montante têm normalmente repercussões a jusante. Todavia, apesar das adversidades constantes que as afectam (secas e cheias), algumas hortas, como as do *Zavedo* – Ribeira das Mercês, Freguesia de Querença, à semelhança das do regadio do *Nascente*, continuam a ser cultivadas.

**5.1. Hortas da Ribeira das Mercês – Freguesia de Querença**

Ao longo da margem direita da Ribeira das Mercês<sup>1</sup> na freguesia de Querença, dispõem-se no sentido este/oeste três regadios: o regadio da *Fonte Filipe*, o *Regadio Moinho Ti'Casinha* e o *Moinho da Ti'Adelaide*, estes últimos também designados de *Regadio de Cima* e *Regadio de Baixo*<sup>2</sup> respectivamente, comumente localizados pelos seus regantes na zona de hortas do “*Zavedo*”. Na margem esquerda da mesma ribeira, entre a *Ponte Nova* (sobre a qual passa a estrada nacional 396) e o regadio do *Morgado do Castelo* (Quinta da Ombria), parte do qual se localiza na freguesia de Tôr, segue-se outro regadio onde estão incluídas as hortas da *Varginha da Teresa* e da *Esparella*, a primeira localizada a montante da *Ponte da Esparella* e a segunda a jusante da mesma ponte; o açude que o alimenta é denominado localmente por *açude da Ponte Nova* ou *açude da Varginha da Teresa*.

Os poucos regantes hoje no activo descendem, na sua maioria, de habitantes da dita freguesia, uns habitando nela, outros vivendo em outros lugares do concelho de Loulé<sup>3</sup>. Para se deslocarem até à horta fazem-no necessariamente de carrinha, carro ou motorizada dada a sua localização periférica relativamente aos *sítios de Querença*<sup>4</sup>. Distam os regadios em questão entre 1 e 4 km relativamente à sede de Freguesia.

<sup>1</sup> Na área do Barrocal abrangida pela presente tese, a Ribeira das Mercês na freguesia de Querença é o curso de água em cuja extensão se localiza o maior número de regadios de *águas de rojo* ainda em funcionamento.

<sup>2</sup> Este regadio incluía uma pequena horta localizada a jusante da Ponte Nova.

<sup>3</sup> No regadio da Fonte Filipe, alguns regantes residem em S. Romão no concelho de São Brás de Alportel.

<sup>4</sup> Expressão utilizada por Pedro Prista (1993) ao referir-se ao tipo de povoamento disperso do Alto Barrocal.

Esta ribeira nasce no concelho vizinho, em São Brás de Alportel, e ao longo do seu percurso é alimentada por pequenas ribeiras, barrancos, e várias nascentes que engrossam o seu caudal permitindo mantê-lo corrente durante todo o ano, salvo em anos muito secos. Na freguesia de Querença, são as nascentes do *Olho Parises* e da *Fonte Filipe* que a alimentam, a primeira apenas nos meses mais chuvosos, e a segunda ao longo do ano, secando esta última unicamente em anos excepcionais<sup>5</sup>. Quanto às ribeiras e ribeiros, os mais *conhecidos* são o *ribeiro do Almarjão* que desagua perto da Fonte Filipe, e a *ribeira dos Carunchos* junto à *Ponte Nova*. Depois do *regadio da Esparrela*, ainda na freguesia de Querença, a Ribeira das Mercês toma o nome de *Ribeira das Palmeiras* junto das *hortas da Varja das Palmeiras* e *Ribeira da Vinha* em par das *hortas da Varja da Vinha*, ambas situadas no perímetro da Quinta da Ombria. Um pouco mais adiante, num lugar chamado de *juntas da ribeira*, a Ribeira das Mercês cruza-se com a Ribeira dos Moinhos<sup>6</sup> tomando aí, na partilha com a freguesia de Tôr, o nome de *Ribeira da Tôr*. Juntas formam a jusante da *Ponte da Tôr* uma única ribeira de nome *Ribeira de Algibre*, que serpenteando cerros e vales desvia-se até Paderne, concelho de Albufeira, e pouco depois, retoma novamente ao concelho de Loulé indo desaguar na freguesia de Quarteira.

Nas margens destas ribeiras existem também hortas que não são regadas directamente com as suas águas, mas da água de poços, nora, e outros; ora porque a horta se encontra a um nível superior ao da levada ou porque a ribeira se seca havendo que dispor de água de rega alternativa<sup>7</sup>. No entanto, agricultar a terra nas suas margens tem normalmente em comum a frescura do lugar. A este propósito uma idosa referia com ênfase o bem-estar que sente quando aí está a trabalhar, comparando o local à praia<sup>8</sup>. Todavia, este cenário quase paradisíaco das hortas de ribeira, proporcionando as suas água além de rega momentos de lazer<sup>9</sup>, verdadeiros oásis em outros tempos, esconde perigos que apanham os agricultores de surpresa. Estamos a referir-nos sobretudo às cheias que de um momento para o outro tudo podem destruir, e até causar baixas humanas<sup>10</sup>. Sobre o poder devastador das ribeiras referiam-nos um informante:

---

<sup>5</sup> Segundo o relato de alguns elementos da população do sítio da Amendoeira, a Fonte Filipe terá secado em 1944/45 altura em que foi afundada pela população do referido sítio adquirindo então os contornos actuais.

<sup>6</sup> Esta ribeira nasce a norte do concelho de Loulé na serra da freguesia de Salir.

<sup>7</sup> Possuir recursos de água alternativos é muito comum na área em estudo, quer nas hortas como em casa para uso doméstico.

<sup>8</sup> Estanco Louro (1929) n' *O Livro de Alportel* também se refere à horta enquanto lugar aprazível.

<sup>9</sup> As comemorações do S. João e do 1.º de Maio junto da Fonte Filipe e da Fonte da Benémola na freguesia de Querença são disso exemplo. Ver Foto 11, Anexo Fotográfico.

<sup>10</sup> Ver Figura 14 em Anexo C.

“Sempre foi assim, e há um ditado que diz: ‘hortas de ribeira é bens de ribeira’, só é nossa enquanto ela quer...quando a natureza não quer, numa hora ou duas leva-as todas ficamos com o sinal.”

Viegas, Povo de Querença, Freguesia de Querença, 21 Novembro 2005

Também as secas afectam de forma implacável as hortas de ribeira e toda a vida que gira em seu redor, ainda que de um modo silencioso. Além de inviabilizarem os cultivos nas suas margens, dizimam os peixes que nela habitam.

#### 5.1.1. A cheia de 20 Novembro 2005<sup>11</sup>

No final do ano de 2005, na madrugada do dia 20 de Novembro, choviam então as primeiras águas, depois de um Verão de seca extrema caracterizado pela míngua de água de rega e de água destinada ao uso doméstico, condicionando fortemente os cultivos nas hortas do Barrocal; os agricultores com horta nos regadios situados junto às margens da Ribeira das Mercês foram surpreendidos por uma *enxurrada*, de cuja dimensão e estragos a sua memória não havia ainda registado. Foi atribuída como causa a *tromba de água* que caíra a montante, em S. Brás de Alportel.

No perímetro administrativo da freguesia em questão, os estragos verificaram-se ao longo de toda a ribeira desde a *Fonte Filipe* à partilha com a *Quinta da Ombria*. Junto à dita Fonte, a ribeira saiu do lugar, galgou a ponte<sup>12</sup> arrastando consigo um dos seus muros laterais e a calçada do largo, até onde rolaram dois pedregulhos de proveniência incerta. Os tubos que, atravessando a ribeira, levam água da *Fonte Filipe* para regar as hortas do *Telheiro*, situadas junto à estrada que segue para o *Almarjão*, foram derrubados impossibilitando a passagem da água para a outra margem. Além da zona da *Fonte Filipe*, também no *Zavedo* os calhaus da ribeira invadiram as hortas à passagem da água, arrastando os poucos cultivos aí existentes (couves, rábanos...) dado tratar-se de uma época de pouca sementeira. Algumas árvores e arbustos (alfarrobeiras, nogueiras, laranjeiras, medronheiros, loendreiros), foram arrancados pela raiz em cujo lugar ficou a faltar terra. As canas ficaram completamente deitadas à

---

<sup>11</sup> Ataíde Oliveira na Monografia do Concelho de Loulé (1905) dá-nos conta de um episódio semelhante na mesma ribeira, cem anos antes: “No dia 4 de Novembro de 1904, durante a noite, tendo caído algumas chuvas no sítio de Alportel, da Freguesia de S. Brás, engrossaram por tal forma a ribeira das Mercês, que esta, transbordando, causou graves prejuízos nesta freguesia. A cheia arrastou na sua corrente muitas árvores. Numas hortas lançou grandes quantidades de pedras, e noutras arrancou toda a terra com o que nela existia. Foram os prejuízos avaliados em dezenas de contos” (Oliveira, 1905:157).

<sup>12</sup> Ver Foto 5, Anexo Fotográfico.

passagem da água, pendendo para jusante. Entulhos de lenha, canas e lixos diversos (pneus, frigorífico, sapatos...) trazidos pela enxurrada ficaram encalhados nas árvores ou entre as canas da ribeira a testemunhar a altura atingida pela subida das águas. Alguns marcos de divisão das terras saíram dos seus lugares. Grande parte dos muros de protecção, que ladeiam as hortas junto à ribeira, ruíram provocando o desabamento de terras que foram levadas para longe. Também os poucos valados que separam as hortas umas das outras foram arrastados para jusante onde invadiram com as suas pedras outras hortas. Algumas das noras e poços aí existentes como recurso alternativo de rega também sofreram danos. Muitos troços de levada ficaram entupidos de pedras e as poucas *comportas* de madeira actualmente existentes foram arrastadas para longe.

Todavia, embora o panorama geral ao longo da Ribeira das Mercês fosse de desolação, a enxurrada não afectou de igual modo todas as hortas. Para o exemplificar, passam-se em revista as dificuldades enfrentados pelos agricultores de três hortas distintas aquando da cheia, focando também outros problemas que já existiam.

### HORTA 1

Praticamente todas as hortas do Vale das Mercês se situam na margem direita da Ribeira ao longo das levadas, a horta do Sr. Cavaco (reformado) é das poucas que se localiza na margem oposta. Apesar de localizada junto ao açude, esta horta não beneficia da água da ribeira para a rega dos cultivos, em alternativa dispõe da água de uma nora hoje sem engenho e de uma barragem. Para a rega do pomar de laranjeiras Cavaco tem instalado um sistema de rega *gota-a-gota* que funciona com a *água tirada* a motor da nora, outros cultivos rega-os *de rojo* com a água proveniente da barragem que circula até aí em *queda livre* graças à sua localização cimeira em relação à horta. Com existência há meia dúzia de anos, a água da barragem surge como complemento e alternativa à água da nora. No entanto, como a água proveniente da barragem não envolve custos de combustível ao contrário da rega com a água tirada a motor da nora, o agricultor utiliza-a com mais frequência ficando a água do poço da nora de reserva. Segundo testemunha este homem, quando adquiriu aquele terreno, onde já existia uma pequena horta, quis construir uma levada para puxar a água do açude e assim *regar de rojo*; porém, os regantes da outra margem não permitiram as obras (de transformação) alegando a antiguidade do sistema de regadio existente naquela ribeira. Apesar disso, à semelhança de outras hortas localizadas em margens de ribeiras, a sua nora beneficia de uma posição privilegiada comparativamente a outras noras fora do perímetro das ribeiras. No meio do leito da ribeira, na direcção da nora existe um pequeno peço que,

segundo as explicações do próprio, mesmo quando a ribeira quase se seca a água aí retida escorre pelo cascalho frouxo até o interior da nora. Na área em estudo, muitas noras localizadas junto de ribeiras possuem *canhas* que permitem a ligação subterrânea da água da ribeira com o interior da nora.

Aquando da cheia, a horta de Cavaco foi uma das mais afectadas, e dadas as suas dimensões (3 hectares) os prejuízos terão sido também dos mais avultados. O muro de protecção em betão que a ladeia ao longo da ribeira, ao contrário do que supôs quem o edificou, não resistiu ao impacto das águas, tendo parte dele invadido a horta, enquanto outra parte terá sido levada para jusante. A estas pedras juntaram-se outras pedras, canas e entulhos diversos vindos de montante trazidos pela água, tapando quase por completo a horta. Embora não tivesse nada semeado na altura, algumas das laranjeiras foram arrancadas pela raiz enquanto outras ficaram ligeiramente inclinadas. Uma das paredes laterais da nora tombou para o leito da ribeira, o que muito surpreendeu Cavaco. Segundo este homem, seria mais lógico que a queda da dita parede tivesse sido para o interior da nora dado a direcção da água na altura do incidente. O motor de tirar água estragou-se mesmo dentro da casinha de tijolos e cimento construída para o proteger. Junto a ela, prostrou-se uma porta em zinco com uma aldraba, provavelmente proveniente de outra casinha de motor situada a montante. O posto de electricidade que faz trabalhar o motor de tirar água, tombou para o leito da ribeira tendo sido necessária a intervenção da EDP.

Mas como *as cheias não trazem só coisas ruins*<sup>13</sup> uma garrafa de whisky JB vinda de longe encalhou nos ramos de uma laranjeira. Pena foi que a tivessem posteriormente roubado do lugar onde Cavaco a escondera. Durante os trabalhos de recuperação da horta que duraram várias semanas no mês de Fevereiro, Cavaco contou com a ajuda dos seus vizinhos e amigos Abílio e Paixão também reformados. Enquanto isso, o agricultor da horta número três já semeava com a ajuda da esposa as primeiras batatas na horta. Quando perguntei a Cavaco como se sentia ao saber que a sua horta havia sido das mais afectadas ao longo daquela ribeira, o homem respondeu: “...*quem sabe se para a próxima sou eu o beneficiado*”.

### Horta 2

Apesar de localizada na margem direita da Ribeira das Mercês, a presente horta (seis *canteiros*) não é regada com a água da ribeira através da levada, mas com a água tirada a

---

<sup>13</sup> Quando a lenha andava escassa nos matos por causas da actividade dos fornos de cal, aquela que sempre era arrastada pelas águas aproveitava-se para fazer fogo em casa. Os cultivos arrastados pelas águas eram por vezes apanhados a jusante por algumas pessoas. Segundo os testemunhos recolhidos, na Várzea de Paderne juntava-se muita lenha e frutas trazidas de montante pelas águas.

motor de um poço. Segundo as explicações do proprietário (pedreiro de profissão) como a levada se encontra permanentemente entupida a água que chega à horta não é suficiente para regar os cultivos que aí existam. Esta situação deve-se à impossibilidade das actuais levadas serem limpas pelos agricultores segundo os métodos tradicionais sempre que desejável, devido aos arranjos de que foram alvo. Desde finais dos anos 80, início da década de 90 do século XX, altura em que fundos comunitários<sup>14</sup> beneficiaram a reparação das levadas de alguns regadios da área em estudo<sup>15</sup>, colocando-se no lugar das antigas levadas a céu aberto tubagens<sup>16</sup>, que a limpeza passou a fazer-se unicamente (não sem dificuldades) com uma máquina de aspiração que só a Câmara Municipal possui<sup>17</sup>.

Inicialmente, as regas passaram a processar-se mais rapidamente comparativamente ao anterior sistema de levadas em alvenaria a céu aberto. No entanto, em poucos anos as levadas começaram a entupir em consequência do uso indevido de plásticos, pedras, roupa, etc., pelos regantes ao tentarem controlar a água que deixavam entrar na horta à semelhança do que se fazia no anterior sistema. Bastando um pequeno troço de levada obstruído para todo o sistema bloquear, e sendo a localização do mesmo difícil de precisar, desde então, as levadas permanecem constantemente entupidas.

Embora não tenha sido invadida por pedras como a horta de Cavaco, a cheia do dia 20 Novembro destruiu quase por completo os cultivos que então tinha na horta. As couves, *despostas* (plantadas) em Junho, tantas vezes regadas, as que não foram arrancadas pela força das águas ficaram atoladas em terra, servindo unicamente para dar de comer aos porcos. As *despedidas-de-verão*, flores que a esposa costuma levar para o cemitério no *Dia de Todos os Santos* (dia 1 Novembro), ficaram completamente amarfanhadas. A armação das tomateiras encalhou num tronco de laranjeira. A quadrícula de terra recém semeada de alhos-porros foi totalmente arrastada pelas águas. E os marcos de divisão da horta foram arrancados do lugar. Como esta horta não possui valado junto à ribeira, Viegas não correu o risco de o ver arrastado pela força das águas.

Nesta horta, os trabalhos de recuperação fizeram-se rapidamente e sem grandes custos. Viegas limpou o pouco entulho que havia, endireitou a terra com o tractor e em Março

---

<sup>14</sup> Segundo as informações recolhidas junto da Direcção Regional de Agricultura do Algarve, esse apoio estava inserido no *Primeiro Quadro Comunitário*.

<sup>15</sup> Ver Quadro 6, Anexo B.

<sup>16</sup> Tubos de polietileno de 2kg/cm<sup>2</sup>, segundo os dados apresentados no “*Projecto de beneficiação do regadio tradicional na Ribeira das Mercês*”, Direcção Regional de Agricultura, 1987.

<sup>17</sup> Segundo o apurado junto dos agricultores da área, a última vez que a levada foi limpa pela Câmara Municipal de Loulé, há cerca de 2/3 anos, foi necessário abrirem-se novas bocas em alguns troços da levada para se dar seguimento aos trabalhos.

semeou as batatas redondas. Todavia, invisíveis as consequências da cheia, só mais tarde se manifestaram: a horta havia sido completamente invadida de sementes de uma erva daninha chamada *junça*<sup>18</sup>, uma verdadeira praga para a horta quando as *regas de rojo* começaram. Viegas supõe que a *junça* terá sido arrastada da horta de seu padrinho (localizada a montante), recém lavrada aquando da cheia, de onde foi totalmente varrida. A esposa queixa-se dos roubos de que são alvo as hortas de ribeira dado o isolamento em que se encontram, sendo este um dos motivos que actualmente desmotiva muitas pessoas a cultivar nas suas margens.

### Horta 3

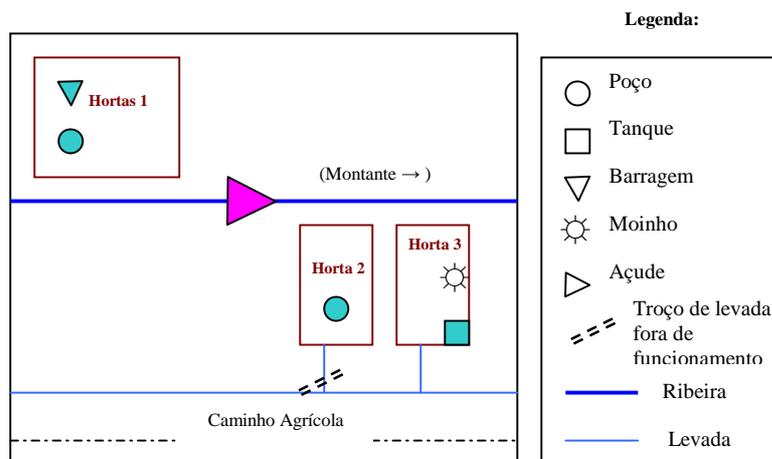
Na zona de hortas do *Zavedo*, esta é uma das poucas hortas cujo proprietário (também reformado) rega a partir da levada. No entanto, o uso da água da levada para rega só é aqui possível graças à existência de um tanque de rega que vai acumulando a água sempre diminuta que, desde o açude do *Moinho Ti'Casinha*, circula pelas tubagens de rega até à horta em questão. Por vontade dos proprietários actuais do *Moinho Ti'Casinha* (filha e genro de Zé) na altura a iniciar um projecto de turismo rural, na direcção desta horta (3 canteiros) a levada permaneceu a céu aberto não tendo sofrido qualquer alteração; deste modo, o troço de levada que liga o tanque de rega aos diversos canteiros de horta nunca corre o risco de entupir dado que pode ser limpa pelo próprio agricultor segundo os métodos tradicionais. Em 2005, ano de seca extrema, tendo deixado de correr água da *Fonte Filipe* para o leito da ribeira faltando nos regadios a jusante, os cultivos desta horta foram regados com a água de um furo que o genro possui naquelas proximidades.

Ainda que as águas da ribeira tenham alcançado as paredes do Moinho, tapando a horta em água, e do valado que ladeia a ribeira não tenha restado pedra sobre pedra, o agricultor desta horta chegou a beneficiar da cheia dado que a água trouxe a *nata*, isto é terra fértil, que veio de hortas a montante, não sendo invadida por pedras nem outros entulhos. Assim, enquanto Cavaco procedia à limpeza da sua horta com a ajuda de dois vizinhos e amigos, Zé preparava-se para semear batatas.

---

<sup>18</sup> Erva que segundo este agricultor não é originária da zona em estudo, tendo sido trazida com as laranjeiras.

**Figura 13** – Conjunto de hortas afectadas pela cheia na madrugada do dia 20 Novembro 2005 na Ribeira das Mercês, Freguesia de Querença.



Porém, apesar dos prejuízos nas hortas, a reacção das pessoas, incluindo os regantes das referidas hortas, foi mais de alívio do que de desespero dado o quadro recente de seca e da frequência dos incêndios ocorridos nas redondezas. Além disso, um bom ano de água não significa necessariamente um bom ano agrícola: para a chuva beneficiar os cultivos deve ser moderada mas suficientemente demorada para se infiltrar na terra; se for torrencial, a chuva rasga a terra e danifica as sementeiras. Contudo, as cisternas e os depósitos domésticos enchem a grande velocidade, garantindo em princípio<sup>19</sup> o líquido para todo o ano. Assim, a chuva que provocou a cheia de 20 Novembro, caiu de repente no leito seco da ribeira, e com a mesma rapidez com que caiu assim seguiu em direcção ao mar. São as chamadas *águas arrematadas*, uma chuva torrencial em curto espaço de tempo que não infiltra no solo, não chega aos *abismos* e conseqüentemente não fortalece as nascentes, não sendo por isso uma chuva desejada pelos agricultores do Barrocal. Por outro lado, a diminuição da importância das hortas junto das ribeiras nos últimos 30/40 anos, a favor da posse de uma horta junto à casa, terá tido também alguma influência nessa reacção das pessoas.

Como causa do agravamento da cheia, os agricultores em geral apontam a falta de limpeza das ribeiras ao longo de todo o seu leito. Segundo as suas explicações, os densos canaviais que se formaram nas últimas décadas, fazem presa no leito da ribeira, estorvam a livre passagem da água, aumentando o ímpeto da cheia, assim de nada serve uma limpeza isolada na direcção de determinada horta. O antigo aproveitamento económico<sup>20</sup> das canas e

<sup>19</sup> As primeiras chuvas normalmente não se deixam entrar nas cisternas, servem unicamente para lavar os telhados e as varandas.

<sup>20</sup> Por exemplo cestarias diversas e *caniços* para o telhado.

de outras espécies ribeirinhas como a *tabúia*, contribuía para que as ribeiras andassem limpas, bem como a fiscalização do guarda-rios. Além do seu aproveitamento económico, o corte das canas fazia-se também para libertar as hortas das sombras: com a ajuda de um *alferce* efectuava-se anualmente durante os meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro. Como era reconhecida a importância da *cepa* das canas para segurar o *talude da ribeira* (terra que margeia as ribeiras), havia o cuidado de não as arrancar pela raiz, tendo o agricultor em conta a fase da lua mais indicada para o fazer, ou seja o quarto minguante e nunca com a lua nova para não apodrecerem<sup>21</sup>. Com o mesmo fim, era comum plantarem-se aí árvores como nogueiras e nespereiras. Além da falta de rendimento destas hortas resultando no seu abandono, foram apontados os entraves colocados (por instituições governamentais ligadas ao Ambiente) ao corte e queima de canas e silvados. Este é de facto um tema polémico em toda a área em estudo e carece de um aprofundamento específico que não foi feito neste trabalho.

Apesar disso, na memória das gentes do Barrocal subsistem inúmeros exemplos de episódios de seca e torrencialidade. Entre as datas referenciadas para grandes secas estão 1905, 1934, 1945, em que a população fez procissões rezando a Deus para que chovesse; no que se refere à torrencialidade foram apontadas a cheia de 1949/50 na Ribeira das Mercês e a cheia de 1964 nas hortas do regadio da Passagem (Ribeira da Benémola). Neste último caso era comum rezar-se para espalhar a trovoada<sup>22</sup>.

#### 5.1.2. Processo(s) de recuperação das hortas afectadas pela cheia

Para voltar a cultivar uma horta de ribeira recentemente afectada por uma cheia, o agricultor necessita de proceder a trabalhos de recuperação diversos que podem demorar semanas consoante os estragos. Primeiro desentulha-se a horta, repõem-se a terra arável e o sistema de rega; mais tarde, quando a ribeira o permitir, reconstrói-se o valado para proteger a horta de futuras enxurradas.

Vejamos como procederam os agricultores das hortas atrás referidas:

Com um *ancinho*, *forquilha* ou a braços limpavam o chão e desembaraçaram as árvores do entulho (canas, lenhas, pedras e lixos diversos) separando-o consoante o género, para lhes dado um destino diferenciado. A lenha proveniente das árvores arrancadas pela cheia foi

---

<sup>21</sup> Segundo os mesmos agricultores, este procedimento é extensível ao corte de qualquer lenha, que deve ser de preferência ao *Sábado* por ser *dia macho*.

<sup>22</sup> Rever Quadro 2, Anexo A.

serrada aos bocados e levada para casa para acender a lareira. Endireitaram-se as árvores que ficaram ligeiramente pendidas com a força das águas. As pedras foram arrastadas para um canto do terreno até serem levadas para outro lugar, e a terra arável replanada<sup>23</sup>. Numa das hortas, as canas e a lenha de pequenos arbustos (sem utilidade prática) foram amontoadas em pequenos molhos espalhados pela horta para melhor se controlar o fogo<sup>24</sup> aquando das queimadas, que se efectuaram em dias pouco ventosos. Da cinza daí resultante, os agricultores comentaram que iria fertilizar a terra.

Arranjaram-se os motores de tirar água e respectivas arrecadações, desentulharam-se poços e noras<sup>25</sup>, reconstruíram-se as respectivas paredes, os troços de levada, improvisando-se por vezes as ferramentas de apoio. Empapuçadas as hortas de água, antes de lavar a terra para em seguida semear, foi necessário dar-lhe um tempo de *enxugo* de modo a poder ser trabalhada com o tractor.

No que respeita aos valados que ladeiam as hortas junto à ribeira, quem os repara fá-lo unicamente na direcção da sua horta, entre os marcos que a delimitam de outras. Normalmente nessa reconstrução, a braço de homem, utilizando-se pedras soltas provenientes da própria ribeira, recorre-se à ajuda de um simples fio-de-prumo e de um martelo com que se fixam as pedras. Dada a sua localização, estas obras de recuperação só podem efectuar-se quando o leito da ribeira se encontra com pouca água ou seco. No caso da cheia em questão (20 Novembro 2005) na *Ribeira das Mercês*, um dos agricultores efectuou esse trabalho no mês de Setembro do ano seguinte<sup>26</sup>.

Nos locais mais expostos à entrada da água, alguns destes muros são reforçados com cimento chegando a possuir envergaduras consideráveis. Porém, ao mesmo tempo que defendem os cultivos da subida das águas, os valados comprimem o leito da ribeira, aumentando o ímpeto das águas à sua passagem; assim, não admira que por altura de uma cheia o leito da ribeira saia do lugar reservado (pelo agricultor). Actualmente, muitos desses valados não têm sido levantados pelo abandono em que se encontram muitas das hortas de ribeira, em contrapartida as ribeiras permanecem também mais assoreadas.

Apesar de uma enxurrada não afectar de igual modo todas as hortas de uma mesma ribeira (como se viu no ponto anterior), as consequências de uma cheia variam ainda em função da época do ano em que ocorrem. Em Fevereiro e Março, período do ano agrícola em

---

<sup>23</sup> Quando é necessária a reposição de terra na horta, esta faz-se de duas maneiras consoante a gravidade da situação: cava-se o solo de modo a extrair terra nova à superfície; ou, em casos mais graves, traz-se terra de outros lugares.

<sup>24</sup> Ver Foto 8, Anexo Fotográfico.

<sup>25</sup> Ver Foto 7, Anexo Fotográfico.

<sup>26</sup> Ver Foto 10, Anexo Fotográfico.

que se efectuam muitas sementeiras, as cheias são menos frequentes comparativamente aos meses de Novembro e Dezembro. O ciclo das hortas embora nunca se feche tem o seu fim no Outono, altura em que as primeiras águas vulneráveis à cheia, sobretudo as trovoadas que descem serra abaixo, encontram as hortas menos semeadas, o que representa uma cautela. No entanto, há memória de em alguns anos as cheias destruírem por completo as sementeiras do milho e do feijão... sendo necessário proceder a novas sementeiras sob pena de se ficar sem mantimentos para o sustento da casa e dos animais durante o Verão.

Podemos então afirmar que, a penosidade dos arranjos empreendidos, os custos de tempo e dinheiro que envolveram, e a insistência em os arranjar, demonstram bem a importância que estas hortas ainda têm para os seus actuais proprietários.

## 5.2. A horta ontem e hoje

Se, como referem muitos agricultores do Barrocal, cultivar a horta já não constitui fonte de rendimento nem de subsistência determinantes, se fica mais barato comprar na praça ou no hiper-mercado, porque continuam a agricultura-la? O que fará com que alguns deles se desloquem regularmente de carro ou carinha, a 5km de distância da sua residência habitual, para regar meia dúzia de *leiras* e *rêgos*?

No geral, os motivos apontados pelos agricultores para continuar a cultivar são o “gosto” e o “hábito” de não ter que comprar tudo no supermercado dispondo de maior abundância na despensa, o melhor sabor e qualidade dos alimentos recolhidos, bem como o entretenimento que tal prática proporciona. No entanto, a proximidade e identificação de cada um à horta não é a mesma para todas as pessoas da área em estudo, existem gradações que variam em função da educação, da posse de terra e água em proximidade, da situação face ao emprego, da idade e do sexo. Consequentemente, a relação que se estabelece com a horta pode variar durante o percurso de vida de alguém, e ao longo do ciclo familiar.

De acordo com os dados recolhidos no terreno, podemos repartir os agricultores em 3 grupos principais segundo as suas motivações: o grupo dos que (estando em idade activa) se dedicam à agricultura a tempo inteiro; o grupo dos que exercendo uma actividade remunerada fora do sector agrícola mantém em paralelo o cultivo da horta; e o grupo dos reformados. O primeiro grupo (minoritário) conjuga o trabalho na *horta* com a exploração de um conjunto de outras actividades co-relacionadas, como a arboricultura de sequeiro, a monocultura de um ou outro tipo de cultivo (agriões, morangos, melancias...) consoante as exigências do mercado. O segundo grupo, tradicionalmente a situação mais frequente, cedeu nos últimos anos lugar ao

grupo de reformados, melhor dizendo, os efectivos deste grupo nas últimas décadas do século XX transitaram recentemente para a terceira situação, tornando-a actualmente na situação maioritária.

Em ambos os grupos, ainda que por razões diferentes, o desejo de autonomia está implícito nas motivações para cultivar. No primeiro caso, ser patrão de si próprio “*não ter ninguém que ande mandando*” é razão para alguns deixarem de desempenhar um trabalho remunerado por conta de outrem. No segundo caso, sentir-se útil e produtivo mesmo depois da reforma, podendo ao mesmo tempo disponibilizar de produtos frescos que se oferecem a filhos e a netos quando estes os visitam. Podemos aqui acrescentar o subgrupo de (algumas) domésticas, mulheres que não trabalhando para fora encaram o cultivo da horta como uma pequena economia que lhes permite gozar de alguma independência face ao salário do marido. A horta cumpre deste modo, uma importante função de integração social. Em qualquer dos casos, directa ou indirectamente, a família acaba por beneficiar, dado que o(a) agricultor(a) partilha com filho, netos e cônjuge os produtos que recolhe.

De facto as hortas do Barrocal não deixaram de ser um complemento aos rendimentos familiares sobretudo em época de crise (desemprego, doença ou outra situação); todavia, actualmente, cada vez mais activos em outros sectores deixam de a exercer a tempo parcial como complemento do seu salário. A falta de conhecimentos agrícolas por parte de muitos jovens adultos cuja frequência escolar se fez completamente ao lado da actividade agrícola dos pais, e cujas aspirações se afastam da de seus progenitores, pode ser uma explicação para a situação actual.

Todavia, independentemente do desinteresse de filhos e netos, entre as motivações mais profundas dos reformados está a preocupação em legar intacto um património à geração seguinte, implícita numa relação de afectividade com esse mesmo património. A expressão “*há sempre quem cultive, porque há sempre velhos*” mencionada por diversos informantes, parece-nos ir ao encontro desta missão. Também a incerteza de um futuro que garanta o sustento do próprio e da sua descendência, assim como o temor de regresso a tempos de crise, são (muitas vezes inconscientemente) motivo suficiente para se quer conservar um património fundiário cujo valor pode sempre ser canalizado em outras direcções (caso necessário).

No Barrocal, pelo menos até às décadas de 60/70 do século XX, a alimentação quotidiana fez-se basicamente com os produtos existentes na horta em cada época do ano, e da carne de alguns animais domésticos como o porco e as aves. A variedade de cultivos que ainda hoje a caracteriza fazia face à falta de bens para comprar. Na mercearia apenas se podia adquirir açúcar, arroz, bolachas Maria, pimentão, bacalhau (mais recentemente) e pouco mais.

Do que a horta produzia guardava-se para o ano todo, o grão, o milho, o feijão, as batatas; do porco guardava-se o presunto, as chouriças, o toucinho. Com os quais se confeccionava papas de milho, jantares de grão e de feijão, favas de panela, sopas de grão, sopas de batatas, e outras variantes.

“As pessoas semeavam aquilo que comiam” e “...quem não tinha um bocadinho de terra morria de fome...”, de tal modo que junto às ribeiras, localização privilegiada das culturas regadas, os moinhos e as azenhas só funcionavam (segundo o testemunho de alguns informantes) quando a rega das hortas estava garantida, por isso normalmente não funcionavam no Verão por falta de água<sup>27</sup>.

Foi relatado por informantes originários da *Varja da Ribeira*, zona da Fonte da Benémola, freguesia de Querença, um episódio de difícil convivência entre hortas e infra-estruturas cujo funcionamento se pretendia fazer com a água da Fonte que alimenta a ribeira: a projecção de umas termas em finais do século XIX início do século XX. Esta intenção provocou a revolta de quem possuía hortas a jusante pelo receio de faltar água para as regar, nomeadamente no *Morgado da Tôr*, que dirigindo-se ao governo civil em forma de protesto obtiveram apoio para a sua proibição. Este relato para ser comprovado carece de uma pesquisa aprofundada em alguns arquivos governamentais, que não nos coube neste trabalho, apesar disso, independentemente dos pormenores que lhe poderão estar associados, a importância atribuída nessa altura às hortas parece-nos aqui bem evidente.

A pequena dimensão das hortas do Barrocal, em tamanho e número, tornava cada bocadinho de terra aproveitável para semear mais uma leira; assim, nestas hortas até o gargalo dos poços era estreito para ocupar o mínimo espaço possível. Deste modo, não admira que possuir terra irrigada fosse sinónimo de prosperidade familiar<sup>28</sup>, e que a aspiração de a possuir levasse muita gente a emigrar. E embora tenha sido o duro trabalho agrícola no Barrocal um dos grandes motivos que esteve na origem das grandes vagas de emigração de Algarvios (ao longo do século XX) para as Américas e para a Europa; aquando do seu regresso, assistiu-se a aquisição massiva de terras para hortar. Apressando-se muitos deles a provir de água terrenos cada vez mais próximos de casa (com a abertura de poços e mais tarde furos), tentando ao mesmo tempo assegurar a água para uso doméstico<sup>29</sup>. Esta aproximação das hortas à casa, e

---

<sup>27</sup> Este tema é mais complexo do que parece à primeira vista, dado que entre agricultores e moleiros se estabeleciam acordos diversos para o uso da água. Aspecto não aprofundado neste trabalho.

<sup>28</sup> Aspecto também referenciado por Dan Stanislawski (1963).

<sup>29</sup> O surgimento de furos de captação de água subterrânea originou um forte comércio de água entre os possuidores e os não possuidores de água. Tornando-se o furo um elemento de diferenciação social, à semelhança do que havia sido a nora.

consequentemente da água à casa, provocou não só transformações progressivas na paisagem, como mudanças significativas nos modos de vida das populações locais, nomeadamente na condição feminina<sup>30</sup>.

Actualmente, a horta continua a funcionar como local de armazenamento de produtos hortícolas frescos, a que se faz visitas regulares para recolher os que estão maduros e garantir com a rega o desenvolvimento de outros; assim, junto à casa a horta cumpre melhor essa função. Algumas pessoas continuam a comercializar os excedentes na praça de Loulé aos sábados, no mercado em Quarteira às quartas-feiras, ou entre vizinhos, conferindo neste último caso, algum dinamismo à economia local.

O cultivo da horta pode ser acompanhado de outras actividades complementares que contribuem para a almejada autonomia que os grupos atrás indicados procuram em tal prática agrícola. São disso exemplo, a confecção de pão caseiro, queijos frescos, enchidos, a criação de animais, a apanha de frutos secos. Tratando-se portanto de um modo de vida. O que explica o elevado número de tractores existentes e vendidos anualmente: com o tractor acarta-se lenha para a lareira, para dar fogo ao forno, acartam-se as sacas de alfarroba, azeitonas, etc.

Ao constituir-se como um prolongamento da própria casa que fica ao alcance da vista dos vizinhos, a horta pode tornar-se alvo das suas apreciações, e consequentemente, para o seu proprietário um motivo de orgulho e vaidade, oferecendo-se *produtos caseiros* a quem aprecia mas não tem; ou de vergonha se esta se encontrar cheia de ervas, sem água, por cultivar. A título de exemplo, passar junto a uma horta e dizer “*parece a seara do menino Jesus*”, significa que a sementeira está mal semeada por estar muito junta, tratando-se de uma crítica. Logicamente que estes sentimentos, assim como as críticas ou elogios que se fazem variam em função da importância que a horta tem para determinado indivíduo, seja ele do sexo masculino ou feminino<sup>31</sup>.

A comparação da horta a um jardim – *andava tudo cultivado que parecia um jardim* –, é uma expressão antiga mas ainda hoje usual entre as gentes na área do Barrocal em estudo. A ideia de jardim neste contexto, remete para um espaço onde se dispõe de água, as culturas são variadas e pormenorizadamente cuidadas (sem ervas), onde existem algumas sombras de árvores que conferem frescura ao local tornando-o aprazível<sup>32</sup>. Porém, à semelhança do

---

<sup>30</sup> Pondo fim às penosas deslocações femininas às ribeiras e lavadouros públicos mais próximos para lavar a roupa.

<sup>31</sup> Em outros tempos, comentar o estado da horta, o descuido do vizinho y e x era motivo frequente de chacota entre homens no café. Da horta do *Tio Cativo* (residente na freguesia de Querença) que no Verão não tinha água e as laranjas caíam todas para o chão, fez-lhe um vizinho uma quadra. Mote: “*A horta do Ti’ Cativo nunca tem nada que preste, consome tudo adubiu (estrume), no Inverno é que se veste*”.

<sup>32</sup> Aspecto que já havia sido notado por Estanco Louro para as hortas do Alportel situadas também no Barrocal.

Jardim de Éden<sup>33</sup>, nestes jardins que são as hortas do Barrocal existem legumes e frutas para o homem comer. Onde a cada visita o agricultor aprecia o desenvolvimento da sua criação, estabelecendo com os cultivos uma forte relação de afectividade. O que expressa muito mais que uma função meramente utilitária da horta. Vejamos este aspecto com o relato do seguinte caso ocorrido em Junho de 2006, no sítio da Mesquita pertencente à actual freguesia de Tôr:

Apesar das obras de que estava a ser alvo a casa, e dos andaimes invadirem a quase totalidade da hortinha, o casal Sebastião e Filomena não desistiu dela, fazendo a sua manutenção – três árvores (limoeiro, diospiros e nespereira), uma *leira* de alfaces, e dois *rêgos* de couves. Ali no meio dos andaimes apresenta um aspecto cuidado, a terra limpa, com sinais visíveis de rega frequente. Antes das obras a horta já era minúscula, tornava-se então exígua. Curiosa foi a operação levada a cabo por Sebastião para salvar 10 ou 12 pés de couve que decidiu transplantar para outro terreno também em miniatura que se localiza em outro canto do quintal. Segundo justificou o homem, o que o motivou foi ver o pedreiro, então a arranjar o telhado da casa, a salpicar de cimento a pequena horta. Resultado: teve “*pena das couves*”.

Esta atitude parece-nos especialmente interessante porque a pessoa em questão comentava frequentemente desagradado o tempo que perdia na horta a pedido da esposa após um dia cansativo de trabalho.

Na verdade, a falta de água impossibilitou por muito tempo a existência de jardins tal como os conhecemos hoje em dia em muitas residências do Barrocal. O mais comum era possuíam-se apenas 2 ou 3 vasos com *flores de casa*<sup>34</sup> com que se compunha o corredor. Jardins unicamente de flores existiam apenas nas vilas e cidades (Loulé, Faro e Lisboa) e nas bermas da estrada junto da casa dos cantoneiros. Porém, actualmente, embora se disponha de mais água junto das casas, as hortas encontram-se em vantagem relativamente aos jardins desde que para aí foram deslocadas.

#### **Reflexão Final 4**

Com base nas motivações apontadas pelos agricultores para continuar a cultivar, pode-se dizer que cultivar hoje as hortas do Barrocal, mais do que um complemento importante à subsistência familiar, é um modo de vida, uma maneira de estar em sociedade e perante a

---

<sup>33</sup> Chevalier e Cheerbrant (1994) referem-se ao *jardim* como o símbolo do paraíso em muitas culturas, um lugar onde existem sempre fontes que jorram, estando também associado à fecundidade, ao poder do homem sobre a natureza domesticada.

<sup>34</sup> Curiosamente entre as flores mais comuns estavam as *chuvas* e os *chuvões*.

natureza; eis a racionalidade fundamental subjacente ao actual cultivo da horta no Barrocal. É claro que as hortas não são os únicos factores de identificação das pessoas ao local, outros elementos da paisagem cumprem a mesma função, como por exemplo os frutos secos designadamente a alfarroba. No entanto, as hortas pelo seu peso ancestral na sobrevivência directa das gentes ocupam nesta sociedade rural um lugar de destaque.

Por outro lado, a revalorização de que tem sido alvo o mundo rural, nomeadamente por parte de Associações de Desenvolvimento Local cujos projectos comunitários de valorização de produtos regionais com vista à implementação de um turismo rural (socorrendo-se muitas vezes da etnografia), incitaram a população local à reflexão sobre o potencial dos seus próprios recursos naturais, culturais... originando alguns casos exemplares que serviram de modelo e inspiração a outros sem qualquer ligação a associações do género. Deste modo, se o surto do turismo sol e praia nos finais de 1960 transferiu mão-de-obra dos campos para o litoral, a insipiência de um turismo rural parece poder vir a actuar no sentido inverso.



## CONCLUSÕES

---

No estudo da *gestão social dos extremos da água* em três freguesias do Barrocal Algarvio, recorreu-se a diversas áreas do saber num debate inter-disciplinar implicado por um lado pela *unidade do social* (Nunes, 2001), por outro pela relação *homem/natureza* (Alcantud e Cuello, 1995). No campo da Sociologia o diálogo fez-se entre várias sociologias sobretudo entre a Sociologia do Ambiente e a Sociologia Rural. Em complemento, recorreu-se sistematicamente à Antropologia, à Geografia e à História.

A pesquisa partiu de um conjunto de interrogações que foram postas à prova da experiência etnográfica do terreno. A saber: Que características da sociedade do Alto Barrocal se poderão entender através da análise da gestão social da água de rega em período de escassez estival? Qual o papel da rega e do uso da água em comum na afirmação da identidade do Barrocal? Qual o significado da actual forma do uso comum da água quando predomina o valor individualista da água privada? Que resposta é socialmente organizada às situações extremas de escassez e excesso (de água) e suas respectivas contingências?

Para responder a tais questões, façamos para já uma revisão dos capítulos referentes à etnografia:

Capítulo 3 – *A água no ciclo agrícola do Barrocal* – No Barrocal as sementeiras são no geral muito incertas, quer se trate das culturas de sequeiro quer se trate das culturas de regadio nas hortas. Perante as oscilações climatéricas que ocorrem com frequência provocando avanços e recuos nas sementeiras, são diversas as estratégias utilizadas pelos agricultores para gerirem os perigos/riscos que daí advém. Assim, efectuam-se várias sementeiras quer na horta como no sequeiro, dando origem a colheitas temporãs e a colheitas serôdias, tornando assim possível ao agricultor garantir por mais tempo alimentos frescos que ainda hoje ocupam na sua alimentação um lugar importante: legumes (favas, griseús) no *barrocal*, (batatas redondas, feijão-verde, couves, etc.) na *horta*. Para tal, fazendo uso de um apurado sentido de oportunidade, o agricultor joga com o que natureza deixa ao seu dispor: os diversos tipos de solo, as variações do relevo (altas e baixas), a água disponível no subsolo, as características de cada estação do ano, o comportamento premonitório de alguns animais e plantas perante mudanças climatéricas... Dos quais possui um conhecimento profundo, mas tácito, que é estimulado quando se torna necessário o seu uso. São importantes pontos de referência desse conhecimento algumas feiras e festas do calendário anual, assim como determinados fenómenos constantes da natureza.

No que se refere às hortas em concreto, verifica-se a preferência dos agricultores pelas sementeiras do mês de Março, consideradas *mais certas*, por beneficiarem quer da *rega da*

*chuva*, quer por se livrarem do calor excessivo do Verão, correndo menos riscos no que toca a eventuais faltas de água de *rega de rojo* caso se sequem poços, noras, etc. Porém quando mal conjugadas (*rega da chuva* e *rega de rojo*), o excesso de água acontece na horta, e é tão prejudicial quanto a seca. Daí o controlo apertado sobre as necessidades de água dos cultivos, com as regulares idas dos agricultores à horta. O *jogo de controlo* da água de rega começa com a lavra e respectivo nivelamento do terreno, seguindo-se no acto da sementeira a preparação da terra para *regar de rojo* segundo o sistema de *leiras* ou ao *rêgo*, uma escolha feita em função das necessidades de água específicas a cada tipo de cultivo, da época do ano em que ocorrem as regas e da água disponível na horta. O sistema de rega em *leiras* é o mais minucioso e eficaz em caso de minguagem de água, existindo diversos tipos. No Barrocal, a estética da horta está intimamente relacionada com a poupança da água de rega. Por exemplo, não deixar crescer ervas entre os cultivos, *leiras* bem feitas, adianta na rega e gasta-se menos água. Também a promiscuidade que as caracteriza permite uma gestão eficiente da água de rega; ao mesmo tempo que se maximiza o aproveitamento do espaço da horta, poupa-se em água e tempo dispendido, regando-se ao mesmo tempo vários cultivos que partilham um espaço comum.

Para o agricultor do Barrocal o que melhor define uma horta é a existência de água de rega em abundância. Simbolicamente estes dois elementos da natureza (terra e água) apresentam analogias com a sexualidade humana, expressas nas classificações que os agricultores mais idosos fazem de determinadas práticas agrícolas como é o caso do *sistema de rega em leiras*, nas quais a terra aparece como elemento feminino e a água um elemento masculino. Assim, na lógica da reprodução, a água está para a terra como o homem está para a mulher; em última instância, podemos deduzir a importância do papel da horta enquanto garante da reprodução e sobrevivência humana nesta sociedade. Deste modo, as classificações do mundo agrícola pelos agricultores estão em sintonia com a organização social que integram. *Leira e covate* por exemplo, além de designarem duas situações concretas da prática agrícola tradicional, a primeira respeitante à rega e a segunda ao modo de semear, representam em outros campos da esfera social unidades de medida (de superfície e profundidade respectivamente): um ex-emigrante ao mencionar o pequeno terraço que possui no apartamento em Loulé utilizou a expressão “*é do tamanho de uma leira*”; por seu turno, uma idosa para se referir à pouca profundidade do seu furo, comparou-o a um ‘*covate de batatas*’.

Capítulo 4 – “*Viver dentro das hortas*” – Através do estudo da gestão social da água de rega de uso comum no *Regadio do Nascente*, freguesia de Salir, procurou-se especificar algumas dimensões da sociedade rural onde está inserido. A observação de processos sociais como a rivalidade, o conflito, a cooperação e a solidariedade, permitiu-nos compreender como os regantes em questão gerem as situações de excesso ou míngua de água de rega mantendo ao mesmo tempo uma boa relação entre si, sem contudo prejudicar a respectiva horta.

Ao contrário das hortas localizadas nos quintais das casas, as hortas deste regadio colectivo incitam à sociabilidade. Por um lado, aceder-lhes para regar ou ir à água para beber, exige a circulação de pessoas pelos campos tornando inevitável o encontro entre elas. Por outro, o uso comum da água de rega obriga ao relacionamento inter-pessoal, não só pela partilha da água como pela partilha de infra-estruturas. Deste modo, enquanto local de efervescência social, o estudo da organização deste regadio permitiu compreender processos sociais cujas características podem extrapolar-se para outros contextos da vida social na sociedade rural em estudo. Tendo ainda sido possível percepcionar mudanças conjunturais a que esta sociedade esteve sujeita ao longo de todo o século XX até à actualidade. O *Nascente* esteve sujeito a continuas readaptações no que se refere à área regada, aos cultivos semeados e regime de exploração da terra adoptado. De facto, o estado de conservação e tipo de funcionamento de determinado regadio colectivo num momento dado reflecte a sociedade onde está inserido. Neste sentido, conforme foi avançado no capítulo anterior, podemos considerar *a rega como um facto social total* (Wateau, 2000).

Eis alguns domínios da vida social local (interligados entre si) percepcionados através da organização do regadio do *Nascente*: (1) Relacional – Nas hortas do *Nascente* ou a caminho delas, vizinhos e parentes trocam entre si cumprimentos, preocupações, novidades, afectos... Sabe-se de enterros, casamentos, divórcios... transmitem-se saberes agrícolas. E para quem observa apercebe-se do tipo de relacionamento que dentro e fora do regadio se estabelece entre eles. De acordo com a genealogia de parentesco efectuada para os actuais regantes do *Nascente*, a sua quase totalidade são parentes, alguns até em grau muito aproximado (pai e filho, irmãos, primos, cunhados); no entanto, as suas posições no regadio não decorrem de um processo de transmissão de terras, mas de aquisição e arrendamento. O que significa que houve um factor de escolha explícita em ir para ali, e quando interrogados sobre isso, estas pessoas argumentam que, regressados do ciclo migratório, fizeram-no porque por um lado já eram lá residentes, por outro a qualidade das terras justificava-o. O que nos leva a pensar que o acesso ao binómio terra/água foi conduzido mesmo que não consciente ou

intencionalmente pela mesma lógica de parentesco que já estava em parte expressa nas anteriores vizinhanças residenciais. É como se o estatuto de co-regante rematasse uma propensão para fazer coincidir a proximidade familiar e residencial, propensão esta que muito provavelmente exprime uma lógica de coerência territorial e ecológica através da qual se manifesta uma lógica de parentesco ainda que não absolutamente reconhecida pelos co-regantes; (2) Económico-social – A agricultura nestas pequenas hortas do *Nascente* afigura-se-nos hoje uma actividade praticada sobretudo por uma população reformada, ex-emigrante, com ligações profundas à terra e ao mundo rural, mas que deixou de depender da agricultura para sobreviver. A degradação das infra-estruturas reflecte ainda a menor dependência dos agricultores face à água de rega em comum, ao disporem de águas próprias; (3) Jurídico – A ausência de regras rígidas e a flexibilidade que sempre caracterizou o funcionamento do regadio do *Nascente* até à actualidade está, a nosso ver, por um lado estritamente relacionada com a pluriactividade económica em que sempre viveram estas populações; por outro lado, a indeterminação da propriedade da água parece ir no mesmo sentido, portanto a proveniência da água de rega condiciona o tipo de partilha; (4) Tecnológico – Dado que as levadas do *Nascente* seguem dois fins opostos, sendo ao mesmo tempo canais de rega e de drenagem, as tensões sociais podem advir da minguia ou do excesso de água que aí circula, ocorrendo preferencialmente entre os regantes localizados a jusante e os localizados a montante. Deste modo, o próprio sistema tecnológico do regadio aliado à incerteza meteorológica que ao Algarve está associada, é gerador de conflitos que a propriedade individual da água de rega tenta evitar; (5) Simbólico – Apesar de a posse de uma horta junto à casa no quintal ser hoje a regra, a antiga zona de hortas do *Nascente* continua a cultivar-se. Parece mesmo existir um limite mínimo do número de regantes relacionado com a preocupação em manter o regadio activo, assegurando a sua manutenção mínima. Por outro lado, além dos regantes habituais, há quem, mesmo não semeando naquelas hortas não deixe de as lavar para não permanecerem ao abandono, pela “*vergonha*” e perda de prestígio social que isso pode representar.

Retomando a questão de como gerem os regantes do *Regadio do Nascente* situações de excesso ou minguia de água de rega mantendo ao mesmo tempo uma boa relação entre si, sem contudo prejudicar a respectiva horta. Na realidade, o relacionamento entre regantes no *Regadio do Nascente* não é de todo pacífico, embora a diminuição drástica do número de utilizadores nas últimas décadas tenha reduzido para o mínimo o conflito social decorrente dos *cortes de água*. Quando o número de regantes atingia as duas centenas, e o tamanho das parcelas de terra era tão variável quanto exígua, estipular dias e horas de rega para cada um

mostrava-se uma tarefa praticamente impossível; em contra partida, actualmente, o número reduzido de utilizadores dispensa qualquer organização rígida da rega. Assim, não existindo qualquer documento escrito respeitante à rega, apenas o princípio verbal de “*quem primeiro chega, primeiro rega*” devendo respeitar-se a ordem de chegada de cada regante à horta, a flexibilidade de horários daqui decorrente permite, à semelhança de antigamente, uma melhor conciliação entre a manutenção da horta e a execução de outros serviços. Portanto nada impede determinada pessoa de ir regar fora do dia do costume, o máximo que lhe pode acontecer é ter que esperar para regar, não surgindo qualquer mau estar entre regantes. Também, a manutenção das levadas (limpeza e arranjo) segue uma lógica semelhante, não existindo acordos de cooperação cada regante procede segundo os seus interesses individuais. É precisamente a ausência de regras rígidas no que concerne a horários de rega estipulados, assim como a ausência de compromisso no que toca à manutenção conjunta das levadas, que possibilita um melhor entendimento entre os diversos utilizadores do Regadio em questão, não havendo lugar para exigir o que não está pré-definido. O estudo de Pedro Prista em 1993 a propósito da gestão da água de rega nas *Hortas de Ribeira da Benémola* (com localização na área em estudo) vai no mesmo sentido, referia este autor que “*quanto mais definido era o direito de água mais tensa era a relação entre regantes*” (Prista, 1993:136). Por outro lado, a flexibilidade na gestão das regas ao permitir a ocorrência do desvio/transgressão de um modo socialmente aceite, ou pelo menos tolerado, dado que o confronto directo com estas situações é (quase sempre) evitado, vai permitir ao transgressor não colocar em causa futuras cooperações com os outros regantes quer no *Nascente* como em outros domínios da esfera social e vice-versa.

Capítulo 5 – “*Há sempre quem cultive*” – Iniciando o capítulo com a descrição dos regadios existentes ao longo da Ribeira das Mercês, em seguida detalha-se um episódio de torrencialidade vivenciado pelos agricultores em finais do ano de 2005 – a cheia de 20 de Novembro –, cujo acompanhamento nos permitiu observar os trabalhos de recuperação em três hortas distintas, afectadas de diferentes modos. Apesar dos prejuízos nas hortas, a reacção desses agricultores foi mais de alívio do que de desespero dado o quadro recente de seca e da frequência dos incêndios ocorridos nas redondezas. A penosidade dos arranjos empreendidos nestas hortas, os custos de tempo e dinheiro que envolveram, e a insistência em os arranjar, demonstram bem a importância que estas ainda têm para os seus actuais proprietários. Nesta sequência, numa segunda parte deste capítulo, especificam-se detalhadamente as motivações das gentes do Barrocal para continuar a cultivar, reportando-nos para tal a toda a área alvo do

presente estudo, do *Almarginho* de Salir, ao *Almarjão* de Querença, passando pela freguesia de Tôr. As motivações actualmente apontadas para continuar a cultivar vão no sentido da importante função de integração social que a horta ainda sustenta. Por fim, a comparação da horta a um jardim, feita pelas populações do Alto Barrocal, remete sobretudo para a presença de água neste local, cuja poupança está estritamente relacionada com a estética da horta, e esta última próxima da ideia de jardim.

Feita a revisão dos capítulos podemos agora retirar algumas conclusões gerais.

Para além do sentido estritamente utilitário da cultura da água para assegurar boas produções agrícolas, e de outras razões apontadas pelas pessoas que explicam o apego e a intimidade de transmissão de saberes sobre a água, verifica-se que uma cultura da água continua a ser muito oportuna. Pois mesmo que as pessoas não queiram semear, a água é um factor importantíssimo de valorização dos *sítios* tanto no simples plano residencial como no da conservação da natureza e dos recursos naturais em geral. Por outro lado, em regime torrencial há que garantir sistemas de segurança cuja estrutura encontra nos regadios um sólido contexto de transmissão. O regime torrencial é um regime excessivo e incerto que inspira o sistema de regras de cautela e preservação, útil nos sistemas de respostas à incerteza e instabilidade em outras dimensões da vida social. A sociedade mantém-se atenta aos sistemas de resposta à seca e à cheia, porque não está certa de o mundo de hoje oferecer condições para dispensar o conhecimento e meios de resposta à incerteza e ao risco. Esses meios de resposta à incerteza e aos riscos do regime torrencial são transmitidos através de uma cultura de regadio, que corresponde a uma cultura da água. Assim, a horta é o fulcro de uma cultura da água atenta aos excessos, daí haver muitas sementeiras que são provavelmente um acto de prudência para não deixar esquecer como se faz e através disso como se lida com a seca e o excesso de água. O que faz dela (a horta) um dos maiores valores patrimoniais do Alto Barrocal Algarvio.

Foi objectivo geral da presente tese estudar o modo como no Barrocal Algarvio se constrói uma cultura da água a partir das práticas hortícolas em função de regimes extremos da água, seca e torrencialidade. O trabalho de campo e o acompanhamento das culturas ao coincidirem com um ciclo em que se fechou um período de seca extrema com uma situação de torrencialidade devastadora, permitiu não só compreender os recursos culturais mobilizados para dar resposta a uma situação e a outra como também identificar a persistência das práticas hortícolas pela sua inerência a todo o sistema de vizinhanças envolvido neste terreno.

Apesar da actual situação corresponder já a uma fase muito restringida da ocupação hortícola deste território, a população residente continua nele em número significativo e encontra nas suas práticas agrícolas uma forma de comunicação e de representação coerente da sua vida em comum naquele lugar, o *sítio* não é pois uma mera abstracção onde se elegem habitação, para além do lugar de residência ele é também um modo de vida e o cruzamento das suas vizinhanças, a residencial e a hortícola tecem-se sobre a malha de uma memória comum genealógica e não só.

Assim, a perpetuação dos regadios não pode ser vista a partir da lógica produtiva agrícola mas antes da lógica produtiva social. A óbvia utilidade de conservar cultivadas as hortas exige uma razão social que a complementa. E neste caso essa razão social tem a sua chave no regime de uso comum do recurso água de rega. Este uso comum do recurso água é tanto mais eficaz quanto ele raramente assenta sobre uma rotina tranquila, as variações bruscas entre seca e torrencialidade põem à prova um registo tácito assente em técnicas de previsão, em diversificação de sementeiras e numa grande maleabilidade de direitos e deveres centrada num individualismo minimalista. Este individualismo minimalista coloca todo o regime de gestão social da água no plano dos deveres informais de decência, de conduta entre vizinhos tanto de horta como residenciais que se conhecem de longa data, que são também parentes muitas vezes, e que se sabem afins pela prolongada presença naquele território e pela partilha de um modo de vida muito semelhante. Assim, a uma aparente carência de regime formal de regulação das águas comuns corresponde a constante actualização de figuras de relacionamento social que se centram justamente no interesse que todos têm em dispor de acessos e meios de utilização da água de rega.

Seca e torrencialidade aparecem no terreno como situações extremas, mas também como regra. O facto de serem extremas não as torna catastróficas no sentido em que a ruptura que a catástrofe trás aos quadros habituais parece tornar o mundo irrecuperável. Toda a cultura destas hortas, baseia-se numa cultura da água, onde a regra é a alternância entre exageros e não uma regularidade com desvios excepcionais, daí ser tão importante a previsão do tempo e, através dele, a antevisão das disponibilidades em água, para o ciclo agrário seguinte, daí o sistema tão compósito de cultivos e variedades que permitam colheitas, mesmo em situações extremas de excesso ou carência de água, daí o modo aparentemente desregulado de acesso à água para rega, desregulação essa que só o relacionamento social local vem regular, como se não se tratasse de água mas sobretudo de vida em comum,

territorialmente situada. A regulação social é toda ela tácita, o que não quer dizer inexistente, mas implícita, cuja observação apenas se evidencia com o sistema a funcionar.

A cultura de regadio no Barrocal Algarvio integra os conceitos de seca, de torrencialidade, incerteza... Aqui, o que de facto é perigoso é ter-se a sensação de tudo estar assegurado e de haver uma regularidade. Assim, socialmente, o único e verdadeiro perigo, é esquecer o risco.

## **BIBLIOGRAFIA\***

---

---

\* Indicam-se nesta bibliografia, apenas os trabalhos citados no corpo da tese.

## ALGARVE

BAPTISTA, Carlos Manuel Maximiano (1995), *Os Marisqueiros de Vila do Bispo – Ensaio Etnográfico*, Faro, Algarve Em Foco.

BASTOS, Cristiana (1993), *Os Montes do Nordeste Algarvio*, Lisboa, Cosmos.

BONNET, Charles (1990 [1850]), *Memórias Sobre o Reino do Algarve. Descrição Geográfica e Geológica*, Faro, SEC – Delegação Regional do Sul.

BRITES, Geraldino (1914), *Febres Infecciosas. (Notas sobre o Concelho de Loulé)*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

CARVALHO, Augusto da Silva (1939), *Memórias das Caldas de Monchique*, Lisboa, Edição da Comissão Administrativa das Caldas de Monchique.

COSME, João (1999), «A População do Algarve de Meados do Século XIX a Meados do Século XX», in Maria da Graça Maia Marques (Coord.), *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história*, Lisboa, Colibri, pp.429-432.

COSTA, F. Esteves, et al. (1985), *Carta Hidrológica da Orla Algarvia*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

COSTA, Renato (2002), *A Emigração de Algarvios para Gibraltar e Sudoeste da Andaluzia (1834-1910)*, Lisboa, Estar.

COELHO, António Borges (Org.) (1972), *Portugal na Espanha Árabe*, Vol.1, Lisboa, Seara Nova.

FEIO, Mariano (1983 [1949]), *Le Bas Alentejo et l'Algarve*, Évora, Centro de Ecologia Aplicada da Universidade de Évora/ Instituto Nacional de Investigação Científica.

FERRO, Gaetano (1956), *L'Álgarve. Monografia Regionale*, Génova, Società d'Arte Poligrafica.

GRADE, Isabel Correia e GOES, Maria das Dores J. de (2007), «Diversos processos de obter um bem cada vez mais precioso – A água», in *13.º Congresso do Algarve*, Rocal Clube de Silves e Centro Cultural de Lagos.

GUERREIRO, M. Gomes (1951), *Valorização da Serra Algarvia. A erosão, a cobertura vegetal e a água*, s.l., Direcção Geral dos Serviços Florestais e Agrícolas.

----- (1999 [1956]), *O Litoral, O Barrocal e a Serra no Ordenamento Agro-Florestal do Algarve*, Faro, Direcção Regional de Agricultura.

GUERREIRO, Manuel Viegas e MAGALHÃES, J. Romero (1983), *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*, Lisboa, Sá da Costa.

GUERREIRO, João Pinto (1992), «Loulé, um espaço rural em mudança: breve análise sobre a distribuição da população», in *al'ulyã* – revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, n.º1 – 1992, pp.59-68.

----- (1993), *Sistemas Agrários do Algarve. Da Exclusividade Autárcica à Integração Pluriactiva*, Faro, Universidade do Algarve, Tese Doutoramento.

JENKINS, Robins (1979), *A morte de uma aldeia Portuguesa*, Edição Querco.

LOPES, J.B. da Silva (1988 [1841]), '*Corografia*' ou *Memória Económica, Estatística e Topográfica do Reino do Algarve*, 2 Vols., Faro, Algarve em Foco.

LOURO, Manuel Francisco de Estanco (1996 [1929]), *O Livro de Alportel*, Câmara Municipal de S. Brás de Alportel.

MARTINS, Luísa Fernanda Guerreiro (2004), «Memórias Paroquiais do Concelho de Loulé», in *al'ulyã* n.º 10, Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, pp.387-436.

MAGALHÃES, J. Romero (1988), *O Algarve Económico. 1600-1773*, Lisboa, Estampa.

OLIVEIRA, Ataíde (1998 [1905]), *Monografia do Concelho de Loulé*, Faro, Algarve em Foco.

----- (--- [1905]), *Monografia do Algoz*, Faro, Algarve em Foco.

----- (1999 [1906]), *Monografia do Concelho de Olhão*, Faro, Algarve em Foco.

----- (1993 [1907]), *Monografia de Alvor*, Faro, Algarve em Foco.

----- (1999 [1908]), *Monografia do Concelho de Vila Real de Santo António*, Faro, Algarve em Foco.

----- (--- [1909]), *Monografia de S. Bartolomeu de Messines*, Faro, Algarve em Foco.

----- (--- [1910]), *Monografia de Paderne*, Faro, Algarve em Foco.

----- (--- [1911]), *Monografia de Estombar*, Faro, Algarve em Foco.

----- (1987 [1912]), *Monografia de Porches – Concelho de Lagoa* –, Faro, Algarve em Foco.

----- (1991 [1913]), *Monografia da Luz de Tavira*, Faro, Algarve em Foco.

----- (--- [1914]), *Monografia de Estoi*, Faro, Algarve em Foco.

PRISTA, Pedro (1989), «Águas tiradas e águas de rojo – Autonomia e cooperação nas hortas do Alto Barrocal», in *Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia, pp. 629-638.

----- (1991), «Sítios do Alto Barrocal», in Brian Joan O'Neill e Joaquim Pais de Brito (Org.), *Lugares de Aqui. Actas do seminário "Terrenos Portugueses"*, Lisboa, D. Quixote, pp. 81-103.

----- (1993), *Sítios de Querença, Morfologias e Processos Sociais no Alto Barrocal*, Lisboa, ISCTE, Tese de Doutoramento.

----- (1996), «No Barrocal», in Fernando Oliveira Baptista, Joaquim Pais de Brito e Benjamim Pereira (Org.), *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia.

----- (2005), *Pólo Museológico da Água em Querença. Programa Museológico*, Documento de Trabalho.

RIBEIRO, Orlando (1991), «Algarve: Raridade de Usos Comunitários», in *Opúsculos Geográficos. O Mundo Rural*, Vol.IV, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp.407-409.

ROSADO, Fátima (1986), *Villages Portugais en Transition: Le cas de Salir en Algarve*, Instituto Agronómico Mediterráneo de Zaragoza, Zaragoza, Tese de Mestrado.

SANTOS, João António (2005), *O Território e a Biodiversidade do Barrocal Algarvio*, Loulé, Almargem.

SOUSA, Carla Almeida Ferreira (2005), *Alte: Elites Locais e Recriação Identitária Numa Aldeia Algarvia*, Lisboa, ISCTE, Tese de Doutoramento.

STANISLAWSKI, Dan (1963), *Portugal's Other Kingdom. The Algarve*, Austin, U.T.P.

VEIGA, Sebastião P.M. Estácio da (2005 [1891]), *Antiguidades Monumentais do Algarve*, 4 Vol., Faro, Universidade do Algarve.

## **METODOLOGÍA, TEORIA GERAL**

ALMEIDA, João Ferreira e PINTO, José Madureira (1992), *A Investigação nas ciências sociais*, Lisboa, Presença.

NUNES, A. Sedas (2001 [1972]), *Questões Preliminares Sobre as Ciências Sociais*, Lisboa, Presença.

SILVA, Augusto Santos (2001 [1986]), «A ruptura com o senso comum nas ciências sociais», in Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (Org.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento, pp.29-53.

VELHO, Gilberto (1987 [1981]), «Observar o familiar», in *Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, pp. 121-132.

## **PORTUGAL, O MUNDO RURAL, E O MEDITERRÂNEO**

ALMEIDA, João Ferreira de, COSTA, António Firmino e MACHADO, Fernando Luís (1994), «Recomposição social e novos protagonismos», in António Reis (Org.), *Portugal 20 Anos de Democracia*, Lisboa, Circulo de Leitores, pp.307-330.

BAPTISTA, Fernando Oliveira (1996), «Declínio de um tempo longo», in O Voo do Arado, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, pp.35-75.

----- (2004), «Espanha e Portugal, um século de questão agrária», in Dulce Freire, Inês Fonseca e Paula Godinho (Coord.), *Mundo Rural. Transformações e resistência na Península Ibérica (séc. XX)*, Lisboa, Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, Colibri.

BRAUDEL, Fernand (1983 [1946]), *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II*, Vol. I e II, Lisboa, D. Quixote.

RIBEIRO, Orlando (1998 [1941]), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, Sá da Costa.

## **ÁGUA E SOCIEDADE**

ALCANTUD, José A. González e CUELLO, Antonio Malpica (coord.) (1995), *El Agua. Mitos, Ritos y realidades*, Coloquio Internacional Granada, 23-26 de Noviembre de 1992, Disputacion Provincial de Granada, Anthropos, Editorial Del Hombre.

DELPECH, François (1995), «Mujeres, Canales e Acueductos: Contribución para una Mitología Hidráulica», in José A. González Alcantud e Antonio Malpica Cuello (Coord.), *El Agua. Mitos, Ritos y realidades*, Coloquio Internacional Granada, 23-26 de noviembre de 1992, Disputacion Provincial de Granada, Anthropos, Editorial Del Hombre, pp.61-86.

DIAS, Jorge e GALHANO, Fernando (1986 [1956]), *Aparelhos de elevar a água de rega: contribuição para o estudo do regadio em Portugal*, Lisboa, Dom Quixote.

DURAND, Jean-Yves (2003) «A Diluição do Consenso: A água, de ‘Fonte de Vida’ a ‘Património Colectivo»», in *Etnográfica*, Vol. II (1), pp.15-31.

WATEAU, Fabienne (1989), «Gens de l'eau, bateaux fluviaux et irrigation: Recherche bibliographique sur l'utilisation et la gestion de l'eau douce au Portugal», in *Recherches en Anthropologie au Portugal*, n.º 1, Paris, Maison des Sciences de l'Homme, pp.38-43.

----- (1994), «Relations familiales et villageoises en période d'irrigation : Essai d'analyse des conduites de sociabilité dans une vallée minhote», in *Ethnologie du*

*Portugal unité et diversité*, Actes du colloque du 12-13 mars 1992, Paris, centre Culturel Calouste Gulbenkian, pp.213-23.

----- (1996a), «Arme ou enjeu : l'eau dans les villages du Haut Minho (Portugal)», in *Espace Rural* n.º 36, Montpellier, pp.131-147.

----- (1996b), *Antagonismes et irrigation. Organisations sociale d'une communauté paysanne du nord-ouest du Portugal*, thèse de nouveau doctorat, Paris X-Nanterre.

----- (1998a), «Rareté ou abondance de l'eau dans le nord du Portugal», in *Territoires en Mutation* n.º 3 «Régulation de l'eau en milieu méditerranéen. Risque et tension», Michel Drain (dir.), Actes du colloque Fondation des Treilles, 4-5 octobre 1995, Montpellier, pp.177-187.

----- (1998b), «Quand l'eau sert de prétexte à la revendication des identités : quatre exemples de conflits dans la vallée du Rio Minho (Portugal)», in *Actas del Congreso Ibérico sobre Gestión y Planificación des Aguas*, CD-ROM, Zaragoza, 14-18 sept. 1998.

----- (1999), «Barrages, Identités et Frontière. Des barrages sur rivières frontalières (Sela et Alqueva)», in *VIII Congreso de Antropología de Santiago de Compostela, Actes du Congrès, Santiago de Compostela*, 20-24 sept.1999, pp.229-244.

----- (2000), *Conflitos e Água de Rega, Ensaio sobre a Organização Social no Vale de Melgaço*, Lisboa, Dom Quixote.

## OUTRAS FONTES

CCDRA Algarve (2005), *Relatório do Estado do Ambiente do Algarve 2003*, Faro.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (1994), *Dicionário de Símbolos*, Lisboa, Teorema.

DRA Algarve (1987), *Projecto de Beneficiação do Regadio Tradicional na Ribeira das Mercês*, Faro, policopiado.

INE (2002), *Censos 2001: resultados definitivos. Algarve*, Lisboa.

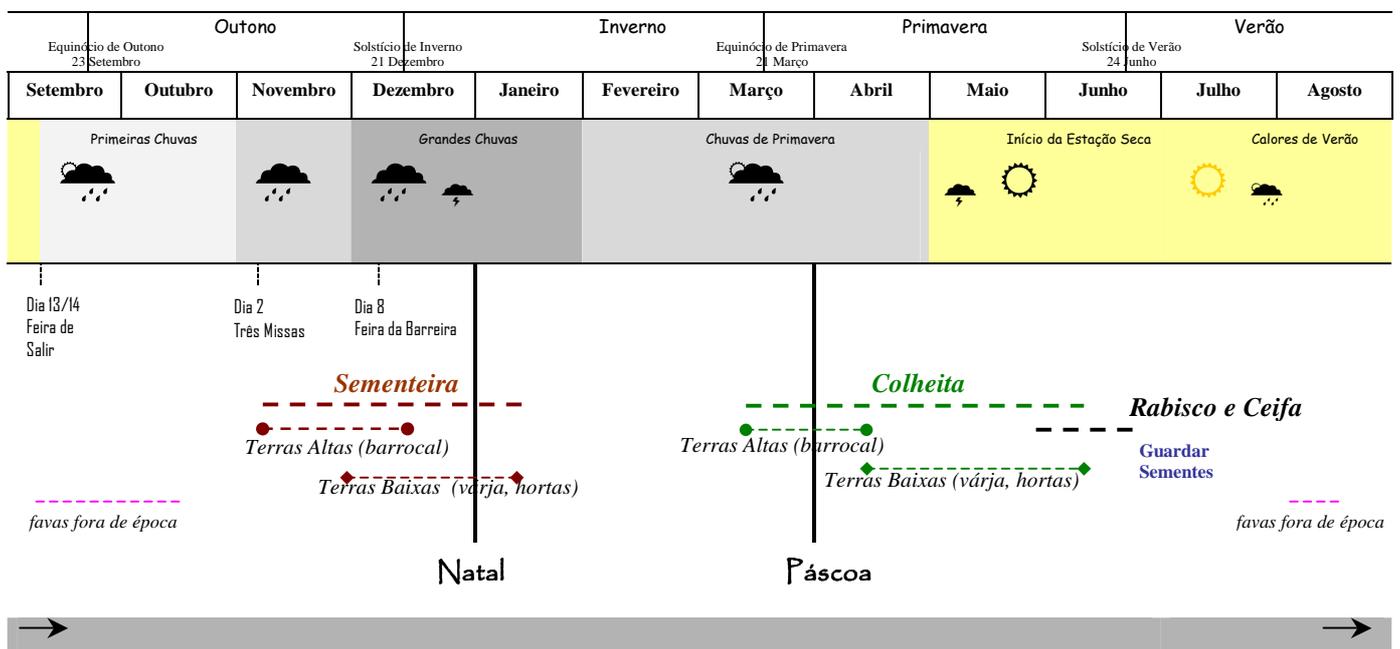
----- (2004), *Sócio-Demografia das Áreas de Baixa Densidade do Algarve*, Faro.

## Filmes

"**O marco da água**". Realização de Ana Margarida Campos e Fabienne Wateau. 2002, Museu Nacional de Etnologia; Laboratoire d'Ethnologie et de Sociologie Comparative, [10'].

"**A cana de medir água**". Realização de Fabienne Wateau. 2006, CNRS, [28'].

**Figura 1 – Ciclo Anual da Fava no Barrocal (sementeiras e colheitas) – Ciclo Tipo**



Quadro 1 – A Métrica da Chuva e Outros Termos Relacionados

Expressão	Significado
<b>Água</b>	Palavra utilizada como sinónimo de chuva. Em vez de se dizer ‘ <i>vem aí chuva</i> ’ diz-se ‘ <i>vem aí água</i> ’.
<i>Água bem chovida</i>	Chover com moderação, continuamente, mas sem torrencialidade, a água infiltra-se no solo e rega os cultivos se os houver. ( <i>Obs.</i> chuva benéfica para a agricultura)
<i>Aberta</i>	Espaço de tempo em que deixa de chover por alguns minutos entre chuvas persistentes. As pessoas aproveitavam então para ir ao medronho, dar comida aos animais, etc. Muito útil para executar serviços nos meses mais chuvosos. O mesmo significado que <i>Arrasa</i> .
<i>Aguada</i>	Chuva com intensidade e duração. ( <i>Obs.</i> normalmente é prejudicial à agricultura)
<i>Águas Arrematadas</i>	Chuva torrencial em curto espaço de tempo, água que rasga a terra mas não infiltra no solo, derruba tudo por onde passa, arrastando a terra arável. ( <i>Obs.</i> chuva prejudicial à agricultura)
<i>Água de Pedra</i>	Águas de trovoada. ( <i>Obs.</i> chuva prejudicial à agricultura)
<b>Barrigada de Água</b>	Chuva abundante e persistente que se infiltra na terra. “ <i>Que bela barrigada de água, deu uma boa rega</i> ”. ( <i>Obs.</i> chuva benéfica para a agricultura dependendo da época em que cai)
<i>Boa Chuva</i>	Chover quando é necessário água para regar os cultivos. ( <i>Obs.</i> chuva benéfica para a agricultura)
<i>Borrifo</i>	Chuva branda e de curta duração. “ <i>Foi um borrifo, não deu uma boa rega, foi pouco, mas deu para refrescar</i> ”. ( <i>Obs.</i> chuva benéfica para a agricultura)
<i>Brandura</i>	Humidade nocturna que de madrugada deixa a terra e as plantas com água.
<b>Cacimbra</b>	O mesmo que <i>brandura</i> .
<i>Caquerada de Água</i>	O mesmo que <i>aguada</i> .
<i>Chuva Bem Chovida</i>	O mesmo que <i>água bem chovida</i> .
<i>Chuva Miudinha</i>	Chover pouco, menos água que um <i>borrifo</i> . “ <i>Nem dá para apagar o pó</i> ”. Não rega. ( <i>Obs.</i> chuva indiferente para a agricultura)
<i>Chuvada</i>	O mesmo significado que <i>aguada e peso de água</i> .
<i>Chuvinha</i>	O mesmo significado de <i>chuva miudinha</i> .
<i>Chuvinha Molha Tolos (Parvos)</i>	Chuva branda de pouca intensidade mas persistente, “ <i>parece que não molha mas molha</i> ”.
<i>Chuvinhar</i>	O mesmo significado que <i>chuva miudinha e chuvinha</i> .
<b>Gegarrão</b>	Chuva grada de forte intensidade mas de pouca duração.
<b>Embrulhado</b>	Ausência de sol.
<i>Escampar</i>	Deixar de chover.
<i>Estio</i>	Ausência de chuva. O céu apresenta-se estrelado. O oposto de <i>embrulhado</i> .
<b>Nuvrinha(r)</b>	O mesmo que <i>chuva miudinha e chuvinha</i> .
<b>Orvalheira</b>	O mesmo que <i>brandura e cacimbra</i> .
<b>Pé de Água</b>	O mesmo significado que <i>aguada, chuvada e caquerada de água</i> .
<i>Peneirar</i>	O mesmo significado que <i>chuva miúda, chuvinha e nuvinhar</i> .
<i>Peso de Água</i>	O mesmo significado que <i>aguada, chuvada, caquerada de água e pé de água</i> .
<i>Primeiras Águas</i>	Primeiras chuvas depois do Verão que ocorrem normalmente entre os finais de Setembro e princípios de Outubro.
<b>Serraçana de Água</b>	Chover pouco fazendo ao mesmo tempo nevoeiro.
<b>Tromba de Água</b>	O mesmo que <i>águas arrematadas</i> .

Quadro 2 – Previsões do Estado do Tempo

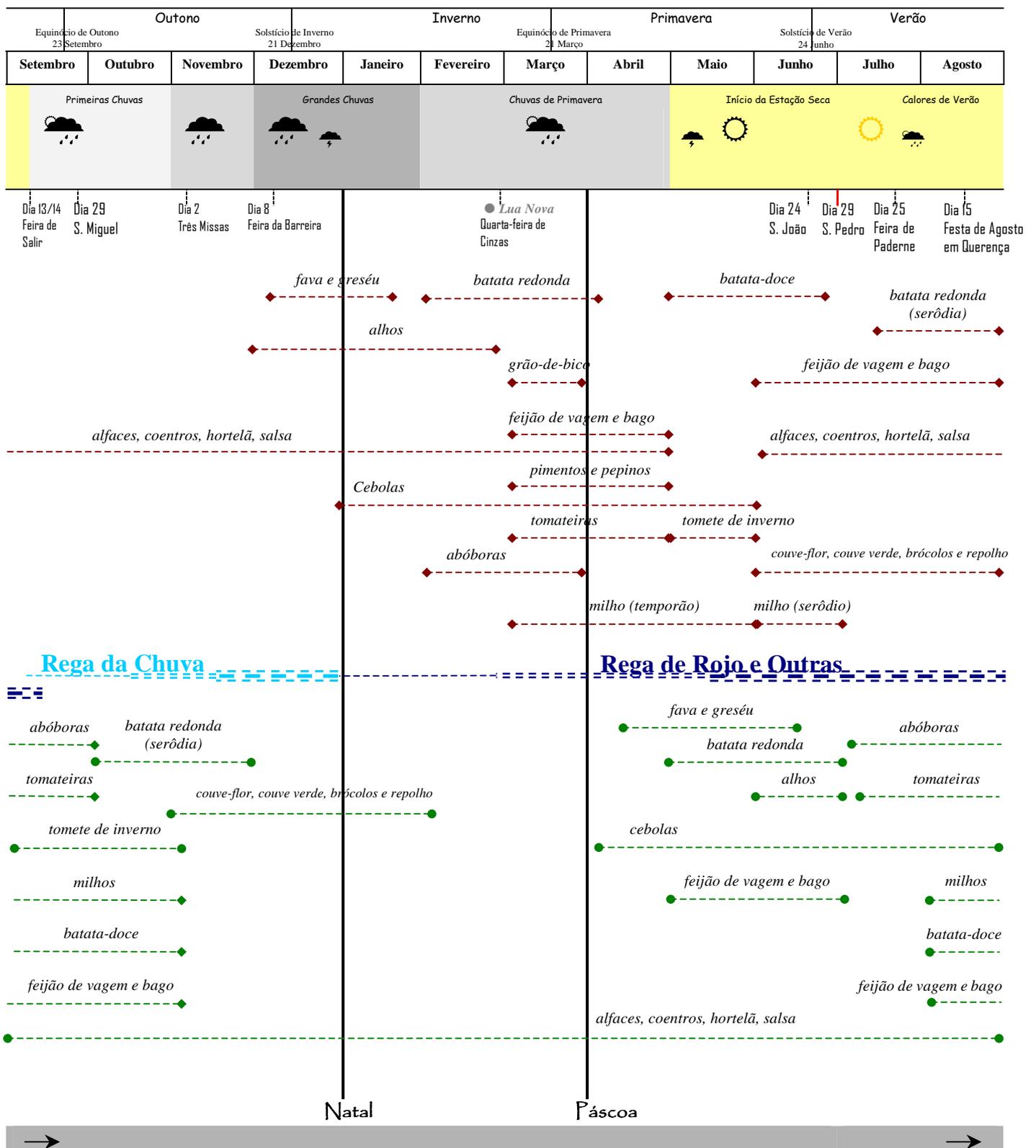
Tipo	Variáveis	Descrição
<i>Animais</i>	(1) Cobra; (2) Formigas; (3) Galo; (4) Cigarra; (5) Grilo; (6) Moscas; (7) Pássaros; (8) Sapos; (...)	(1) As cobras quando estão moles e ao sol adivinham chuva para o dia seguinte; (2) Quando os formigueiros brotam à superfície da terra é sinal de chuva para breve; (3) Depois de chover, quando o galo canta é sinal que o tempo vai levantar; (4) Quando as cigarras cantam é sinal de muito calor; (5) Quando os grilos cantam é sinal de bom tempo; (6) As moscas quando andam moles a pousar de forma persistente encima de pessoas adivinham água; (7) <i>a.</i> O pássaro <i>Cavalinho</i> “quando canta de umbria é sinal de chuva e quando canta de soalheira é sinal de seca”. <i>b.</i> O mesmo acontece com o pássaro chamado <i>Bifo</i> ; (8) Quando os sapos saem do esconderijo e atravessam a estrada detectam humidade.
<i>Astros e Sinais Atmosféricos</i>	(9) Céu; (10) Luas; (11) Nuvens; (12) Sol; (13) Vento; (14) Trovão; (15) Nevoeiro; (...)	(9) <i>a.</i> O céu vermelho ao final da tarde é sinal de calor para o dia seguinte; <i>b.</i> De noite, o céu nublado sem estrelas é sinal de chuva; (10) <i>a.</i> Se caírem pingas de água pela lua nova de Agosto, e também nas luas novas dos meses seguintes é sinal que o Inverno vem chuvoso. Mas há quem acredite que chuva na lua nova de Agosto é mau sinal; <i>b.</i> “Se a lua nova vier chuvosa, vai chuvosa até ao fim”; (11) <i>a.</i> O “Pinheiro” – nuvem comprida posicionada do lado do mar anuncia chuva; <i>b.</i> <i>nuvrados</i> ou <i>palmeiras</i> – nuvens em forma de palmeira posicionadas do lado do mar anuncia chuva; <i>c.</i> Céu escuro, <i>escurão</i> , é sinal que se aproxima chuva, ou trovoada; (12) <i>a.</i> Se no céu um risco segue o sol, é sinal de chuva para o dia seguinte; <i>b.</i> O “sol de trovoada” é quando fora da época o sol (ex. Janeiro) aquece muito – sinal de trovoada para breve; <i>c.</i> Um dia de Sol quente depois de um dia chuvoso e de uma noite gelada (ex. Janeiro), associado ao vento levante – sinal de chuva dentro de um dia ou dois; (13) <i>a.</i> A direcção do vento: Três dias de vento levante é sinal que a seguir vem chuva; <i>b.</i> O ‘Espujinho’ – remoinho de vento que levanta poeiras – sinal de chuva nos próximos tempos. Segundo o testemunho de alguns informantes este remoinho deixou de se ver nos sítios onde vivem; (14) <i>a.</i> Um trovão sozinho vindo do lado do levante antevê serenidade nos campos; <i>b.</i> Da primeira trovoada de Setembro: do lado de onde se ouvirem os trovões é por onde passam todas as trovoadas. Se a trovoada romper em direcção ao norte é sinal de que a água segue aquela direcção. Se a trovoada soar do lado do mar é sinal de que vem água para o sul (incluindo o Algarve). (15) “ <i>Nevoeiro pelos cerros é água pelos ribeiros</i> ”.
<i>Coisas</i>	(16) Fumo de Chaminé; (17) Televisão; (...)	(16) Quando o fumo sai pela chaminé mas não sobe em direcção ao céu é sinal de chuva para os próximos dias; (17) <i>a.</i> O Boletim meteorológico: “ <i>Deu na televisão que ia chover</i> ”; <i>b.</i> A televisão dá estalos com a mudança de temperatura (do quente para o frio).
<i>Lugares</i>	(18) Cerro dos Negros (Salir); (19) Serra Chãs (Querença); (...)	(18) Quando o bico do Cerro dos Negros fica escondido por entre as nuvens é sinal de chuva para breve; (19) Quando descesse um nevoeiro pela Serra Chãs abaixo e tocasse no barranco, se o nevoeiro corria para levante avizinhava-se uma seca, se corre-se para o por do sol indicava ano de inverna.
<i>Experiências</i>	(20) Experiência do Sal na noite de S. João; (21) Outras experiências relacionadas com o sal; (22) Canículas de S. João; (23) Canículas de Agosto; (24) Cata-vento; (...)	(20) <i>A Experiência do Sal</i> : São 12 montinhos de sal dispostos geometricamente seguidos uns atrás dos outros em tábua de tender pão, simbolizando cada um determinado mês do ano. Passa-se pela fogueira 9 vezes, em louvor de S. João. Deixa-se ao sereno e retira-se antes do nascer do sol. Os montículos mais húmidos representam os meses que se apresentam mais chuvosos; (21) Os moleiros tinham sempre no interior do moinho um recipiente com sal, quando o sal ficava ‘aguacento’ com a humidade, era indicativo de mudança de tempo; (22) Conforme são os dias, assim vão os meses. O dia de S. João, dia 24, <i>arremeda</i> [imita] Janeiro,...vai até S. Pedro que é o último dia. Conforme rodar o vento e as nuvens. Se o dia estiver embrulhado é sinal de chuva, se o vento <i>trabalhar</i> para norte, no sul não chove; para chover o vento tem de rodar para o mar – o vento levante, se chover é ainda mais certo. Além destas e das canículas de Agosto, outras pessoas faziam-nas em Julho; (23) As canículas marcam a chuva no ano. As canículas de Agosto seguem a mesma lógica das canículas anteriores: Conforme são os dias de Agosto assim são os meses do ano. As últimas são as mais certas, de 15 de Agosto (Festa da Nossa Senhora da Assunção) até 26 Agosto. (24) Colocados no topo dos telhados, os cata-ventos indicam a direcção do vento.

<i>Dores humanas</i>	(25) Reumático; (26) Dores de cabeça; (...)	(25 e (26) Algumas pessoas dizem ressentir-se fisicamente quando se aproxima mau tempo, com mudanças de temperatura bruscas, do quente para o frio.
----------------------	---	---

### Quadro 3 – Modos de Agir sobre o Estado do Tempo

Tipo	Variáveis	Descrição
<b>Rezas</b>	(1) Rezas para pedir água; (2) Rezas para espalhar trovoadas.	<p>(1) <b>a.</b> Bendito Louvado cantado: “<i>Senhor deus pela vossa mãe Maria Santíssima mandai água de misericórdia Senhor...</i>”; <b>b.</b> Rezar o Terço. Estas práticas faziam-se em procissão até se avistar uma igreja, normalmente a mais próxima.</p> <p>(2) Tabuinhas de Moisés: “<i>Singela é assim: a primeira é a casa de Rosalém onde nosso Senhor Jesus Cristo morreu por nós amem; as duas são as duas tábuas de Moisés onde Nosso Senhor Jesus Cristo pôs os seus divinos pés; a terceira é as três pessoas da santíssima trindade; as quartas são a quatro evangelistas, João, Lucas, Marcos e Mateus; as cinco são as cinco chagas de nosso senhor Jesus Cristo; as seis são as seis seribentos com que nosso senhor Jesus Cristo teve o seu nascimento; as sete são os sete sacramentos; oito, são as oito bem aventuras; as nove, são os nove meses que a nossa senhora teve o seu bendito filho no seu puríssimo ventre; as dez são os dez mandamentos da lei de deus; as onze são as onze mil virgens, as doze, são os doze apóstolos; as treze são os treze raios tem o sol, treze raios tem a lua vai-te embora daqui demônio que esta alma não é tua. Mas agente rezava-as dobradas...voltava-se atrás. Quando vocês ouvirem uma trovoada grande lembrem-se que eu estou rezando as tabuinhas de Moisés</i>” (Zézinha, Mesquita, 2005);</p>

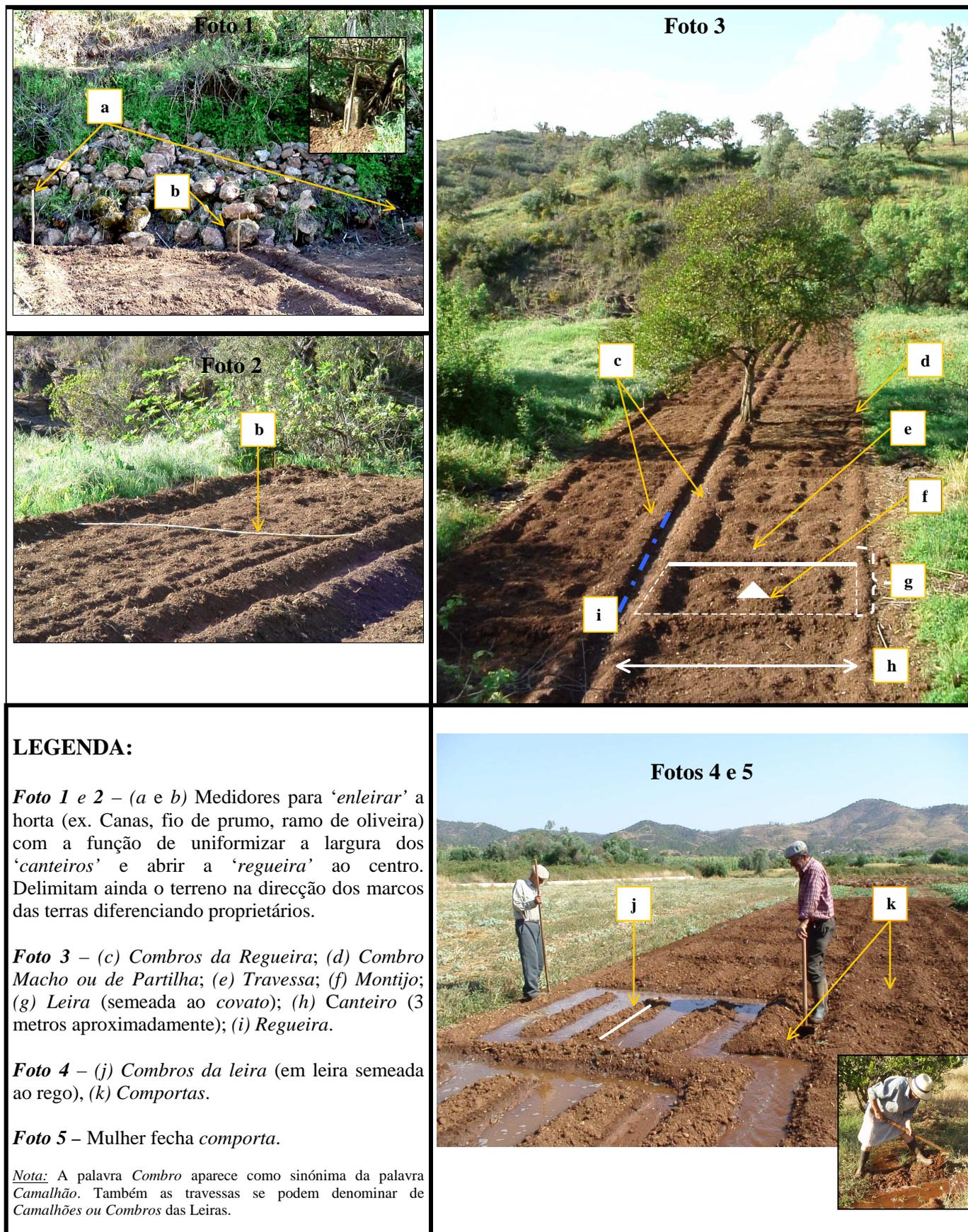
**Figura 2 – Ciclo Anual da Horta no Barrocal (sementeiras e colheitas mais comuns) – Ciclo Tipo**



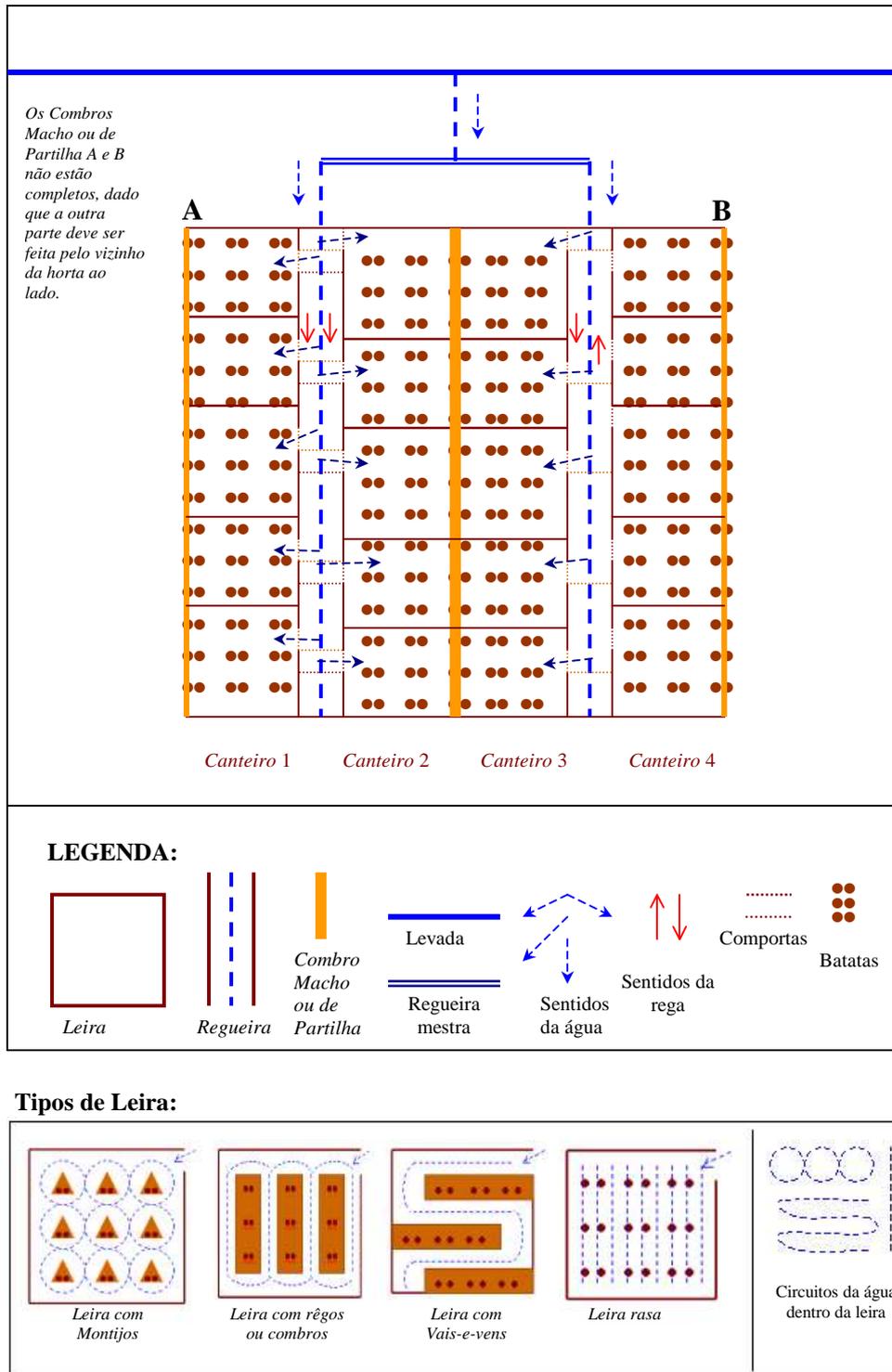
**LEGENDA:**

◆ - - - - ◆	Sementeiras	====	Intensidade da Chuva
● - - - - ●	Colheitas	=====	Frequência da Rega

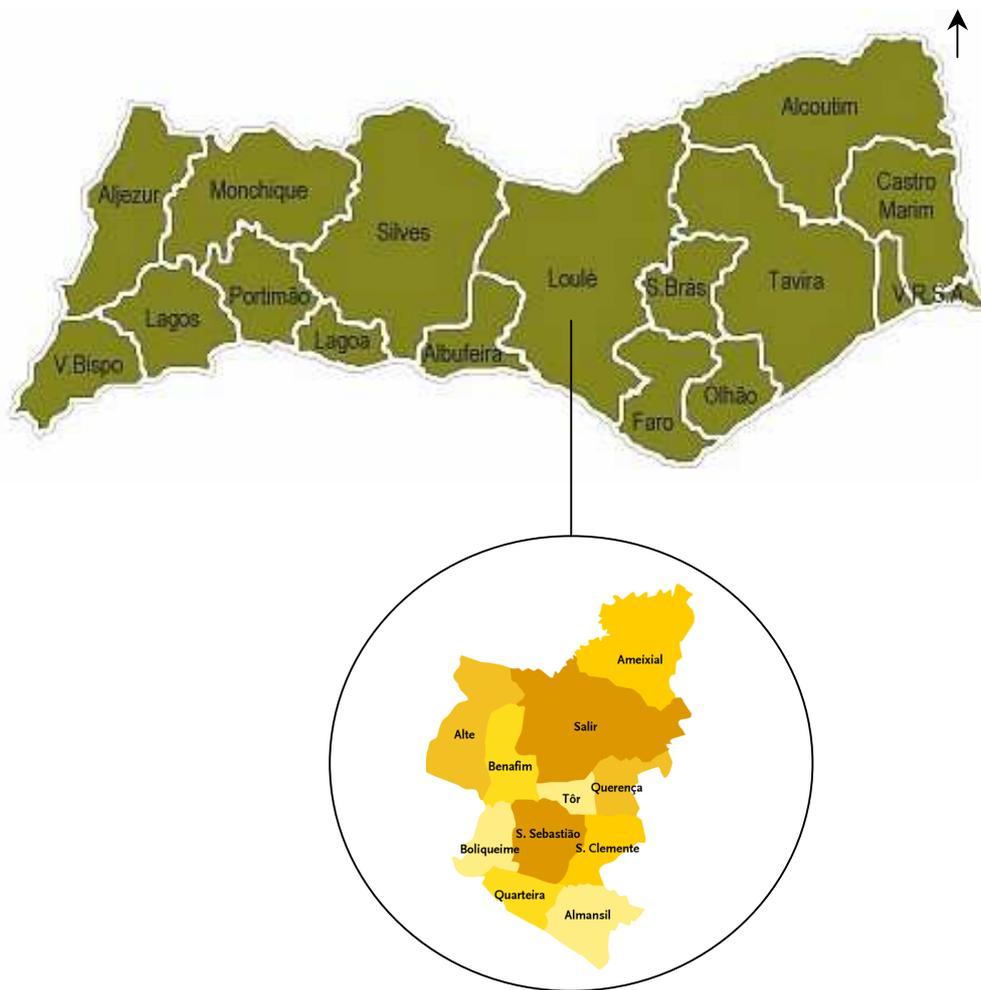
Figura 3 – Organização da Rega em Leira



**Figura 4 – Organização da Sementeira em Leiras**

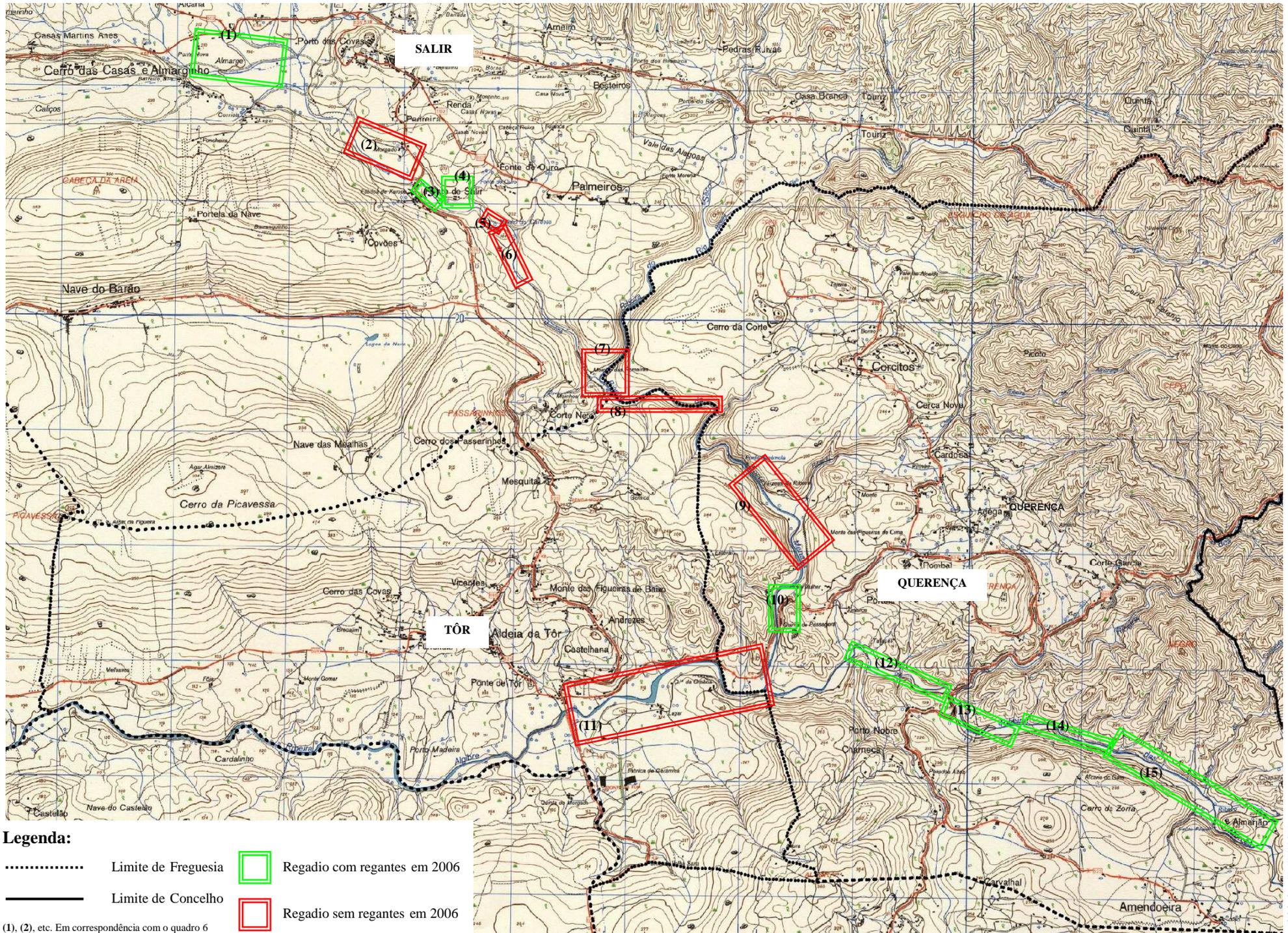


**Figura 7** – Localização geográfica do concelho de Loulé e respectivas freguesias na região Algarvia.



Fonte: [http://www.merceariabio.pt/mapa\\_algarve.jpg](http://www.merceariabio.pt/mapa_algarve.jpg)

Figura 8 – Localização dos principais regadios colectivos de águas de rojo entre o Almarinho de Salir e o Almarjão de Querença



**Quadro 6 – Principais regadios colectivos com águas de rojo localizados entre o Almarginho de Salir e o Almarjão de Querença – Caracterização geral**

Freguesia	Proveniência da Água de Rega	Número <sup>1</sup>	Nome do Regadio (designação local)	Outras Designações	Ramificações do Regadio	N.º de Regantes <sup>2</sup> na década de 1960 (valor aproximado)	N.º de Hortas em 2006	N.º de Regantes <sup>3</sup> em 2006	Regadio beneficiado (com fundos públicos/comunitários) Dados DRRAlg	
Salir	Mina	(1)	Nascente	-	-	150	27	15	-	
	Nascente Olho	(2)	Morgado de Salir	-	-	150	-	-	-	
		(3)	Lezeiras	-	-	8	1	2	-	
	Ribeira dos Moinhos	(4)	Pomar	-	-	30	2	2	-	
		(5)	Moinho do Cardoso	-	-				-	
		(6)	Moinho Sobrado	Hortas do Moinho Sobrado	-	-	1	-	-	-
				Hortas do Moinho de Oliveira	-	-	8	-	-	-
		(7)	Moinho Romeiras	-	-	8	-	-	-	
		(8)	Moinho da Venda	Hortas da Ribeira	-	-	15	-	-	-
				Hortas Novas	-	-	12	-	-	-
Querença		Ribeira da Menalva	(9)	Varja da Ribeira	-	-	30	-	-	Sim
	(10)		Passagem	-	-	?	3	3		
Tôr	Ribeira da Tôr	(11)	Morgado da Tôr	Quinta da Ombria	Morgado de Cima	-	-	-		
				Sousa Pires	Morgado de Baixo	-	-	-		
				Teixeira	-	-	-	-		
				Faisca	-	-	-	-		
Querença	Ribeira das Mercês	(12)	Varjinha da Teresa e Esparrela	-	-	24	6	6		
		(13)	Moinho da Ti' Adelaide	Regadio de Baixo	-	30	4	4		
		(14)	Moinho Ti' Casinha	Regadio de Cima	-	50	9	9		
	Fonte	(15)	Fonte Filipe	Fonte Filipe	-	150	10 <sup>4</sup>	10		
				Telheiro	-	7	3	2		

\* Nas imediações destes regadios as hortas que existem actualmente são regadas com água proveniente de noras dado que as levadas aí existentes não funcionam.

<sup>1</sup> Correspondência com Mapa n.º 1.

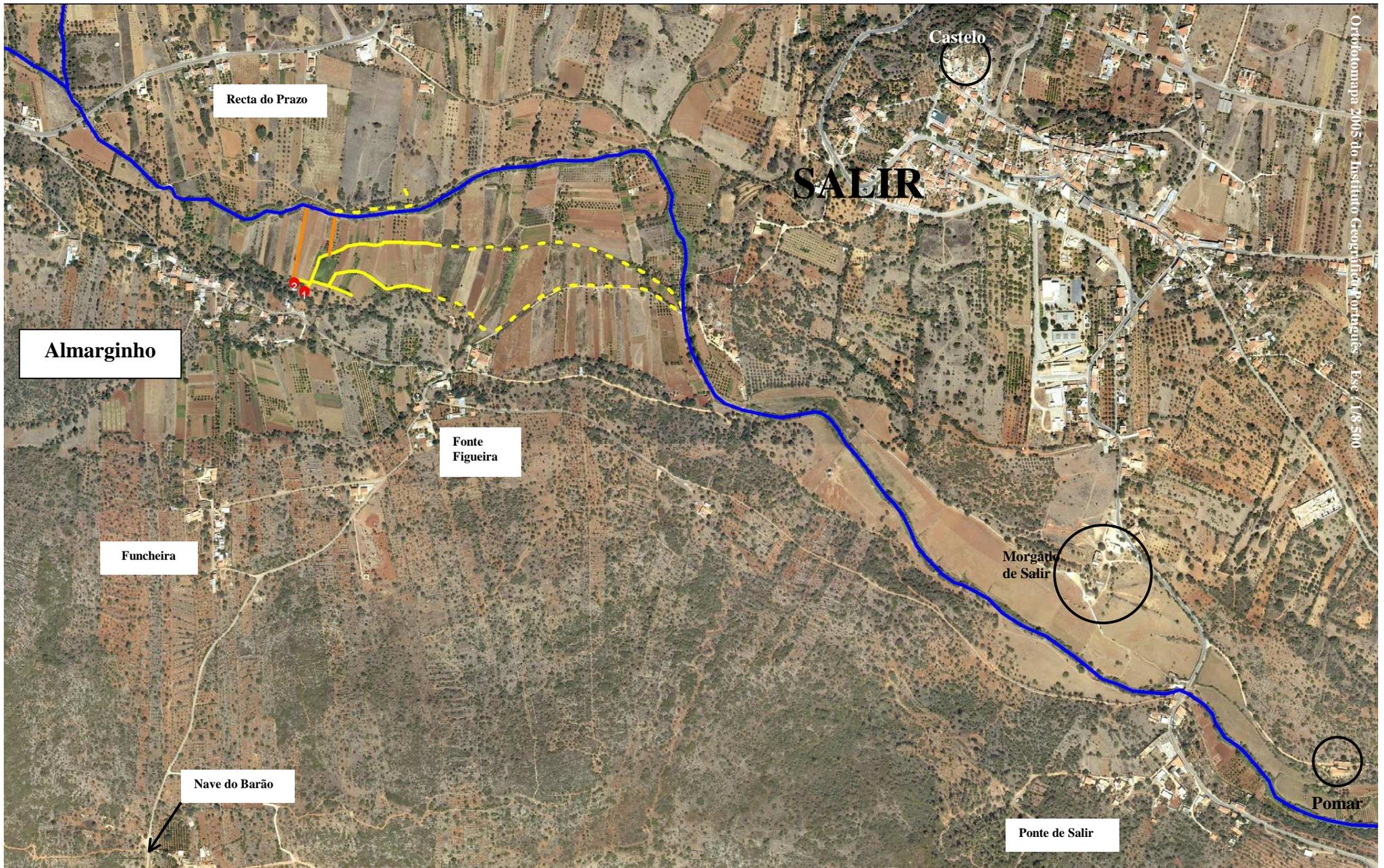
<sup>2</sup> São aqui considerados todos os regantes independentemente de serem ou não proprietários das hortas que cultivam.

<sup>3</sup> *Idem.*

<sup>4</sup> Valores aproximados.

Figura 9 – Enquadramento territorial do regadio do “Nascente” na Freguesia de Salir

125

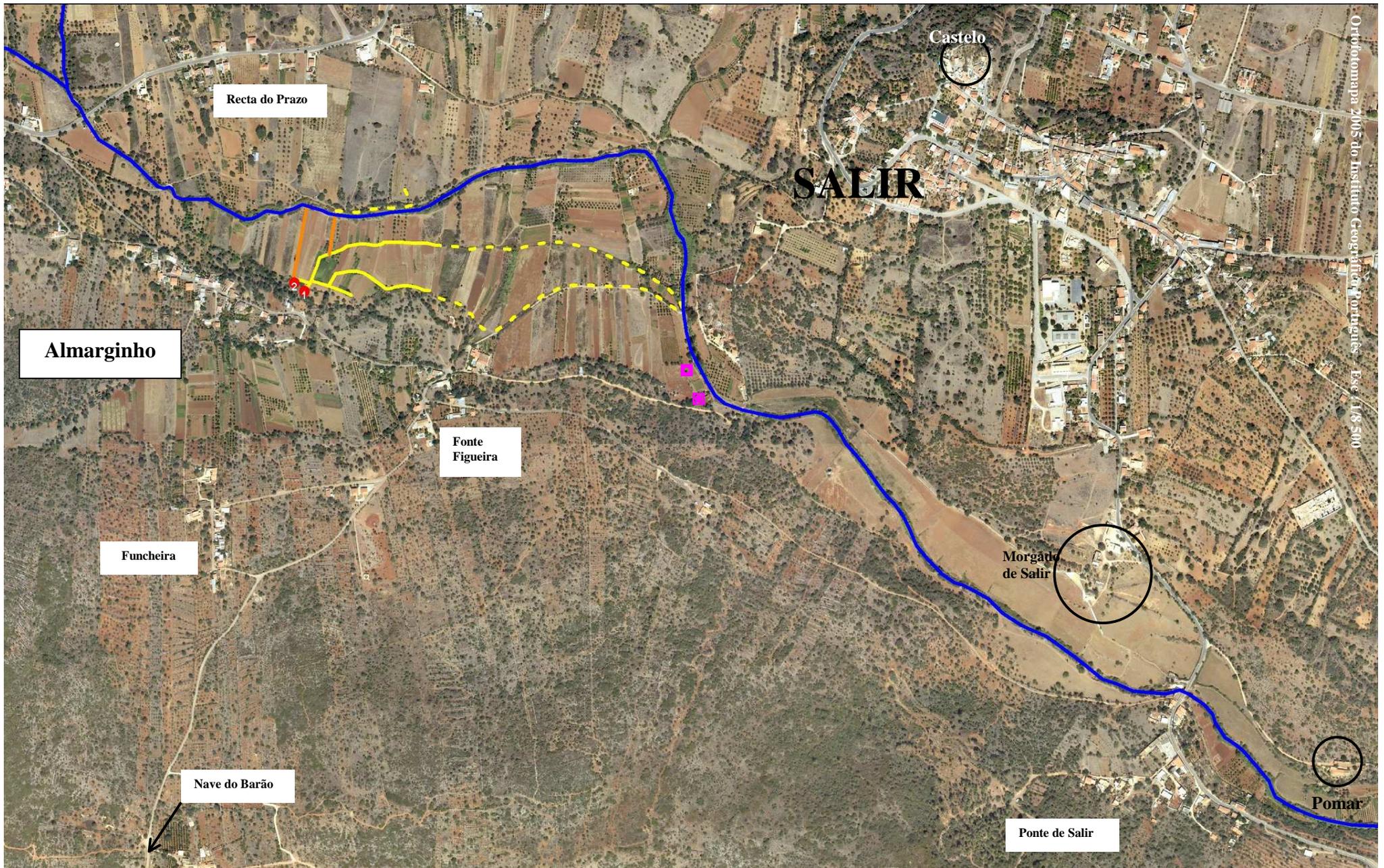


Ortofotomapa 2005 do Instituto Geográfico Português Esc. 1:18 500

- Legenda:**
- Mina do *Nascente*
  - Troços de levada em funcionamento
  - Troços de levada fora de funcionamento
  - Vala de descarga (directa) de água para a ribeira
  - Ribeira dos Moinhos
  - Furo de abastecimento público
  - *Olho* (nascente)

Figura 9 – Enquadramento territorial do regadio do “Nascente” na Freguesia de Salir

125



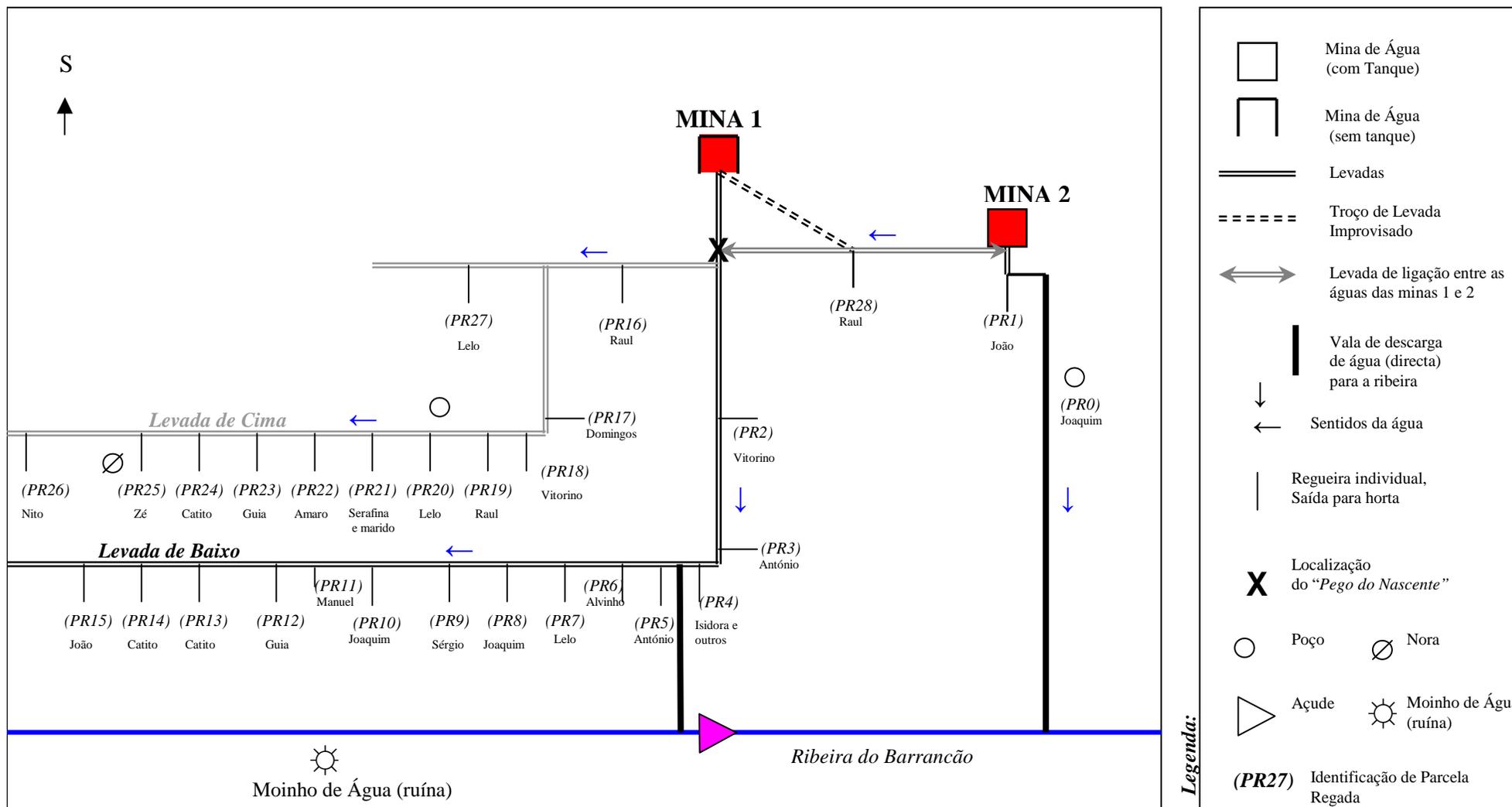
Ortofotomapa 2005 do Instituto Geográfico Português Esc. 1:18 500

- Legenda:**
- Mina do *Nascente*
  - Troços de levada em funcionamento
  - Troços de levada fora de funcionamento
  - Vala de descarga (directa) de água para a ribeira
  - Ribeira dos Moinhos
  - Furo de abastecimento público
  - *Olho* (nascente)

Figura 10 – Identificação das Zonas de Horta circundantes ao Almarginho



**Figura 11 – O Regadio do Nascente e Respectivas Parcelas Regadas (PR)**  
 - Dados referentes ao ano agrícola de 2005/06 –



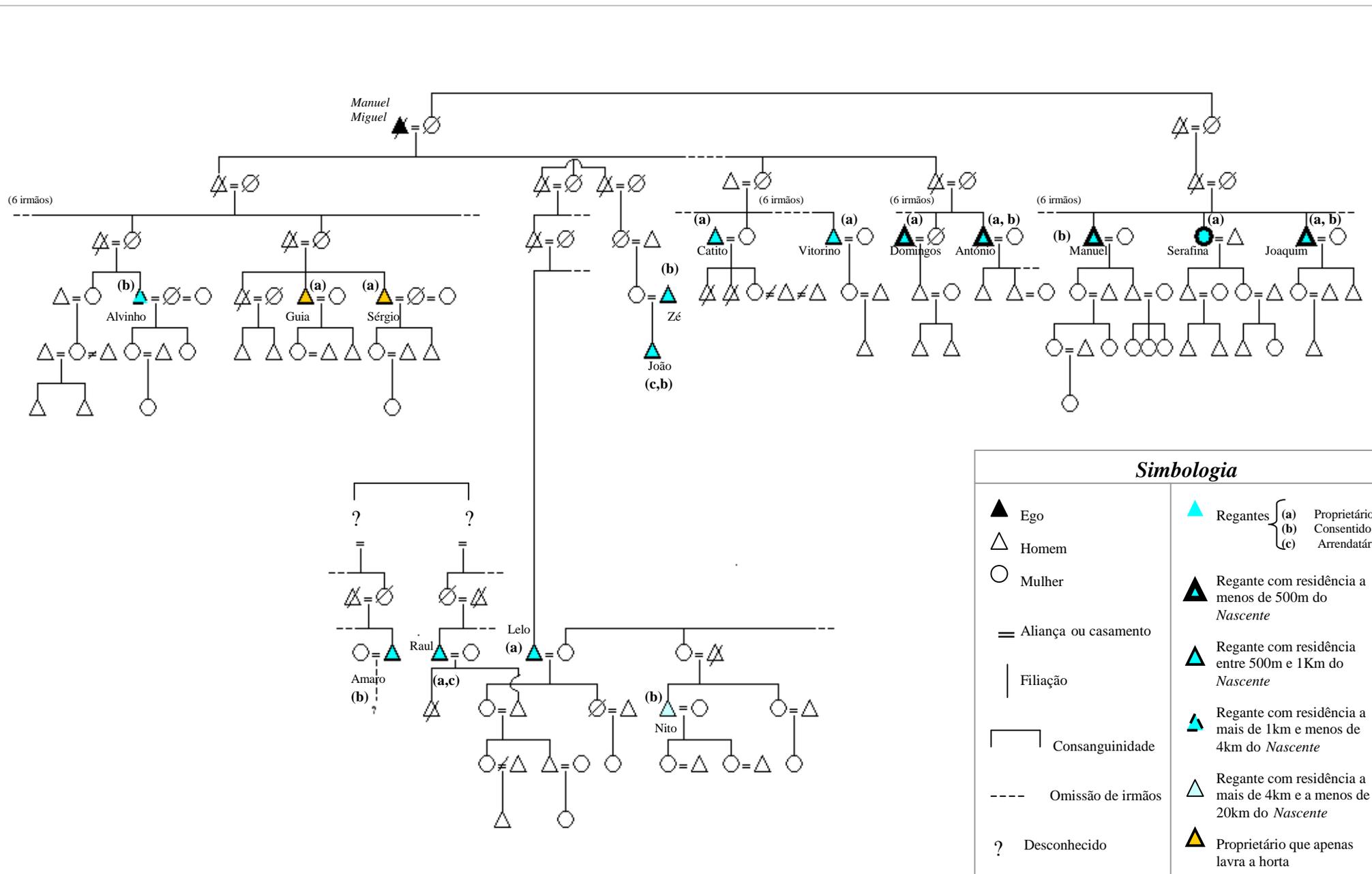
Moinho de Água (ruína)

Ribeira do Barrancão





Figura 12 – Genealogia do parentesco entre os regantes do *Nascente*



**Figura 14** – Artigo do jornal Correio da Manhã do dia 7 Dezembro 1994, a noticiar a morte de duas crianças levadas por uma enxurrada numa das ribeiras da área em estudo.

**4 Cm** 4.12.94

**F**aro (da nossa Delegação) -- Meia centena de bombeiros de três corporações munidos de vários equipamentos de imersão, apoiados com cinco viaturas, procurava ainda ontem os dois irmãos menores desaparecidos na ribeira da Torre, no concelho de Loulé.

As águas barrentas da ribeira têm estado a dificultar o trabalho dos mergulhadores, apesar da diminuição da corrente. Um dia depois do desaparecimento do Pedro Miguel e da Tânia Alfarroba de oito e cinco anos respectivamente, os bombeiros já não esperam encontrar as duas crianças com vida. E viram-se para a hipótese de estarem presas num qualquer cançal.

Nas buscas estão envolvidos os Bombeiros Municipais de Loulé, que durante a noite, munidos de holofotes vasculharam todos os locais possíveis ao longo dos 20 quilómetros da ribeira. Na altura a forte correnteza da água chegou mesmo a pôr em risco a vida de dois bombeiros. Durante o dia, a esta corporação vieram juntar-se mais homens de Abuféira, Faro e alguns populares.

O Pedro, a Tânia e o Fábio de três anos brincavam pelas 15 e 30 de quinta-feira, no leito seco da ribeira, enquanto nas proximidades a sua mãe, num

**Tragédia em Loulé**

# BOMBEIROS NÃO ENCONTRAM CRIANÇAS EM RIBEIRA

pego de água lavava a roupa. Quando "de um momento para o outro", conta, foram surpreendidos com uma grande enxurrada repentina, com cerca de metro e meio de altura de água.

Maria Alfarroba, em pânico, foi chamar o marido. Nuno Alfarroba, que de imediato se deslocou ao local, tendo tido apenas tempo para ouvir os gritos de socorro do filho mais velho, e conseguir salvar o mais novo, transportado ao hospital de Faro e actualmente livre de perigo.

O pai explicou ao **Correio da Manhã**, como em poucos minutos a tristeza atingiu a sua casa: "A menina nem a vi. E para tirar o Fábio, que seguia

junto à margem da ribeira, fui ainda arrastado uns dez metros, só parei quando me agarrar a umas ervas".

"O mais velho, que naquele dia não foi à escola, tentou levantar-se e acabou por cair de costas e nunca mais se conseguiu levantar. A água era uma força brutal", adianta ainda o pai, recordando os 20 minutos antes, quando os três irmãos brincavam felizes juntos a si, enquanto tratava do gado e arranjava uma viatura, no Morgado da Torre, onde trabalha e vive há oito anos.

A Ribeira da Torre era um local habitual onde as três crianças brincavam diariamente, e de acordo com o progenitor, desde o inverno passado que

corria apenas um "fio de água". Um dia trágico para a família Alfarroba quando se preparava para celebrar o aniversário do primeiro ano da Inês, a filha mais nova, cinco horas depois do desaparecimento do Pedro e da Tânia.

As primeiras chuvas que se fizeram sentir no Algarve, particularmente na Serra do Caldeirão, já fizeram as primeiras vítimas, numa ribeira onde, segundo apurou o CM junto de três cascos, resultando na morte de um menor, um jovem e uma septagenária. O caso mais recente registou-se há duas décadas.

**Jorge dos Santos**  
(foto: Lusa/CM/Luis Forra)

